

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**LUAN GALANI**

**JORNALISMO DE DESENVOLVIMENTO: ENTRE O MITO E A REALIDADE**

**CURITIBA**

**2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**LUAN GALANI**

**JORNALISMO DE DESENVOLVIMENTO: ENTRE O MITO E A REALIDADE**

Projeto teórico apresentado à disciplina  
de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Universidade Federal do Paraná, Setor  
de Ciências Humanas, Letras e Artes,  
Departamento de Comunicação Social –  
Curso de Jornalismo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Flávia Bazan  
Bespalhok.

**CURITIBA**

**2011**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
Tel.: (41) 3313-2005 Fax: (41) 3313-2004 e-mail: [decom@ufpr.br](mailto:decom@ufpr.br)

**AVALIAÇÃO DA APRESENTAÇÃO ORAL  
DO  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**NOME DOS ALUNOS: LUAN GALANI**

**TÍTULO: "JORNALISMO DE DESENVOLVIMENTO."**

**LOCAL DE DATA DA APRESENTAÇÃO ORAL:** Sede do Departamento de Comunicação Social da UFPR, realizado na Sala 2 do DECOM, no dia 12/12/2011, às 17h30.

BANCA EXAMINADORA	NOTA
FLÁVIA BAZAN BESPALHOK (Orientador)	10,0
ELSON FAXINA	10,0
RAKELLI CALLIARI (UEL)	10,0
MÉDIA FINAL: .....	10,0

BANCA EXAMINADORA	ASSINATURA
FLÁVIA BAZAN BESPALHOK (Orientador)	
ELSON FAXINA	
RAKELLI CALLIARI (UEL)	

Curitiba, 12 de dezembro de 2011.

*Desenvolvimento é como uma girafa:  
difícil de descrever, mas fácil de reconhecer.*

J.C. Lange, em 'National development and news values'.

## RESUMO

Histórico, conceituação e apresentação da modalidade de jornalismo de desenvolvimento, posta em prática principalmente na Europa e na Ásia, e ainda pouco conhecida no Brasil. A proposta moderna do gênero estriba-se em reportagens investigativas de profundidade sobre temas socioeconômicos e em um valor-notícia diferente, norteados por processos a longo prazo, em detrimento do *lead* e de notícias factuais e rápidas. Uma análise de quatro *features* do serviço em português da Deutsche Welle mostra que o estilo é possível de ser praticado.

**Palavras-chave:** rádio, jornalismo de desenvolvimento, jornalismo, feature.

## **ABSTRACT**

History, concept and presentation of the journalism modality called development journalism, which is most practiced in Europe and Asia, and is still little known in Brazil. The modern proposal of the genre is based on in-depth investigative reports about social and economic topics, and on a different news value, guided by long processes rather than the lead and hard news. A four feature analysis from Deutsche Welle's Portuguese service shows that it is possible to put the style into practice.

**Keywords:** radio, development journalism, journalism, feature.

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b>	09
<b>INTRODUÇÃO</b>	10
<b>METODOLOGIA</b>	13
<b>1. A TRAJETÓRIA DO JORNALISMO DE DESENVOLVIMENTO</b>	16
1.1. Termo multifacetado	16
1.2. DNA do conceito	18
1.3. Polarização: entre o céu e o inferno	24
1.4. Respeitar idiosincrasias: o desafio chinês	30
1.5. Modernização do conceito	32
1.6. Rádio: oásis do jornalismo de desenvolvimento	47
<b>2. AFINAL, O QUE É <i>FEATURE</i>?</b>	51
2.1. Origem no papel	51
2.2. O <i>feature</i> na sua melhor forma	53
<b>3. VOZ DA ALEMANHA</b>	90
3.1. Vozes do mundo	90
3.2. Arauto da liberdade	92
<b>4. O JORNALISMO DE DESENVOLVIMENTO NA PRÁTICA DO SERVIÇO EM PORTUGUÊS DA DEUTSCHE WELLE</b>	102
4.1. Os objetos de análise	103
4.2. Objetivos de Desenvolvimento do Milênio: escolaridade para todos na Índia	103
4.2.1. Roteiro de 'Objetivos de Desenvolvimento do Milênio: escolaridade para todos na Índia'	105
4.2.2. Análise da reportagem	110
4.3. Objetivos de Desenvolvimento do Milênio: escolaridade para todos na Colômbia	113
4.3.1. Roteiro de 'Objetivos de Desenvolvimento do Milênio: escolaridade para todos na Colômbia'	113
4.3.2. Análise da reportagem	117

4.4. Os homens do lixo de Manila: “Quem fica doente, morre”	119
4.4.1. Roteiro de ‘Os homens do lixo de Manila: “Quem fica doente, morre”’	119
4.4.2. Análise da reportagem	125
4.5. Mutilação Genital Feminina - parte 1: Os diferentes tipos	126
4.5.1. Roteiro de ‘Mutilação Genital Feminina - parte 1: Os diferentes tipos’	127
4.5.2. Análise da reportagem	132
4.6. A modalidade pela Deutsche Welle	134
<b>5. O JORNALISMO DE DESENVOLVIMENTO NO BRASIL</b>	137
5.1. Programa ‘Viva a Vida’	137
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	140
<b>7. REFERÊNCIAS</b>	144
<b>8. ANEXOS</b>	151



## AGRADECIMENTOS

Muitas vezes me pego pensando se eu realmente teria embarcado na aventura desta pesquisa se eu soubesse quanto trabalho ela demandaria e que jornada solitária ela seria. Mas minha família, amigos e colegas estavam sempre disponíveis para restaurar minha confiança e meu ânimo.

Por isso, um obrigado sempre renovado aos meus pais, pelo apoio e amor incondicional.

Ao Caio e à Amanda pela sempre involuntária e fundamental inspiração nas horas de escrever.

À professora e orientadora Flávia Bazan Bessalho pela paciência e pela eterna disposição em pôr a mão em vespeiros da comunicação.

Ao professor Élon Faxina pelos sábios conselhos em minha pré-banca.

À professora Myrian Del Vecchio de Lima por seu apoio constante.

Ao professor José Carlos Fernandes por me fazer ver ângulos do jornalismo até então impensados.

À grande amiga Katy Mary Berbes de Farias, por sua amizade inveterada.

Ao amigo e mestre Roberto Barros de Carvalho por seus valiosos ensinamentos.

Aos profissionais da Deutsche Welle pela presteza com que responderam às minhas persistentes indagações.

Ao Centro Europeu de Jornalismo pela bolsa de estudos em Bruxelas, que renovou minha esperança infantil e romântica para com o jornalismo ao me permitir entrar em contato com a variante aqui abordada.

A você, que doa seu tempo nessa leitura e que, tacitamente, se compromete a passá-la adiante.

E, finalmente, um agradecimento desmemoriado e sem graça a todos aqueles que também fazem parte desta aventura – alguns mais, outros menos –, mas que permanecem anônimos.

## INTRODUÇÃO

Na prática, jornalismo é contar a história ‘certa’ do jeito ‘certo’. Achar essa história pode ser difícil devido ao excesso de informação crível e frequentemente sensacionalista que obstrui as artérias das mídias modernas. Contar a história do jeito certo é um desafio constante, porque o excesso de histórias mal reportadas pode fazer até mesmo a boa escrita parecer redundante e exagerada. Nesse cenário pouco animador, parece – não muito raramente – que o jornalismo caiu em um estado melancólico.

Seja no rádio, na televisão ou no impresso, em sua maioria tenta-se cobrir as notícias com reportagens do tipo papagaio, que regurgitam informações já publicadas sobre temas familiares. Essa forma tediosa, trivial e estereotipada de jornalismo (KOS, 1997) pode ser útil para informar o grande público sobre fatos básicos, mas parece fazer pouco à melhora da compreensão geral de importantes eventos globais ou locais. Por isso, faz-se urgente uma nova mentalidade, sem aquela ultrapassada preocupação bizantina de traçar limites rígidos; e faz-se imperativa a necessidade de uma nova maneira de fazer jornalismo (CECIL-COCKWELL; FRYER-BIGGS, 2009).

Alguns jornalistas já perceberam essa realidade, e anunciaram que é hora de diminuir o ritmo de notícias e voltar ao jornalismo de qualidade, como afirma o jornalista canadense e editor chefe da revista *The Walrus*, John MacFarlane, em editorial assinado do número de setembro de 2011, intitulado “É tempo de um movimento de *slow news*?”.

Seu ponto principal se refere aos porquês das coisas, que raramente são fornecidos pelas mídias, que parecem preferir viver em um joguinho aparentemente vantajoso de quem noticiou o quê primeiro. Inspirado pelo movimento italiano *slow food*, MacFarlane defende que uma dieta de *hard news* é tão saudável quanto uma dieta de *fast food*.

“Da mesma maneira que muito açúcar e gordura farão você ficar doente, notícias do tipo ‘apenas adicione água e sirva’ o farão ficar mal informado e, portanto, um cidadão impotente”, ressalta o editorial. Como dizia uma famosa expressão de quando a ciência da computação ainda patinava, ‘entra lixo, sai lixo’ (*garbage in, garbage out*, em inglês); ou seja, a precisão e a qualidade da informação de saída dependem da qualidade da informação de entrada.

Devido a essa valorização – dilatada pela internet – da rapidez sobre a qualidade, muitas empresas ao redor do mundo estão fechando escritórios e diminuindo radicalmente o número de repórteres (WATES, 2010). Resultado: regiões inteiras do mundo se tornam, cada vez mais, menos cobertas pela mídia, e nós perdemos em conhecimento sobre esses locais (KUNCZIK, 1997). Desse modo, figura um jornalismo menos capaz, que, conseqüentemente, é um jornalismo menos livre. E a história já cansou de demonstrar que o jornalismo livre é matéria prima crucial para sociedades democráticas. Como alerta o teórico alemão Kunczik (1997), o empenho em produzir constantemente notícias com rapidez impossibilita a criação de reportagens baseada na investigação cuidadosa e na explicação de contextos.

*Jornalismo de desenvolvimento: entre o mito e a realidade* nasce então da necessidade de valorizar o jornalismo de desenvolvimento, modalidade que tem colecionado adeptos principalmente no continente europeu, como alternativa à situação descrita anteriormente. Como bolsista de um curso de pequena duração que fiz pelo *European Journalism Centre*, em Bruxelas, no ano de 2010, tive a oportunidade de ter contato com alguns trabalhos sobre jornalismo de desenvolvimento, com algumas práticas da modalidade e com alguns produtores entusiastas dessa variante, que, obviamente, me influenciaram.

Para refletir sobre essa modalidade, que subverte alguns cânones do jornalismo convencional, propus-me a fazer uma – ultrarrápida, por necessidade – visita ao DNA desse tipo de jornalismo e à experiência radiofônica *on-line* do serviço em português da *Deutsche Welle*, empresa pública de comunicação da Alemanha, apontada como um caso de sucesso da prática de jornalismo de desenvolvimento<sup>1</sup>. Mergulharemos de cabeça na conceituação do jornalismo de desenvolvimento, explorando suas características e suas transformações, partiremos para a conceituação de *feature*<sup>2</sup> e dos sistemas de rádio, e faremos uma breve descrição da *Deutsche Welle*, para então chegar à análise dos *features* da emissora alemã e do exemplo brasileiro de jornalismo de desenvolvimento.

---

<sup>1</sup> Baseado em informações proferidas pelo freelancer australiano e consultor da *Deutsche Welle* Guy Degen, na conferência intitulada *Developing World*, que aconteceu em 23 de março de 2010, em Bruxelas, Bélgica, sob coordenação da Comissão Europeia e do Centro Europeu de Jornalismo.

<sup>2</sup> O gênero “transita entre os campos da arte acústica e do jornalismo, e preza pela própria autonomia, tanto em relação à forma, quanto ao conteúdo” (SCHACHT, 2003, p. 12). E pode ser definido pela exploração constante da linguagem radiofônica, pelo aprofundamento em um único tema e pelo emprego da subjetividade.

A modalidade nasceu nas Filipinas, em 1967, e mais tarde se espalhou por outros países da Ásia e da África, a partir de onde ficou conhecida na Europa e na América do Norte. A concepção inicial dessa variante jornalística era bastante específica: baseava-se em uma cobertura aprofundada, principalmente acerca do desenvolvimento econômico em áreas rurais da Ásia, a fim de ensinar e informar os agricultores sobre temas relevantes, que pudessem facilitar ou melhorar suas vidas de alguma forma. Esse tipo de jornalismo primava pela visão de que reportagens de eventos de importância nacional e internacional deveriam ser construtivas, deveriam contribuir para o aumento da qualidade de vida e para o desenvolvimento do país.

Com o passar dos anos, a variante passou por muitas transformações. Mas o seu âmago permanece intacto: outro parâmetro de valor-notícia<sup>3</sup>. O jornalismo de desenvolvimento não se concentra nas notícias diárias, mas nos processos a longo prazo.

No entanto, apesar de seus 44 anos de existência, a modalidade é até hoje pouco conhecida no Brasil, a não ser por pistas breves dadas em um único livro traduzido para o português, o que pode ser um fator limitante para colegas da área. Aí reside a importância desse trabalho exploratório, já que conhecer essa variante pode ajudar a construir soluções para impasses da mídia contemporânea e inaugurar novas práticas.

Vale ressaltar que esta pesquisa não pretendeu esgotar essa temática num trabalho de proporções modestas. Pelo contrário, aspirou em servir de catapulta para discussões posteriores. Acredito que é indispensável prosseguir com pesquisas que venham a dar continuidade ou completar as óbvias lacunas aqui existentes. É claro que esta é uma tarefa aberta a qualquer investigador que venha a se interessar pelo tema.

Como ressalta Bessalok (2006), será ainda possível pensar num veículo que tenha como suas premissas “elevar o nível de consciência, estimular a reflexão e converter cada homem em um agente ativo da transformação do seu meio natural, econômico e social”, como defendia Mario Kaplún (1978, p. 21) para o rádio? O jornalismo de desenvolvimento pode ajudar a responder tal questão.

---

<sup>3</sup> Também chamado de critério de noticiabilidade, é um valor subjetivo que determina a importância que um fato ou acontecimento detém para ser noticiado (MARCONDES FILHO, 1985; MENDONÇA JORGE, 2006).

## METODOLOGIA

O estudo objetivou verificar e discutir os diferentes conceitos de jornalismo de desenvolvimento, bem como analisar parte da experiência radiofônica on-line do serviço em português da Deutsche Welle (DW) nesse tipo de jornalismo. Pretendeu-se resgatar a gênese e o desenvolvimento desse gênero jornalístico, identificar suas características e analisar parte da produção radiofônica da DW – quatro *features* –, presente na seção de jornalismo de desenvolvimento, intitulada ‘Contraste’.

Isso foi feito a fim de proporcionar uma maior familiaridade com o tema, com vistas a torná-lo mais explícito (CARLOS GIL, 2002). O delineamento foi constituído por pesquisa bibliográfica, desenvolvida com base em material já elaborado, bem como por estudo essencialmente qualitativo. Segundo Bauer e Gaskell (2002), o estudo qualitativo busca interpretar os dados para mostrar como os fenômenos se apresentam.

E isso atingido através da análise de conteúdo livre – segundo metodologia utilizada por Besspalhok (2006) –, que tem grande capacidade de adaptação aos desafios emergentes da comunicação (FONSECA, 2005) – como é o caso do jornalismo de desenvolvimento –, a fim de descobrir quais eram as características contemporâneas dessa modalidade jornalística, ir além das aparências construídas em torno do objeto de estudo (BARDIN, 1977); e enriquecer a inferência e a interpretação sem um olhar imediato e espontâneo.

Foram analisados quatro *features* radiofônicos do serviço em português da Deutsche Welle, da seção ‘Contraste’. A escolha desses programas foi aleatória, de modo a atender à grande gama de possibilidades possíveis para a prática do jornalismo de desenvolvimento no rádio. Dois *features* exploram o mesmo assunto (a saber, educação), mas focam em diferentes exemplos de políticas públicas: um positivo e outro negativo. Isso mostra como a modalidade também deve analisar políticas que deram certo, não só noticiando tragédias ou situações ruins. Os outros dois *features* são fiéis ao que a modalidade prega e fazem bom uso da linguagem radiofônica.

Os quatro *features* são:

- 1) Objetivos de Desenvolvimento do Milênio: escolaridade para todos na Índia;

- 2) Objetivos de Desenvolvimento do Milênio: escolaridade para todos na Colômbia;
- 3) Os homens do lixo de Manila: “Quem fica doente, morre”;
- 4) Mutilação Genital Feminina - parte 1: Os diferentes tipos;

Eles foram veiculados pela primeira vez, respectivamente, nos dias 17 de setembro de 2010, 24 de setembro de 2010, 29 de abril de 2011 e 19 de setembro de 2011. Os *features* foram baixados em formato mp3 do site da emissora, na íntegra, e, para examiná-los com maior acuidade, utilizamos os roteiros dos materiais. Dois roteiros foram cedidos pela Deutsche Welle (a saber, ‘Os homens do lixo de Manila’ e ‘Mutilação Genital Feminina’); os outros dois foram transcritos pelo autor deste trabalho.

Posteriormente, foram conduzidas entrevistas abertas e individuais com dois jornalistas, as quais visavam aprofundar o entendimento acerca da modalidade, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir, fazer perspectivas (BARROS; DUARTE, 2005). Por e-mail, entrevistamos o alemão Johannes Beck, diretor do serviço radiofônico em português da Deutsche Welle, e entrevistamos pessoalmente Ivo Prati, um dos produtores do programa de rádio da Pastoral da Criança.

Acima de tudo, saber como e por que as coisas acontecem é, muitas vezes, mais útil do que obter precisão sobre o que está ocorrendo (BARROS; DUARTE, 2002). Essa foi, também, uma das preocupações deste estudo.

No primeiro capítulo, mergulharemos de cabeça na história do conceito de jornalismo de desenvolvimento, explorando suas características e suas transformações, com o passar dos anos. No segundo capítulo, trataremos de *feature*, um gênero radiofônico que serve de base para a prática do jornalismo de desenvolvimento da Deutsche Welle, que será analisada posteriormente. No terceiro capítulo, faremos um breve histórico da empresa de comunicação alemã em questão e dos três sistemas de comunicação, a saber, público, estatal e comercial. O quarto capítulo se concentrará na análise de quatro *features* da emissora alemã, e a quinta e última parte vai tratar de uma breve análise de um exemplo brasileiro, que pratica a modalidade jornalística.

No fim do trabalho, estão disponibilizados três CDs de áudio. O primeiro contém o *feature* exemplo, indicado para escuta no capítulo dois; o segundo tem os

programas da Deutsche Welle, que foram analisados; e o terceiro está com dois exemplos de programas da Pastoral da Criança.

## 1 A TRAJETÓRIA DO JORNALISMO DE DESENVOLVIMENTO

### 1.1. TERMO MULTIFACETADO

Esse capítulo dedica-se a traçar a história do jornalismo de desenvolvimento e a apresentar os principais conceitos que assumiu ao longo dos anos. Também nos preocuparemos em analisar esses diversos tipos de jornalismo de desenvolvimento por meio do delineamento de suas diferentes características, bem como dos maiores obstáculos que estancam sua prática na atualidade. Como essa parte do trabalho vai mostrar, o caminho percorrido por essa modalidade jornalística – de sua origem até hoje – é pontuado por debates ferrenhos. Os grupos dos dois lados da mesa da discussão vivem às turras e os consensos são poucos. A começar por parte do conceito principal desse trabalho: desenvolvimento.

Como Lange (1984 apud KUNCZIK, 1997, p. 342) brinca, “desenvolvimento é como uma girafa: difícil de descrever, mas fácil de reconhecer”. A palavra, no entanto, representa um complexo processo de mudança social, a partir do interior de uma sociedade, que pode ocorrer de diversas maneiras, em diferentes setores. Kunczik (1997) afirma que muitos pesquisadores preferem empregar o termo ‘qualidade de vida’ para explicar o desenvolvimento, pois, segundo eles, a ideia embutida no conceito fica mais explícita e fácil de ser apreendida.

Um relatório das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Humano (2000, p. 8) argumenta que “a erradicação da pobreza é o maior desafio do século 21 no que se refere aos direitos humanos. Uma qualidade de vida decente, nutrição adequada, cuidado médico, educação de qualidade, trabalho e proteção contra calamidades não são apenas metas de desenvolvimento – são também direitos humanos”. Em palavras simples, desenvolvimento é um processo que visa acabar com a pobreza, como afirma o jornalista inglês Oliver Wates (2010), correspondente da Reuters por 21 anos. E Wates deixa claro: desenvolvimento não é caridade, é uma maneira de auxiliar as pessoas a se ajudarem.

Vale ressaltar que, de acordo com Kunczik (1997), nações subdesenvolvidas ou em desenvolvimento significam sociedades inferiores aos países desenvolvidos, localizados em sua maioria no hemisfério norte, em questões de capacidade econômica e tecnológica, mas não implica, de maneira alguma, que essa sociedade seja inferior quanto à qualidade de vida e aos valores culturais.



Além disso, existe muita discordância sobre quais as melhores maneiras para as sociedades se desenvolverem, já que esses modos devem estar subordinados aos contextos específicos de cada nação. Charles Frankel (1968) e Kunczik (1997) afirmam que, para realizar uma mudança, deve-se observar o contexto atual e o passado, pois ambos influem na direção de onde e como podemos ir. Senão, as propostas para as mudanças sociais que não levem em conta este fato estarão destinadas à auto ilusão. Apesar disso, as metas são universais (ZACHARY, 2007). Elas são redução da pobreza, expansão de oportunidades e o estabelecimento de normas básicas que cubram elementos essenciais da vida, estendendo-se desde a educação até a saúde, do trabalho ao meio ambiente, da segurança alimentar ao acesso a novas tecnologias de comunicação.

Wates (2010) defende que o melhor ponto de partida para compreender o que de fato representa o desenvolvimento são os 'Objetivos de Desenvolvimento do Milênio'. Eles corporificam de forma resumida todos os elementos necessários para uma população se desenvolver plenamente e foram lançados no ano de 2000 por todos os países membros das Nações Unidas.

A saber, as oito metas são:

- 1) Erradicar extrema pobreza e a fome;
- 2) Atingir o ensino básico universal;
- 3) Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres;
- 4) Reduzir a mortalidade na infância;
- 5) Melhorar a saúde materna;
- 6) Combater o HIV/Aids, a malária e outras doenças;
- 7) Garantir a sustentabilidade ambiental;
- 8) Estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento.

Zachary (2007) aponta para o curioso fato de que jornalistas provenientes de países ricos tendem a ver o desenvolvimento como um processo inevitável, que pode ser sempre alcançado. Já os jornalistas de países em desenvolvimento são mais polarizados. Alguns são entusiastas do desenvolvimento e do papel do governo em administrar esses processos. Outros veem o desenvolvimento como o criador de novas formas de exploração, de desafios contemporâneos ao controle democrático e de um abismo cada vez maior entre 'ganhadores' e 'perdedores'.

Perguntas intrínsecas seguem na pauta de discussões: desenvolvimento para quem? Elites privilegiadas? Os mais necessitados? As classes médias? E desenvolvimento a que custo? Ele deveria vir aos custos do meio ambiente, de maneira que o crescimento econômico rápido plante sementes para futuras catástrofes? O desenvolvimento é essencialmente econômico ou humano? Ele é melhor mensurado pela saúde e pela educação de pessoas? Essas questões geram debates intermináveis e as tornam mais confusas porque não há qualquer entendimento sobre quem são os atores centrais no drama. Seria a nação-estado? Corporações multinacionais? Comunidades locais? Grupos étnicos? O indivíduo?

Durante o restante da apreciação desse trabalho, vale ter em mente, com justa razão, que embora todo desenvolvimento seja modernização, nem toda modernização é desenvolvimento (FREIRE, 1985).

## 1.2. DNA DO CONCEITO

O conceito original de ‘jornalismo de desenvolvimento’ – *development journalism* ou *Entwicklungsjournalism*, nos termos em inglês e alemão, respectivamente – teve seu primeiro esboço no início dos anos de 1960 por um grupo de jornalistas asiáticos, que estavam preocupados com o fato de que muitas empresas de comunicação estavam cobrindo temas socioeconômicos de uma maneira superficial (EAST4SOUTH, 2011<sup>4</sup>; LOO, 2009).

Elas publicavam *press releases* e citações governamentais oficiais, e deixavam pouco espaço para análises ou avaliações de projetos de desenvolvimento. A partir da perspectiva desses jornalistas, o desenvolvimento nacional dependia em muito da economia e, por isso, eles defendiam que os jornalistas deveriam ser mais bem treinados, e educados para cobrir de maneira completa, simples e imparcial os muitos problemas de uma nação em desenvolvimento (MWAFFISI, 1991).

Ao longo de vários seminários conduzidos por esses jornalistas sobre o tema, o conceito foi sendo paulatinamente moldado. Ele foi finalmente cunhado em 1967, em um curso para jornalistas de economia, na Universidade das Filipinas de Los Baños, em Manila, a capital do país, pelos jornalistas filipinos Alan Chalkley, Juan

---

<sup>4</sup> Site conjunto entre a Deutsche Welle (serviço público alemão) e o European Journalism Centre (Centro Europeu de Jornalismo), com sede na Holanda.

Mercado e Erskine Childers (OGAN, 1980). Loo (2009), contudo, contesta indiretamente essa data ao atestar que o termo fora batizado somente em agosto de 1968.

A concepção inicial dessa modalidade jornalística era bastante específica: baseava-se em uma cobertura aprofundada, principalmente acerca do desenvolvimento econômico em áreas rurais da Ásia, a fim de ensinar e informar os agricultores sobre temas relevantes, que pudessem facilitar ou melhorar suas vidas de alguma forma. Esse tipo de jornalismo primava por uma visão segundo a qual a reportagem dos eventos de importância nacional e internacional deveria ser construtiva; ou seja, deveria contribuir para o aumento da qualidade de vida e para o desenvolvimento do país onde essa modalidade fosse exercida. É consenso em todos os autores consultados por essa pesquisa que o jornalismo de desenvolvimento não deveria concentrar-se nas notícias diárias, factuais, mas nos processos a longo prazo.

Em outras palavras, o valor-notícia mudava drasticamente. Também chamado de critério de noticiabilidade, ele é um valor subjetivo que determina a importância que um fato ou acontecimento detém para ser noticiado (MARCONDES FILHO, 1985; MENDONÇA JORGE, 2006). O jornalismo de desenvolvimento então não cobriria uma greve de fome, mas a fome em si; não cobriria um pequeno atentado no Paquistão, mas a situação política do país ou o terrorismo como fenômeno social.

Ele não mais se pautaria pela atualidade e pela velocidade, principais valores norteadores do jornalismo geral da época, pois, segundo Kunczik (1997), o empenho em produzir constantemente notícias com rapidez impossibilitava a criação de reportagens baseada na investigação cuidadosa e na explicação de contextos.

De acordo com Kunczik, ao operar com base na suposição de que o ouvinte, o leitor ou o telespectador se interessava unicamente pelas notícias de atualidade, cometia-se um erro. A compulsão pela atualidade – a novidade pela novidade – levava à superficialidade, já que oferecia um jornalismo de retalhos, que preferia a rapidez à precisão. E deve ficar claro que a precisão nesse caso não se referia à simples checagem correta de uma informação sobre um fato, apenas. Aqui, precisão dizia respeito à checagem de contextos complexos, muitas vezes desconhecidos e impossíveis de serem obtidos por qualquer tecnologia disponível em um curto período de tempo. Assim, o jornalismo de desenvolvimento divulgava de maneira

mais profunda um número menor de temas, ao invés de bombardear com todo tipo de informação sobre todas as coisas.

No contexto filipino de origem do termo, Christine Ogan (1980, p. 9) cita a pioneira Nora Cruz Quebral, que define o jornalismo de desenvolvimento como:

“a arte e a ciência da comunicação humana aplicadas à transformação acelerada de um país e da massa da sua população que se encontra na pobreza, levando-os para um estado dinâmico de crescimento econômico, que possibilite maior igualdade social e uma maior realização do potencial humano”.

Para Quebral (1975, p. 2), a missão do jornalismo de desenvolvimento é a emancipação de grupos marginais, como os pobres urbanos, os camponeses, as mulheres etc., a fim de ajudá-los a participar ativamente no processo político, influenciando definitivamente seus destinos. Portanto, desenvolvimento não apenas significa a transição da pobreza para a prosperidade material, mas implica também dignidade humana, segurança, justiça e igualdade.

É importante destacar que a mesma universidade que foi o berço desse conceito ousado e inovador – até hoje – estabeleceu o Departamento de Comunicação de Desenvolvimento, na Faculdade de Agricultura, como o primeiro de seu tipo em 1973 (QUEBRAL, 1975). Os cursos de graduação e pós-graduação desse departamento focavam essencialmente no ensino da reportagem jornalística sobre políticas públicas para o desenvolvimento rural.

Os três jornalistas asiáticos supracitados como os criadores do conceito em questão trabalhavam para o *Philippine Press Institute* (Instituto de Imprensa das Filipinas), que, mais tarde, em conjunto com outros institutos, fundou o *Press Foudation of Asia* (Fundação de Imprensa da Ásia) em 1967, de acordo com Ogan (1980). Um ano mais tarde, essa fundação veio a criar um dos maiores expoentes da prática do jornalismo de desenvolvimento, a agência *Depth News* (Notícias com profundidade, em tradução livre), uma das principais responsáveis por difundir o conceito.

A agência, cujas iniciais surgiram das palavras inglesas *Development, Economic and Population Themes* (Temas de desenvolvimento, economia e geografia, em tradução livre), prestava um serviço noticioso de *features*<sup>5</sup> para promover histórias modelo para a mídia da região (LOO, 2009). Loo ressalta que as

---

<sup>5</sup> Apesar de ser uma prática jornalística quase centenária em países europeus, o gênero é novo no Brasil e será detalhado no próximo capítulo.

histórias da agência se concentravam na reportagem aprofundada e cobriam temas de mudança social e desenvolvimento, frequentemente negligenciadas pelos fornecedores das *hard news*.

Conceitualmente, o jornalismo de desenvolvimento deriva da ‘comunicação de desenvolvimento’ (*development communication* e *Entwicklungskommunikation*, em inglês e alemão, respectivamente), também conhecida como ‘comunicação para o desenvolvimento’. Na Índia e nas Filipinas, essa comunicação consistia em disseminar informação, e até mesmo educar, sobre novos métodos de plantio e outras inovações na agricultura para camponeses durante um período de reformas agrárias (LOO, 2009). Segundo Loo (2009), as estratégias da comunicação de desenvolvimento eram centradas no princípio de se comunicar de dentro da base de conhecimento e a partir das experiências de vida dos agricultores, o que se aproxima em muito do método antropológico da etnologia.

Paulo Freire (1985) compartilha dessa mesma visão. Aquele que recebe conteúdos que a sua inteligência não pode perceber ou que contradizem a própria forma de estar em seu mundo, não apreende a informação e não aprende. Embora Freire analise o problema da comunicação entre técnico (agrônomo) e camponês, no processo de desenvolvimento da nova sociedade agrária que se criava na América Latina na época, sua análise pode ser estendida, em comparação com sociedades da Ásia que se encontravam no mesmo nível de desenvolvimento.

Ele assinala que o papel de educar as pessoas do campo não é outro senão o de humanizar o homem na ação consciente que este deve fazer para transformar o mundo. Fica evidente que o camponês era tratado com um claro sentido de superioridade e de dominação pelo técnico. Ou seja, o homem do campo era uma ‘coisa’, um objeto de planos de desenvolvimento que o negavam como ser da transformação do mundo, que ignoravam suas reais necessidades. Isso fazia do camponês um depósito que recebia mecanicamente aquilo que o homem superior (o técnico) impunha para desenvolvê-los. Freire nos diz que conhecer não é o ato através do qual um sujeito recebe conteúdos passiva e docilmente. Pelo contrário, exige uma presença curiosa, que implica a invenção e a reinvenção do que apreende. E, em paralelo com o que o autor aqui em questão afirma – de a atribuição do agrônomo não ser exclusiva, mas sim de todos que contribuam para a mudança social –, o papel do agrônomo caberia, então, sob o prisma da comunicação de desenvolvimento, à comunicação.

Locksley (2009) e um site<sup>6</sup> conjunto da *Deutsche Welle* (empresa pública alemã, cujo nome significa 'Onda da Alemanha') com o *European Journalism Centre* (Centro Europeu de Jornalismo) diz que os principais objetivos dessa comunicação são: 1) compartilhar informação, construir um entendimento mútuo e assegurar uma ação coletiva; 2) ajudar as pessoas a melhorar suas comunidades, em acordo com suas necessidades sociais e culturais; 3) ser um processo igual e de duas vias, baseado no diálogo e na interação; 4) conectar diferentes perspectivas e assegurar mudança, por via de um conjunto de técnicas, meios de comunicação e métodos; 5) fomentar auto reflexão de grupos marginalizados e de pessoas desamparadas.

Nora Quebral (1975) salienta que a comunicação de desenvolvimento não é confinada somente aos canais dos meios de comunicação de massa. Ela inclui qualquer meio de comunicação efetivo, seja interpessoal, face a face, em pequenos grupos, uma figura ou peças de teatro. Essa é a principal diferença com relação ao jornalismo de desenvolvimento, que se restringe aos canais oficiais da mídia (a saber, emissoras de rádio e televisão, e jornais e revistas).

Dentro desse contexto, o jornalismo de desenvolvimento acabou servindo instantaneamente aos interesses de países de toda a Ásia e África, e, no exercício diário, muitos jornalistas e a maioria dos governos desses continentes criaram diferentes significados para o conceito (OGAN, 1980).

Isso atraiu severas críticas de jornalistas educados no sistema midiático norte americano e europeu, e foi responsável por demonizar o termo, como veremos mais adiante. A partir de então, o jornalismo de desenvolvimento ficou relacionado a um tipo de jornalismo facilmente manipulado, e, assim, facilmente controlado por governos.

Ao mesmo tempo, contudo, a adoção de diferentes significados e práticas é no mínimo compreensível, se atentamente analisada a seguinte situação. Os países em desenvolvimento não são uma categoria homogênea (OLUJOBI, 2006) e precisam de modelos teóricos que abarquem as complexidades e as raízes históricas de seus problemas contemporâneos (AMBROSIO, 2008). Siebert, Peterson e Schramm (1956) corroboram o argumento, ao afirmar que a imprensa sempre toma a forma e o colorido das estruturas sociais e políticas em que opera, já que a mídia sofre influência de poderes políticos, econômicos e culturais.

---

<sup>6</sup> [www.east4south.org](http://www.east4south.org).

Tomemos como exemplo o caso do Sudeste Asiático. A região é um verdadeiro caldeirão, reunindo diferentes sistemas políticos, religiões e, conseqüentemente, uma variedade de sistemas de funcionamento da mídia, que acompanha esse pluralismo étnico-cultural.

O sistema político dos 11 países que formam o grupo do Sudeste Asiático varia desde o militarismo em Myanmar, ex-Birmânia, ao regime de sultanato em Brunei, ao sistema (de democracia leve para alguns ou de suave autoritarismo para outros) praticado em Cingapura e na Malásia, à transição democrática na Indonésia, à monarquia na Tailândia, e às Filipinas, considerada a sociedade mais ocidental na Ásia. Além da diferença no tamanho geográfico de cada país, outras áreas que marcam a complexidade do Sudeste Asiático são encontradas nos vários idiomas, religiões e também nos vários níveis de desenvolvimento. Devido a essa situação heterogênea, padrões de prática e de ética em jornalismo não existem (AMBROSIO, 2008, p. 61).

Fica claro, a partir dessa explanação sintética, que um único conceito não pode ser apreendido e empregado da mesma forma quando as formações socioculturais são tão diferentes. Baseado nesse argumento, Kunczik (1997) advoga que os modelos de jornalismo criados em países 'ricos' não são transferíveis para os países em desenvolvimento. Por isso, para ele, o jornalismo de desenvolvimento veio a cortar o cordão umbilical com a ciência da comunicação europeia e norte americana.

No entanto, apesar dessa versão formal da origem do jornalismo de desenvolvimento, alguns anos antes já era possível encontrar pistas no Canadá e na Índia do que viria a ser a modalidade, segundo o professor de jornalismo do Brooklyn College Tanni Haas (2009). E essas pistas se encontram justamente no rádio, no formato de fóruns rurais de rádio, que datam de 1940. Na época, a *Canadian Broadcasting Corporation* (CBC), em colaboração com a Associação Canadense para a Educação de Adultos e a Federação de Agricultura do Canadá, decidiu estabelecer fóruns para ajudar a resolver vários problemas socioeconômicos que afetavam agricultores canadenses.

Os objetivos eram os mesmos do jornalismo de desenvolvimento: oferecer oportunidade para que discutissem soluções para problemas, avaliassem políticas públicas e gerassem ideias para futuros planos de desenvolvimento. Segundo Haas, em centenas de cidades, por todo o Canadá, se formaram grupos de discussão, nos quais os agricultores pudessem escutar coletivamente as transmissões de rádio semanais produzidas pela CBC e posteriormente discutir o conteúdo ouvido. As

conclusões dos debates eram então encaminhadas para a emissora, para que ela pudesse incluí-las no programa da próxima semana ou transformá-las em pautas.

Haas conta que, impressionados pelo design e pela implementação desses fóruns, a Unesco ofereceu à *All India Radio*, serviço nacional de rádio da Índia, financiamento para que fizessem o mesmo. De 1956, quando o primeiro fórum de rádio foi formado em 150 vilas por todo o estado de Mumbai, até 1974, quando a maioria dos fóruns acabou, milhares de vilas abrigaram os fóruns.

Como a experiência canadense, na Índia eles tinham oportunidade para debater os programas de rádio, mas com uma vantagem extra. Havia programas que acompanhavam as ações tomadas pelos agricultores locais logo depois de ouvir às transmissões. Além de ajudar os moradores dessas vilas a criar soluções ou propostas de políticas públicas, esses programas também eram transmitidos para outras localidades, a fim de instigar outras comunidades a fazerem o mesmo.

Haas aponta que as consequências disso foram bastante positivas. Os fóruns acabaram se tornado “verdadeiros parlamentos”, em uma posição intermediária entre o conselho formal do vilarejo e um encontro informal da prefeitura. Por consequência, os programas e os fóruns acabaram introduzindo muitos tópicos antes inexistentes na discussão política, e atraíram muitos participantes que não estavam envolvidos nos processos de tomada de decisão.

Embora essas práticas não sejam consideradas elementos fundadores do gênero aqui discutido, pode-se inferir que já havia uma ânsia por um jornalismo diferente. É certo o fato de que tais fenômenos não podem ser ignorados.

### 1.3. POLARIZAÇÃO: ENTRE O CÉU E O INFERNO

Uma vez que o conceito estava criado, suas diferentes práticas em diversos países da Ásia e África foram paulatinamente dando forma ao que muitos pesquisadores classificaram em duas escolas principais do jornalismo de desenvolvimento (KUNCZIK, 1997; WOLF; WIMMER, 2005), pelo menos até a primeira metade da década de 1980. Elas são a investigativa e a benevolente-autoritária.

Narinder Aggarwala (1979), oficial de informação regional para a Ásia e o Pacífico, do programa de desenvolvimento das Nações Unidas da época, exorta a visão do jornalismo de desenvolvimento como uma nova forma de reportagem



investigativa, a qual se aproxima bastante do estilo ocidental de jornalismo investigativo conhecido hoje. Baseados na visão de Aggarwala, Wimmer e Wolf (2005, p. 3) apresentam a visão dessa escola:

O jornalismo de desenvolvimento deveria examinar criticamente, avaliar e interpretar a relevância de planos, projetos, políticas, problemas e temas de desenvolvimento. Ele deveria indicar as disparidades entre os planos e as realizações efetivas, e incluir comparações de como o desenvolvimento está progredindo em outros países e regiões. Deveria também providenciar contexto e informação de *background* sobre os processos de desenvolvimento, discutir o impacto de planos, projetos, políticas e problemas sobre as pessoas, e especular sobre o futuro do desenvolvimento. E o jornalismo de desenvolvimento deveria se referir às necessidades das pessoas, que podem variar de país para país ou de região para região, mas que, geralmente, incluem as necessidades primárias, como alimentação, moradia, trabalho; necessidades secundárias, como transporte, fontes de energia e eletricidade; e necessidades terciárias, como diversidade cultural, reconhecimento e dignidade.

Ogan (1980) explica que essa escola serviu como uma nova responsabilidade para repórteres e editores da Ásia. E a relação desses jornalistas com seus governos foi, no mínimo, como a relação entre adversários, já que jornalistas ofereciam críticas aos planos governamentais e suas implementações. Segundo essa linha, a escola investigativa deveria pôr mais ênfase no questionamento e na avaliação crítica da utilidade dos projetos de desenvolvimento. Mas o requisito básico para essa prática é a liberdade de imprensa, algo ausente em quase todos os países em desenvolvimento da época, pois os Estados não estavam dispostos a apoiar um sistema de comunicação que fosse abertamente crítico.

Rosemary Righter (apud OGAN, 1980) culpa a prática jornalística, posta em ação pela Fundação Jornalística da Ásia (*Press Foundation of Asia*), pela queda desse tipo de jornalismo investigativo nos países em que era colocado em execução. Segundo ela, os sucessos do jornalismo de desenvolvimento alertaram governos para a importância da cobertura socioeconômica, e para sua potencial utilidade, se sistematicamente posta para mobilizar apoio público.

O conceito, que pretendia aumentar o espaço para debates livres, foi cooptado por vários governos para controlar seus cidadãos em nome do jornalismo de desenvolvimento. Um dos jornalistas responsáveis por difundir o conceito na Ásia, o indiano Amitabha Chowdhury, chega a confidenciar que se arrependeu amargamente de estar envolvido na difusão do termo justamente por esse motivo (OGAN, 1980).

É necessário ter extremo cuidado ao discutir essa transição para a escola benevolente-autoritária, pois, por enquanto, os argumentos nos levam a pintar a maioria desses governos de uma forma precipitada. Na verdade, embora muitos fossem autoritários para alimentar ambições pessoais e egocêntricas de seus líderes, a grande maioria o fazia por pensar deter bons motivos, a pretexto do bem comum, como veremos a seguir.

Na visão benevolente-autoritária, a mídia utilizaria os meios de comunicação de uma maneira ‘benévola’ e autoritária para mobilizar as massas, modernizar as sociedades e promover as identidades culturais nacionais (WOLF; WIMMER, 2005; KUNCZIK, 1997; OGAN, 1980;). Em outras palavras, o jornalismo poderia manipular seletivamente a informação, tivesse sempre em mente o bem estar público. Kunczik (1997) sugere como uma das causas dessa situação o fato de que se pode considerar os países em desenvolvimento estancados em uma espécie de crise permanente, e, em tempos de crise, a supressão da informação era considerada legítima.

Na África, durante os anos de 1960, deu-se muita ênfase à importância do jornalismo na formação de identidades nacionais, na superação das estruturas tribais e do individualismo. O jornalismo então deveria promover uma coesão nacional. Por esse motivo, Mwaffisi (1991) explica que o jornalismo de desenvolvimento entregava uma responsabilidade pesada para os jornalistas africanos. A responsabilidade deles se tornava um fardo por comunicarem para e sobre nações e sociedades que estão, ou quase estão, no começo de seu desenvolvimento. Mwaffisi assevera que suas notícias deveriam servir de estímulo ao orgulho nacional e à unidade, já que, para as nações jovens, tais sentimentos eram muito importantes para o desenvolvimento ocorrer.

Ele cita Hilary Ngweno, que diz que, em países como esses – como algumas nações africanas que enfrentaram e ainda enfrentam a desunião e o tribalismo –, o dever *primo* da imprensa é encorajar uma maior unidade nacional, pois, sem o mínimo de união, todos os outros valores humanos em uma sociedade se tornam impossíveis ou insignificantes. “Em minha visão, a imprensa deveria se confinar na difícil tarefa de ajudar a unir a nação e a remover desconfiança entre comunidades e tribos”, defende Ngweno (apud MWAFFISI, 1991, p. 87).

Essa visão é corroborada por Riegel (apud ODHIAMBO, 1991), o qual indica que o objetivo desses governos nas comunicações não é promover consciência

global ou educação, no sentido de aumentar a compreensão e apreciação de ideias e culturas de outras nações e povos, como em uma comunidade global, mas sim preservar e reforçar o senso de nacionalidade e o *status quo* nacional.

Com essa perspectiva predominante em mente, a expropriação e posterior nacionalização dos meios de comunicação – pois eles já tinham sido porta-vozes de autoridades coloniais – foram a regra nos recém-independentes Estados africanos, mesmo que esses países não tivessem senso algum de nacionalidade para preservar nem estruturas institucionais através das quais a mídia pudesse integrar seus cidadãos (ODHIAMBO, 1991).

Mais: os diferentes povos das ex-colônias europeias, que ganharam independência, não chegavam a consenso algum sobre cultura, política, economia, nem entravam em entendimento por que tipo de liderança política optariam nem sobre como escolher seus líderes. Portanto, trazer essas nações emergentes para o século 20 da comunicação se traduziu em prover os governos com ferramentas para combater diferenças, promover a unidade nacional e a disciplina.

Embora os argumentos possam pecar pelo exagero, eles capturam a essência do problema. Com a nacionalização de muitas empresas, os jornalistas tornaram-se servos e porta-vozes dos governos. Segundo Odhiambo (1991), muitos jornalistas não protestaram. Na verdade, deram apoio aos governos, na crença de que isso estava sendo feito por motivos patrióticos e de que, mais tarde, os políticos assumiriam seu papel tradicional de liderança e deixariam os jornalistas exercerem seu papel de *watchdog*<sup>7</sup>. Mas isso não ocorreu na maioria dos casos.

Na opinião de Ngweni (apud MWAFFISI, 1991, p. 87), o desafio da imprensa em países jovens é o desafio de depositar fundações sobre as quais as futuras liberdades florescerão. Sob algumas das condições de pobreza, doença e analfabetismo, nas quais um vasto número de pessoas viviam na Ásia, África e América Latina, seria um sacrilégio, para ele, falar sobre liberdade de imprensa na época, quando sobreviver era o princípio operativo sobre o qual a pessoa vivia.

A ideia de mídia independente foi rejeitada expressamente também por Kwarne Nkrumah, presidente de Gana na época e ex-jornalista, que usou o jornal em que trabalhava para reunir apoio para seu partido político durante o processo de

---

<sup>7</sup> O conceito se baseia na noção de fidelidade canina e representa o profissional de jornalismo como um cão de guarda da sociedade perante desvios, como escândalos e corrupção, por exemplo; ou seja, o jornalismo seria uma instituição sempre vigilante da máquina pública (MESQUITA, 2003).

independência do país (ODHIAMBO, 1991). O então presidente argumenta que dentro do sistema competitivo do capitalismo, a imprensa não consegue funcionar em acordo com a fidelidade dos fatos. Para ele, o jornal deveria ser um educador coletivo, um instrumento de mobilização, uma arma para destronar o colonialismo e o imperialismo, e para ajudar na total independência do continente africano.

Há, assim, fundamentalmente, o perigo do abuso. O jornalismo de desenvolvimento pode servir de pretexto ou de ideologia para impedir, por exemplo, a divulgação de violações dos direitos humanos. Bastam poucos exemplos para comprová-lo. Kunczik (1997) lembra de uma conferência em 1984 onde o presidente Kenneth Kaunda e seu Ministro da Informação insistiram em que a imprensa de Zâmbia era independente. Porém, eles não viam nenhuma contradição na proibição da divulgação do desastre de Hambruna<sup>8</sup>, na parte ocidental do país, porque, segundo eles, essa informação macularia a reputação do país.

O jornalismo de desenvolvimento também serviu de pretexto para justificar a ditadura de Marcias Nguema Biyogo (1924-1979), na Guiana Equatorial, que pisoteou os direitos humanos na década de 1970. Devido ao cerceamento de diversas liberdades e à brutalidade com que ele tratava seus cidadãos, o país ficou conhecido como 'Dachau da África', em alusão ao campo de concentração alemão de Dachau, da Segunda Guerra Mundial.

De acordo com Kunczik (1997), também para o imperador de Bokassa – na África Central –, Jean-Bédél Bokassa (1921-1996), o conceito de jornalismo de desenvolvimento era agradável, porque glorificava a sua dominação. Da perspectiva desse jornalismo, portanto, o culto da personalidade poderia ser interpretado como a promoção da integração nacional.

Kunczik, porém, destaca que o verdadeiro jornalismo de desenvolvimento não é a reportagem meramente afirmativa e laudatória, elogiosa, que estabelece de forma ritual os supostos êxitos dos detentores do poder. E na asserção clássica de maio de 1842, Marx alertou a respeito das consequências negativas da censura à imprensa (apud KUNCZIK, 1997, p. 114):

---

<sup>8</sup> Crise alimentar de 1984 que resultou em uma devastadora crise de fome, acarretando a morte de mais de um milhão de pessoas na Zâmbia, Etiópia e Malawi, segundo a Organização das Nações Unidas. Imagens dramáticas dessa situação foram divulgadas principalmente pelas televisões. O nome 'Hambruna' parece ser um erro de tradução da obra referida, pois significa fome, em espanhol.

A imprensa censurada tem um efeito desmoralizador. É o mal fortalecido, por meio do qual a hipocrisia é inseparável, e desse mal básico decorrem todas as suas outras debilidades. O governo ouve apenas sua própria voz, sabe que está ouvindo apenas sua própria voz, mas engana-se a si mesmo, pensando que está ouvindo a voz do povo e suas reivindicações, conduzidos à ilusão pelo próprio Estado. Mas o povo, por sua vez, mergulha na superstição política e no ceticismo ou se afasta da vida estatal, convertendo-se em populacho. [...] É assim que a censura destrói o espírito de Estado.

Bagdikian (1972) corrobora essa compreensão e diz que existem momentos na história que todos os poderes estabelecidos se sentem preocupados, e que, nesses tempos de mudança social, aqueles no controle operam a partir de uma visão obsoleta do mundo e ficam alarmados quando acham falhas no sistema que governam.

Eis a vista obsoleta mais saliente que os líderes políticos da África – mencionados nesse trabalho – viam, segundo Bagdikian (1972) e Odhiambo (1991): ameaças constantes aos seus governos de bandidos armados que procuram tomar o poder em nome de governos estrangeiros. Por isso eles culpam todos, menos suas próprias ações e políticas.

Nessa visão, os planos de desenvolvimento para o país, em todos os âmbitos da vida, já estão pré-determinados pelo governo. Não cabe ao jornalismo discutir e sugerir planos. Nesse caso, a comunicação está lá somente para dar suporte, para ajudar a alcançar esses objetivos, na maioria das vezes apenas apresentando a visão governamental, sem críticas, para galvanizar a população.

Essa segunda escola sobre a qual comentamos (benevolente-autoritária) foi inicialmente chamada de *developmental journalism* (em contrapartida ao *development journalism*), por Leonard Sussman, então diretor da *Freedom House* – organização não governamental fundada em 1941 por Wendell Willkie e Eleanor Roosevelt para advogar e conduzir pesquisas acerca de democracia, liberdade política e direitos humanos. Para Sussman, essa segunda escola de jornalismo de desenvolvimento era pura propaganda (OGAN, 1980). E foi essa prática, que tanto se espalhou pela Ásia e pela África, que acabou demonizando o termo jornalismo de desenvolvimento. Quando citado, o sinônimo imediato a ser relacionado com o termo é ‘governo’.

#### 1.4. RESPEITAR IDIOSSINCRASIAS: O DESAFIO CHINÊS

Por razões culturais e religiosas bastante específicas, a partir da década de 1980, surgiram propostas de jornalismo de desenvolvimento que levassem em conta tais perspectivas, respeitando crenças e diferenças, com os devidos cuidados (HUSSAIN, 1986; REDDI, 1986 apud KUNCZIK, 1997). Na visão deste trabalho, o melhor exemplo cabe à China.

O serviço em inglês da agência chinesa de notícias *Xinhua* publicou em 1985 um discurso apresentado numa reunião da Secretaria do Comitê Central do Partido Comunista da China, pelo então secretário-geral, Hu Yaobang. No discurso, ele menciona que, na época, a China tinha 300 mil jornalistas e, segundo o transcrito, “o jornalismo do Partido é a voz do Partido, e naturalmente essa voz é a do governo do povo, que é dirigido pelo Partido, e também é a voz das próprias pessoas” (apud KUNCZIK, 1997, p. 144). Hu exigiu que esse jornalismo fosse veraz, oportuno, mais interessante e instrutivo, que tivesse um acentuado caráter de classe, que trabalhasse vigorosamente pela prosperidade do Estado e do povo, acima de tudo. De acordo com o secretário-geral chinês, os jornais devem dedicar 80% do espaço para reportagens de coisas e realizações positivas e utilizar os 20% restantes de seu espaço para criticar o aspecto degradado das coisas e descobrir os defeitos da nação.

Kunczik conta que os eventos importantes poderiam ser divulgados unicamente depois de sua completa verificação pelo Partido. “Se os deixássemos sem controle, eles envenenariam as mentes dos jovens e baixariam o moral dos trabalhadores”, justifica Hu (apud KUNCZIK, 1997, p. 145). E ele continua: “Os departamentos de jornalismo são um canal e um departamento indispensável, talvez o mais importante. Que grande honra é falar em nome do Partido!”.

Assim, constata-se que o jornalismo praticado na China não é autônomo, mas subordinado ao Estado e ao Partido. Não há interesse pelo público, como na concepção ‘normal’, ocidental, tida como universal. Ao jornalismo não é permitido questionar o sistema político e ele é exortado a servir ao bem comum. A única opção jornalística parece ser a seleção e simples apresentação da informação para lhe assegurar a eficácia, como Kunczik pontua.

A influência das peculiaridades culturais nessa prática diferenciada são imperativas e, como afirma Zhao (2009), é impossível entender com profundidade o

papel da comunicação no desenvolvimento do país asiático em questão sem se referir às estruturas políticas, econômicas e culturais. Historicamente, constatou-se que valores que concernem ao desenvolvimento têm sido uma importante parte na construção de notícias na China, desde 1950 (ELLIOT, 1998), embora diferentes valores tenham sido enfatizados em diferentes tempos. Em seus estudos, que cobrem quatro períodos específicos entre os anos de 1957 até 1988, Elliot comprova que os espaços para as críticas sempre foram os menores nos *press releases* da agência chinesa de notícias, chegando a alcançar a mísera quantidade de 0,8% no intervalo entre 1977-1978.

Como o confucionismo é responsável por parte dessa variante chinesa (KUNCZIK, 1997; ELLIOT, 1998), por estar enraizado na sociedade há mais de 2 mil anos, faz-se necessário entendermos melhor essa ‘filosofia de vida’, nas próprias palavras de Prothero (2010). Ele afirma que o confucionismo surge com Confúcio em uma época que a China está afundada em guerras civis, aproximadamente no século 6 a.C. Portanto, o problema para essa filosofia é o caos, e a solução é a harmonia, a ordem social. E ela é unicamente atingida por meio da ética, da bondade com os outros e dos rituais, os quais criam uma sociedade estável, sem conflitos. Prothero evidencia a presença de uma hierarquia rígida nas relações da sociedade chinesa e, segundo o confucionismo, para haver a tão aspirada harmonia social, todos devem saber seus papéis nas relações sociais. Sempre existe o dominador e o dominado em uma situação, e isso deve ser respeitado, pois o sentido de humanidade reside na relação com os outros, no estar em comunidade.

A estratificação social é bastante respeitada e, para não incomodar idosos ou superiores, as opiniões dissidentes não são expressas publicamente. Entre pessoas do mesmo nível, o respeito hierárquico é substituído pelo preceito da harmonia, que se manifesta pela seleção extremamente cuidadosa das palavras. Chu (1986 apud KUNCZIK, 1997) menciona a importante influência do confucionismo sobre o comportamento comunicativo, que impõe aos chineses a necessidade de manter as aparências.

Além de sua preferência pela comunicação indireta por via de terceiros, que possam servir como amortecedores de conflitos potenciais, existe uma grande diferença entre as opiniões que se podem expressar em situações públicas e privadas (CHU, 1986 apud KUNCZIK, 1997). Afora que utilizam-se de diferentes canais para transmitir mensagens diferentes. Por isso o canal verbal é apropriado

principalmente para transmitir mensagens amistosas e harmoniosas, e as mensagens duras e conflitivas se transmitem por escrito.

Por esses motivos, o jornalismo não pode questionar o Estado, a fim de garantir harmonia e manter a integração do Partido. Embora tomar uma posição crítica não signifique rejeitar o próprio Estado, nem hostilizar a política ou os políticos, ambos acabam sendo sinônimos para os chineses. Dessa maneira, não há espaço para a primeira escola do jornalismo de desenvolvimento ser praticada na China. O segundo tipo também não se encaixa na experiência chinesa, principalmente por causa do contexto cultural diferenciado.

Daí nasce a necessidade de uma escola à parte, que se preocupe com o desenvolvimento e que vise cobrir os temas encobertos por esse conceito. Mas ela tem um grande desafio em suas mãos. Como fazer tal cobertura em um contexto tão restrito de liberdades? Como conciliar os valores socioculturais com a atividade jornalística, sem que um machuque ou exija monopólio na relação? Essas são questões ainda sem respostas.

### 1.5. MODERNIZAÇÃO DO CONCEITO

Com o passar dos anos, nutrido por discussões fervorosas – como a que surgiu com o relatório MacBride da Unesco (1980; CALABRESE, 2005) – e por minuciosas pesquisas acadêmicas de casos específicos, como o caso de Benin (SAXER; GROSSENACHER, 1987) e do Senegal (GROSSENACHER, 1988), por exemplo, o conceito de jornalismo de desenvolvimento se modificou.

Há inclusive quem diga que o jornalismo de desenvolvimento é um oxímoro (figura de linguagem que harmoniza dois conceitos aparentemente opostos numa só expressão). Fleury (2004) – então diretor de comunicação do *International Development Research Centre* (Centro de Pesquisa de Desenvolvimento Internacional) – certifica que “países em desenvolvimento precisam de bom jornalismo e de bons jornalistas, ponto final”. E argumenta que o papel que o jornalismo de desenvolvimento alega ter já é o papel da mídia e do jornalista tanto em países em desenvolvimento quanto em países mais desenvolvidos.

De qualquer forma, com o passar dos anos, constatou-se que os principais problemas que o mundo enfrenta são globais: mudança climática, poluição dos oceanos, a diminuição das reservas de alimento, escassez de água, doenças como



a gripe H1N1, tráfico de drogas, tráfico humano, terrorismo internacional e migrações forçadas (WATES, 2010). Esses assuntos entraram com toda força na agenda política internacional e esse é um dos principais motivos por que o jornalismo de desenvolvimento conquistou vários adeptos – mas não suficientes – nos países mais desenvolvidos.

Por essa razão, Wates afirma que essa modalidade jornalística é atualmente uma variedade de jornalismo internacional investigativo, pois é praticada visando à cobertura da situação socioeconômica de outros países, principalmente os em desenvolvimento, que não o seu. O jornalismo de desenvolvimento hoje é fundamental não apenas por mediar temas em nações em desenvolvimento, mas também por ajudar a direcionar as políticas e os subsídios dos países desenvolvidos aos países em desenvolvimento. Wates assinala que quanto mais bem informados os cidadãos do ‘Norte’ estão, mais eles podem ajudar o ‘Sul’ a se içar para fora da pobreza. E Wates destaca a necessidade da mídia da Europa, América do Norte e Leste Asiático melhorar seu entendimento sobre as realidades dos países em desenvolvimento a fim de aumentar a consciência sobre essas nações em seus cidadãos.

Contudo, vale ressaltar que quando um veículo nacional cobre a situação socioeconômica do próprio país, seguindo preceitos do jornalismo de desenvolvimento, o conceito retorna parcialmente ao que era, na época de seu nascimento. Nesse cenário, o jornalismo de desenvolvimento é um jornalismo investigativo que media temas, gera discussões e ajuda na proposta de soluções.

No contexto contemporâneo, o jornalismo de desenvolvimento não precisa ser necessariamente chamado de jornalismo de desenvolvimento para ser jornalismo de desenvolvimento, como destaca Labrador (1995). Assim, o conceito acaba por englobar outros tipos de jornalismo, como o ambiental e o científico, por exemplo (KUNCZIK, 1997; WATES, 2010; entre outros). Um dos melhores exemplo cabe ao site britânico *SciDev.Net*, resultado da organização sem fins lucrativos de mesmo nome, que se dedica a fornecer informações confiáveis e competentes sobre ciência e tecnologia para os países em desenvolvimento, como o próprio texto do site afirma.

Agora, ao invés de focar na cobertura de problemas em áreas rurais, somente, como concebia o conceito original, o jornalismo de desenvolvimento também centraria suas forças nas áreas urbanas, hoje tão problemáticas (KUNCZIK,

1997). O valor-notícia também foi revisto (ZACHARY, 2007; KUNCZIK, 1997; LOO, 2009; WATES, 2010) e hoje já se aceita o casamento entre o jornalismo de desenvolvimento e o modelo da pirâmide invertida, que, na época do cunho do termo, não era bem visto por ir de encontro com o valor de processos a longo prazo.

Wates (2010) relata que os dois modelos mais comuns para construir histórias de desenvolvimento são o que ele chama de geral e individual. O geral utiliza a estrutura básica da pirâmide invertida, que coloca o fato ou o argumento principal no início do texto, encaixando as outras informações em ordem decrescente de importância, seja qual for o meio. Ele dá três curtos exemplos: “Até 500 mil Ruritânios<sup>9</sup> podem enfrentar a fome esse ano depois que o fracasso das chuvas anuais reduziu suas plantações de grãos a quase um terço, agências internacionais de ajuda alertaram...”; “Novas linhagens de milhos resistentes a secas dobraram as colheitas no noroeste da Ruritânia nos últimos dois anos, elevando os níveis de nutrição e diminuindo a migração para as cidades, de acordo com um relatório do...”; “Um novo sistema de microfinanciamento, administrado por um grupo local de mulheres da cidade de X, Ruritânia, ajudaram 10 mil crianças a irem a escola pela primeira vez...” (WATES, 2010, p. 17).

Já o modelo individual é uma abordagem que prima pelo *feature*, em detrimento do *lead*. Ela procura trazer o leitor para próximo do tema ao pintar um cenário de um caso individual, revelando a questão principal apenas posteriormente, por exemplo. Assim, comunica-se a situação de milhões ao descrever em detalhes os problemas de uma única pessoa ou família. Wates destaca que esse modelo de cobertura pode ter um impacto muito maior que o do *lead*.

E ele nos presenteia com outro exemplo:

Fátima mexe nas folhas amarelas murchas da sua plantação de milho, que se estende em fileiras ordenadas através da sua pequena propriedade de terra vermelha, seca pelo calor. “Elas deveriam estar dessa altura agora”, ela diz, levantando sua mão na altura da cintura. “Agora é tarde demais. Mesmo se chovesse amanhã, não ia crescer muito”. Desde que seu marido morreu de Aids dois anos atrás, os cinco filhos de Fátima e sua mãe idosa dependem da plantação de milho para ter o que comer diariamente. Esse ano, eles terão de passar sem isso (WATES, 2010, p. 17).

A tarefa do jornalismo de desenvolvimento da atualidade ainda é analisar sempre de maneira crítica a realidade social. É crucial lembrar que tomar uma

---

<sup>9</sup> Ruritânia é um país hipotético bastante utilizado em discussões acadêmicas em inglês.

posição crítica não significa rejeitar o próprio Estado, nem hostilizar a política ou os políticos, e menos ainda um negativismo geral. O jornalismo de desenvolvimento estriba-se numa atitude positiva de cooperação, ao mesmo tempo em que critica. Ele serve para informar os cidadãos, de forma que confiem em si mesmos, para que cooperem no processo de desenvolvimento, contribuam com seus pontos de vista e tenham interesse extremo em controlar o governo, denunciando e combatendo o abuso de poder e a corrupção. Portanto, o jornalismo de desenvolvimento assume o papel de mediador, já que quase sempre haverá um cenário de conflito constante, seja desacordo em torno das metas a alcançar, da ordem das prioridades ou dos custos aceitáveis.

Degen<sup>10</sup> e outros pesquisadores, como Labrador (1995), defendem rigidamente que o jornalismo de desenvolvimento humanize os fatos, que dê uma perspectiva de carne e osso para os problemas socioeconômicos e políticos.

Para isso, faz-se necessário um contato direto com as fontes. Insiste-se na ideia de que para conhecer certas áreas ou dimensões de uma sociedade é necessário um contato, uma vivência durante um período de tempo razoavelmente longo, pois existem aspectos de uma cultura e de uma sociedade que não são explicitadas, que não aparecem à superfície e que exigem um esforço maior, mais detalhado e aprofundado de observação e empatia (VELHO, 2004). O jornalista de desenvolvimento, nesse caso, é primo de hábitos do antropólogo.

Degen explica que “não se pode chegar inesperadamente a um campo de refugiados, por exemplo, e esperar que uma família jogue todas as experiências dela em você. Isso leva tempo. Eles precisam confiar e se acostumar com você”. Como podemos ver, não há substituto à altura para o acesso humano direto. “Para escrever sobre a dificuldade de um pescador, com poder e autoridade, você precisa estar lá, entrevistá-lo por quanto tempo for necessário, examinar o barco, as redes, sua pesca, e fazer sua própria avaliação no local”, Wates (2010, p. 21) advoga. E conta que, como as primeiras aparências podem ser enganosas, o jornalista que só ‘corre’, frequentemente irá confundir o que está acontecendo, apresentando muitas vezes generalizações e simplificações que constroem estereótipos nada saudáveis.

---

<sup>10</sup> Baseado em informações proferidas pelo freelancer australiano e consultor da *Deutsche Welle* Guy Degen, na conferência intitulada “Developing World”, que aconteceu em 23 de março de 2010, em Bruxelas, Bélgica, sob coordenação da Comissão Europeia e do Centro Europeu de Jornalismo.

O que, mais uma vez, nos permite emprestar conceitos da antropologia. As coisas que sempre vemos e encontramos podem ser familiares, mas não necessariamente conhecidas (VELHO, 2004). No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento. Estar familiarizado é estar habituado com sua presença, mas não conhecer suas crenças, vidas, hábitos, valores. E o grau de familiaridade pode constituir-se em impedimento, o que pode nos levar a julgamentos apressados e preconceituosos. Tome como exemplo a miséria de alguns países da África e a dita liberdade total creditada à Holanda. Esses assuntos nos são familiares pelo contato midiático, quase que diário, que mantemos com eles. Porém, não os conhecemos e não os compreendemos.

Para melhor compreender a importância dessa humanização tão enfatizada no jornalismo de desenvolvimento atual, temos de nos enveredar por outras teorias, que mostram a importância dessa característica.

De acordo com o cientista político norte americano Marshall Berman (1986), o individualismo é uma das características *master* da modernidade. E essa característica, que chega a diminuir o fluxo das relações sociais, torna a todos menos humanos. O holandês Jacob Mey (2003) utiliza do mesmo argumento, mas usa o conceito de ‘descorporificação’, que é a perda do contato humano nas diversas relações humanas, principalmente na sociedade da informação que está em voga na atualidade. Segundo ele, a velocidade está se tornando em nossos dias mais importante que qualquer outra coisa.

Mey faz uso da metáfora das auto estradas (*Autobahns*, em alemão) para defender sua tese. Conforme Mey explica, as auto estradas só podem ser usadas por carros, banindo-se delas todo o tráfego leve. Consequentemente, são muito mais isoladas do que as antigas estradas. Portanto, pode-se viajar por um país da dimensão da Alemanha, por exemplo, sem ver um único morador da cidade. Elas são alheias ao elemento humano. Deixou-se de comunicar. A metáfora da ‘super rodovia’ da informação consolida a eliminação total da presença humana na estrada. É a informação que viaja rapidamente de um lugar para outro. Nessa estrada da informação, a presença física daqueles que agem como seus provedores se tornou redundante. Em paralelo, encontra-se a mesma situação no jornalismo diário: diminuição ou ausência da comunhão entre seres humanos.

A interação face-a-face é diferente da interação, por exemplo, via ‘meio’ (ex.: ao telefone) que representa para nós um contato humano ‘normal’ e somente nos ocorre questionar o papel do meio em um possível desentendimento. O aparecimento da internet e de todo tipo de serviços de encontros ‘descorporificados’ é um corolário da problemática acima discutida. O jornalismo, ao obedecer à velocidade, e eliminar esse contato, realizando entrevistas – portanto relações – por meio de telefone e internet, não prima mais pelo contato humano, embora goste muito, já que fica evidente o sucesso que os livros reportagem fazem na área da comunicação.

A socióloga e antropóloga francesa Claudine Haroche, diretora emérita de pesquisas do Centro Nacional de Pesquisa Científica, em Paris, França, chancela as afirmações de Mey (2003) e Berman (1986) e vai além. Segundo ela<sup>11</sup>, por sermos sensibilizados o tempo todos por várias mídias, acabamos não mais diferenciando uma sensibilização da outra e nos tornamos inertes. Ao sermos bombardeados com tantas informações, de acordo com Haroche, sobra pouco tempo para pensar e refletir, o que piora ainda mais o cenário. Por isso, ela propõe um pensar artesanal, que tome seu tempo e que saiba selecionar as informações que recebe.

Portanto, a exemplo dessa ‘exigência’, o jornalismo de desenvolvimento se torna uma modalidade difícil de ser praticada no contexto contemporâneo, pois, segundo Kunczik (1997), a qualidade no jornalismo não é compatível com a pressão temporal da atualidade. Por meio dessa asserção, fica claro que o autor considera o jornalismo de desenvolvimento como de alta qualidade e não subordinado ao fator ‘tempo’. Contudo, em maior ou menor grau, o tempo sempre será um fator a ser levado em conta.

Loo (2009) esclarece que os métodos do jornalismo de desenvolvimento não necessariamente substituem as práticas convencionais e orientadas para o mercado do jornalismo regular. “O jornalismo de desenvolvimento destaca o que a cobertura convencional tem negligenciado”, ressalta Loo (2009, p. 19). E Wates (2010) corrobora, salientando que as características do bom jornalismo se aplicam igualmente ao se escrever sobre desenvolvimento – um *lead* poderoso, fontes apropriadas, estilo descritivo de *feature*, equilíbrio, boas citações, sonoras ou imagens etc.

---

<sup>11</sup> Baseado em informações proferidas no colóquio internacional intitulado “Eichmann em Jerusalém: 50 anos depois”, que aconteceu em 09 de novembro de 2011, em Curitiba.

E ele dá outras dicas valiosas:

- 1) Quando sua notícia sobre desenvolvimento não é forte o bastante para competir por espaço com outras histórias, escreva um *feature*. Você terá mais espaço para explicar complexidades e mais liberdade para escrever com criatividade para comunicar o que realmente está acontecendo.
- 2) Mantenha o humano no humanitário – fale sobre indivíduos para ilustrar o tópico geral e conte a história por trás dos duros fatos e estatísticas.
- 3) Incluir seu *feature* a um evento noticioso é útil por possibilitar uma análise mais profunda; por isso, mantenha o *feature* presente. E utilize como gancho conversas de paz, conferências importantes, julgamentos e aniversários (“Cinco anos depois que a guerra civil Ruritária terminou, Ahmed ainda luta para achar um trabalho...”).
- 4) Entreviste imigrantes de países em desenvolvimento e trace sua história a partir do testemunho deles.
- 5) Preste atenção em grandes produções cinematográficas ou livros que toquem em temas de desenvolvimento, como ‘O Jardineiro Fiel’, ‘Diamante de Sangue’, ‘Hotel Ruanda’, ou sucessos inesperados de esportistas de países em desenvolvimento no cenário mundial. Eles podem providenciar um gancho de interesse para seu público.
- 6) Para onde seus leitores, ouvintes e telespectadores vão passar as férias? Alguns vão para países em desenvolvimento. E longe de praias paradisíacas e clubes noturnos badalados, há pobreza em abundância, que um jornalista criativo pode tornar interessante.
- 7) Para jornalistas que procuram controvérsias, operações de ajuda humanitária são um solo fértil. Questões a serem feitas: deveria a ajuda ser dada em dinheiro? A operação é feita para melhor atender aos interesses de quem recebe ou de quem fornece ajuda? A comida deveria ser importada ou comprada localmente e em países vizinhos? A comida é geneticamente modificada? Entre outras perguntas.

Labrador (1995) dá a seguinte dica, quando se está em dúvida ou em dificuldade com alguma reportagem: pense em HELPS. Esse termo lembra o verbo

‘ajudar’, na língua inglesa, e significa: **H**umanize, **E**nergize, **L**ocalize, **P**ersonalize e **S**implify. Ou seja, humanize, energize, localize, personalize e simplifique.

Porém, existem obstáculos que obstruem a prática do jornalismo de desenvolvimento. Wates (2010) avalia que o principal desafio é como interessar o público a ler sobre eventos e pessoas do outro lado do mundo. Em países europeus que um dia formaram poderes coloniais, como a Holanda, o Reino Unido e a França, os jornalistas de desenvolvimento começam com uma vantagem. O público segue os eventos nas antigas colônias por séculos e está acostumado a ler e a ouvir sobre eles. O fluxo de imigração e os laços familiares com essas partes do mundo encorajam o interesse.

Gianni Carta (2003) afirma que os diários britânicos de qualidade são admirados pela investigação apurada *ad nauseam* e por ter correspondentes (fixos ou *stringers*<sup>12</sup>) em todos os cantos do planeta, justamente para alimentar o genuíno interesse do leitor britânico pelo que acontece nas mais remotas ilhas africanas ou nos confins da Ásia. Essa curiosidade remonta claramente aos tempos em que Londres era a capital do império britânico e do mundo.

Mas em países sem esse passado colonial, como os países da Europa Central, a tarefa é muito mais difícil. Schramm e Atwood (1981) verificaram que, no Sudeste Asiático, há uma surpreendente falta de interesse nos jornais locais por notícias de desenvolvimento, provenientes de outros países.

Segundo Labrador (1995), os objetos sobre os quais o jornalismo de desenvolvimento se debruça não chamam muita atenção. Em outras palavras: não vendem. Como conclui Mário Mesquita (2003), o jornalismo de desenvolvimento não colheu muitos adeptos na prática, uma vez que o mercado não é compatível com histórias de baixa audiência. Um exemplo é o que conta Tetsuji Ida, repórter da agência japonesa de notícias *Kyodo News* (apud ZACHARY, 2007).

Ela lamenta o fato de que, infelizmente, histórias sobre tópicos de desenvolvimento não façam parte da cobertura diária na agência em que trabalha, um dos maiores serviços jornalísticos da Ásia. Em 2006, somente 15 histórias sobre o assunto foram transmitidas pela agência, e seis eram dela. Considerando esta perspectiva, os cidadãos estão cada vez mais expostos a um vendaval informativo

---

<sup>12</sup> Freelancers.

global, consumindo mensagens pré-elaboradas segundo um estilo e uma agenda mediática dominada pela lógica industrial do jornalismo.

Labrador (1995) comenta que o jornalismo de desenvolvimento percorreu um longo caminho desde a década de 1960, mas que não alcançou legitimação. Segundo ele, poucos dos maiores diários metropolitanos da Ásia têm uma seção de desenvolvimento, poucas emissoras dão profundidade aos temas e pouquíssimas faculdades de jornalismo oferecem esse tópico no curso.

Tendo essa barreira em mente, Wates (2010) apresenta alguns elementos que têm sido usados ao longo dos anos pelo jornalismo de desenvolvimento para engajar o público.

- 1) Interesse próprio: Mostra como tópicos globais podem também ter um importante impacto no seu país, como a mudança climática, que afeta todos nós e precisa ser combatida globalmente, ou como a crise de alimentos ou a Aids;
- 2) Compaixão humana: Imagens e reportagens de sofrimento podem evocar compaixão entre pessoas que não tenham nenhuma conexão direta com os eventos em questão. Elas também podem ilustrar a enorme disparidade entre os muito pobres e os cidadãos de países desenvolvidos. Há alguma preocupação com a pornografia do sofrimento, mas não há quem negue que isso chama atenção. Histórias sobre indivíduos que nos inspiram, ressaltando a coragem excepcional e a dignidade humana, são outra maneira de evocar compaixão entre o público;
- 3) Conexões: Elos entre seu público e um projeto de desenvolvimento específico pode ser inestimável, como, por exemplo, um voluntário de sua cidade que trabalha em um hospital na selva, uma infra estrutura construída por especialistas de seu país, financiamento de perfuração de um poço em uma vila na África por uma escola de seu país, algum ministro de um país em desenvolvimento que já estudou em seu país, tudo isso dá ao seu público razão para prestar atenção;
- 4) Curiosidade intelectual: Notícia, claro, é sobre o novo. Um jornalista que pode capturar a excitação de uma invenção ou de uma inovação que pode salvar vidas, ou de uma organização que transforma comunidades tem uma boa chance de intrigar sua audiência;



- 5) Drama: A escala pode ter um impacto. O drama de uma onda de fome que ameaça milhões de vidas, um desastre natural em uma vasta porção de um território, pode impressionar. Clichés como “uma área do tamanho da França” ou “o equivalente a 20 estádios de futebol cheios” podem trazer a mensagem;
- 6) Estrelas: É uma técnica que jornalistas e ativistas sérios podem achar repugnante, mas o uso de personalidades da música, cinema ou esporte para dar publicidade a temas de desenvolvimento é uma boa maneira de chamar atenção. Exemplos incluem a Princesa Diana, estrelas do rock, como Sting e Bono, a atriz Angelina Jolie e o jogador de futebol Zinedine Zidane;
- 7) Elos de nossa vida diária: Observe a história por trás de produtos familiares que usamos todos os dias. Por exemplo, o principal componente dos telefones celulares – coltan ou columbita-tantalita – estimula conflitos no Congo e tem impacto sobre as pessoas do local, como também sobre as populações de gorilas ameaçadas de extinção; milhares de crianças que trabalham em condições precárias, sem ir à escola, ou em condição similar a de escravos, para colher cacau ou produzir acessórios de vestuário que usamos todos os dias; ou os peixes destruídos por embarcações europeias, que poluem as costas de países em desenvolvimento. Destacar os links entre nosso consumo diário e tópicos de desenvolvimento podem fazer a história mais pessoal para o leitor, permitindo um enfoque mais aprofundado dos impactos sobre países em desenvolvimento;
- 8) Links para reuniões globais: Encontros internacionais frequentemente fazem da redução da pobreza um tema chave, mesmo se eles enfocarem no crescimento econômico, comércio, controle de armas ou mudanças climáticas. Não raramente, debates políticos obscuros no Congresso norte americano ou no Parlamento Europeu podem trazer implicações enormes para agricultores ou manufatureiros em países pobres, especialmente quando o comércio, ajuda ou subsídios estão em questão. Anúncios de companhias farmacêuticas, de institutos de pesquisa rural ou de qualquer organização relacionada com o comércio podem ter severas implicações para as pessoas mais pobres do planeta.

Zachary (2007) oferece conselhos específicos para os jornalistas do 'Norte' e do 'Sul', que cobrem o desenvolvimento. Segundo ele, jornalista de países desenvolvidos deveriam fazer reportagens sobre situações de fome com maior sofisticação. Bebês famintos dominam a cobertura de segurança alimentar e fome, quando esses jornalistas deveriam se concentrar nas causas dela. A segunda dica é dar à agricultura seu valor. Embora seja considerada chata pelos países ricos, com exceção das discussões em torno de subsídios, o crescimento da agricultura é um ponto crítico para o desenvolvimento de países como a China, a Índia e outros da África Subsaariana.

No continente africano, um rápido crescimento da agricultura faria mais para reduzir a pobreza do que qualquer outro fator isolado. Mesmo assim, poucos jornalistas se preocupam em aprender sobre agricultura. O último conselho gira em torno de prestar atenção à classe média, pois a sua vacilante emergência ao redor do mundo é chave para se obter democracias mais estáveis e governos mais responsáveis.

Já para os jornalistas de países em desenvolvimento, Zachary sublinha a necessidade de usar estatísticas de uma melhor maneira. Segundo ele, estatísticas governamentais são a coluna vertebral de histórias sobre pobreza, crescimento econômico, fome e outros. E como esses números não raros são inconfiáveis, os jornalistas deveriam se preocupar com os métodos pelos quais as estatísticas foram reunidas. E os profissionais desses países precisam entender, de acordo com Zachary, que números só têm significado quando em comparação com outros números. "A estatística precisa estar presente em grupos, nunca sozinha" (2007, p.12). Outra dica é se dedicar à investigação do complexo industrial da fome em seus próprios países. A ajuda alimentar é um grande negócio em países pobres e seus jornalistas muito raramente cobrem as ligações entre os empresários locais e agências internacionais que proveem comida para os mais pobres. Os jornalistas precisam monitorar as agências para assim manter um bom nível de transparência.

A última dica dele é sobre a importação de alimentos. O público e o governo precisam de um melhor entendimento sobre os prós e contras acerca da importação de comida. No ano de 2006, países africanos importaram aproximadamente 2 bilhões de dólares em arroz, segundo Zachary (2007). Nesse caso, por exemplo, os jornalistas podem examinar quem planta alimentos em seus países, como eles

podem competir com o alimento importado e quais podem ser as consequências de encorajar uma maior autossuficiência. Ao mesmo tempo, jornalistas poderiam fazer mais para aumentar a dignidade de agricultores, que em muitos países sofrem pela falta de atenção dos cidadãos dos grandes centros urbanos.

E as barreiras não param por aí. Kunczik (1997) diz que os meios de comunicação de massa podem exercer uma influência muito grande sobre o processo de mudança social, mas sempre haverão de constituir apenas um entre muitos outros fatores. Esse é outro grande obstáculo: a incapacidade de compreender o que o jornalismo de desenvolvimento comunica. Ainda que o jornalismo de desenvolvimento deva ser bastante otimista, vale o aforismo atribuído ao matemático alemão Georg Christoph Lichtenberg: “O livro é um espelho. Se um macaco olhar para ele, não verá nenhum profeta. Não temos palavras que falem com sabedoria ao obtuso. Sábio é aquele que compreende os sábios”.

Outro problema é a área que os jornalistas de desenvolvimento devem cobrir. Às vezes, a região é muito grande e inclui diversos países em condições diferentes, por isso é impossível atender à exigência de uma informação ampla e profunda. O que impera agora é o que Kunczik (1997) chama de ‘jornalismo de *jet set*’ – termo inglês que tipifica grupos de pessoas que viajam a jato por prazer –, que substituiu progressivamente o antigo estilo de correspondente, por razões econômicas, como a redução do custo com o pessoal.

Esses jornalistas, que vão de uma crise para outra e de uma capital para outra, simplesmente não tem tempo suficiente para realizar uma investigação mais profunda e nem para criar laços com a população local. Kunczik diz que eles se mantêm longe da guerra civil, dos refugiados, da miséria, e não raro se alegram com o fato de estar longe disso tudo.

Nesses cenários de desenvolvimento bastante complexos, o jornalista de desenvolvimento deve, para o autor clássico da ciência jornalística alemã, Emil Dovifat (apud KUNCZIK, 1997), ter um conhecimento preciso do país e sua gente, dominar o idioma estrangeiro e ter habilidade de compreender os contextos políticos mundiais. “Ele deve ver os fatos políticos verdadeiros, ocultos sob o manto vasto e esplêndido da grandeza, da teatralidade e da coloração da política jornalística, para avaliar seu efeito e influência sobre o próprio país e enviar isso para a sede da organização” (apud KUNCZIK, 1997, p. 201).

Para tal, obviamente, o jornalista precisa ter um elevado nível de educação política, econômica e social. Labrador (1995) destaca o fato de que, para cobrir tais tópicos, os profissionais apontados para tal prática devem ter um preparo excepcional. E fica evidente que poucos têm o perfil exigido, conforme conta Tetsuji Ida, repórter da agência japonesa de notícias *Kyodo News* (apud ZACHARY, 2007).

Ela afirma que, quando quer mostrar alguma matéria sua de desenvolvimento, para discutir alguns pontos, ela olha para o escritório em Tóquio e, de repente, percebe que é difícil achar um colega a quem ela possa dar uma cópia e conversar. Wood e Barnes (2007) concordam com a necessidade de um bom preparo por parte do jornalista de desenvolvimento, e constata que frequentemente ocorre o inverso do esperado. A maioria dos jornalistas desse nicho é mal instruída.

Loo (2009) vai além e diz que o jornalista de desenvolvimento deve ter simpatia pelos menos favorecidos social e economicamente; uma capacidade de inspirar confiança, que transcenda diferentes culturas, idades e gêneros; ser comprometido com as causas sobre as quais reporta; ter um senso flexível dos valores de notícia, para julgar o que vale ser noticiado; ver a profissão como uma ferramenta de mudança social e de desenvolvimento; e não ser um observador imparcial.

Labrador (1995) discorda do último ponto e assinala que o jornalista deve adotar uma visão imparcial. Contudo, deixa escapar que “um pouco de paixão e de comprometimento não machucaria ninguém” (LABRADOR, 1995, p. 3). Essa pequena discordância marca uma grande discussão atual dessa modalidade. Deveria o jornalista se engajar? Kunczik (1997) responde que quando há quebra dos direitos humanos, o jornalista deve se posicionar a favor dos oprimidos, ‘a favor da humanidade’.

Correspondente para o Oriente Médio do periódico inglês *The Independent* há mais de 30 anos, o inglês Robert Fisk<sup>13</sup> consente com o alemão, e vai além. Ele defende que, em casos extremos, por causa do engajamento a favor dos subjugados, não se deve ouvir o outro lado da história. Segundo Fisk, se um jornalista pudesse voltar no tempo e investigar um navio negreiro do século 16, essa

---

<sup>13</sup> Baseado em informações proferidas em 9 de abril de 2006, no Fórum de Tecnologia e Cultura, do *Massachusetts Institute of Technology*.

pessoa certamente ouviria os escravos, e não o capitão; se fosse ao julgamento de Nuremberg, ouviria as minorias perseguidas e não os generais.

Contudo, embora seja romanticamente atraente, essa visão pode ser precipitada. As opiniões dos capitães ou dos generais poderiam ser tão ou mais importantes que a dos oprimidos. Por causa disso, deve-se ter cuidado com o nível de engajamento adotado. Ele pode acabar prestando um desserviço para a reportagem em produção e para a sociedade.

Partindo de uma percepção menos extremista, Eugênio Bucci argumenta que, pelo fato do jornalismo ser uma atividade humana, tem na subjetividade uma característica inerente. E sentencia: “banir a emoção da informação é banir a humanidade do jornalismo” (BUCCI, 2000, p. 95 apud SCHACHT, 2003, p. 31).

“Pensa-se e declara-se que as emoções atrapalham a precisão. É um erro. O bom jornalismo nada tem a ver com a indiferença, com a neutralização do sujeito. Como toda atividade própria da cidadania, ele se alimenta também de indignação. As emoções devem integrar a reportagem assim como integram a alma humana” (BUCCI, 2000 apud SCHACHT, 2003, p.31).

Existe também a preocupação constante de sempre convencer os editores a publicarem uma história de desenvolvimento. Wood e Barnes (2007) têm para si que a visão dos editores é crucial, pois são eles que de fato determinam o que entra nas edições. Conforme conta Helmut Osang<sup>14</sup>, “nunca é fácil, mas não podemos desistir”. Devido a esses fatos, praticar essa modalidade jornalística em discussão é um grande desafio.

Tendo em vista as dimensões teóricas e práticas do jornalismo convencional e do jornalismo de desenvolvimento, é possível conceber a tabela que se segue (LOO, 2009), com algumas modificações da original.

<b>Jornalismo convencional</b>	<b>Jornalismo de desenvolvimento</b>
Reporta sobre eventos diários (o quê?)	Reporta sobre causas e processos que levam aos eventos (o quê?, como? e por quê?)
Avalia a notícia baseado no critério de	Avalia a notícia baseado no critério de

<sup>14</sup> Baseado em informações proferidas pelo diretor do departamento de desenvolvimento de mídias da *Deutsche Welle*, Helmut Osang, na conferência intitulada ‘Developing World’, que aconteceu em 23 de março de 2010, em Bruxelas, Bélgica, sob coordenação da Comissão Europeia e do Centro Europeu de Jornalismo.

objetividade	desenvolvimento (acesso comunitário, igualdade, participação)
Valor-notícia dominante	Valor-notícia de desenvolvimento
Equilíbrio em termos de neutralidade	Equilíbrio que tende para o lado dos menos favorecidos
Observador imparcial	Observador participante
Matéria é descritiva	Matéria é descritiva e prescritiva
Ocasionalmente oferece possíveis soluções aos problemas, com base em uma consulta mínima à população	Elucida soluções alternativas aos problemas, como compreendido e interpretado pela população inserida no problema
Formação da opinião pública é vertical	Lapidação da opinião pública é horizontal
Destaca feitos individuais	Destaca o empoderamento da comunidade, como fonte de alta segurança
Segue regras prescritas e testadas, e procedimentos convencionais do jornalismo	Tenta novos métodos e procedimentos, assumindo riscos
Direito à informação sem impedimento ou censura – imprensa livre	Consciência do conflito entre as necessidades do jornalista e do Estado, na promoção de projetos de desenvolvimento
Lida principalmente com eventos dramáticos	Lida principalmente com a ação de inculcar necessidades socioeconômicas, como abrigo, alimentação e segurança
Maximiza o lucro e tem apelo popular	Arrisca-se a ter taxas de leitura menores e é menos popular
Reportagem factual e objetiva	Reportagem interpretativa e narrativa
Entretenimento de massa	Compreensão, mudança de atitude e de comportamento

## 1.6. RÁDIO: OÁSIS DO JORNALISMO DE DESENVOLVIMENTO

Na atualidade, o editor do *The Nepali Times* Kunda Dixit (apud LOO, 2009, p. XV) afirma que o rádio é o mais influente meio de comunicação em sociedades em desenvolvimento. Cerca de 80% da população da África tem acesso ao rádio, e apenas 50% tem acesso à televisão (HEEKS, 2009). Por essa amplitude, cabe ao rádio a maior responsabilidade de praticar o jornalismo de desenvolvimento.

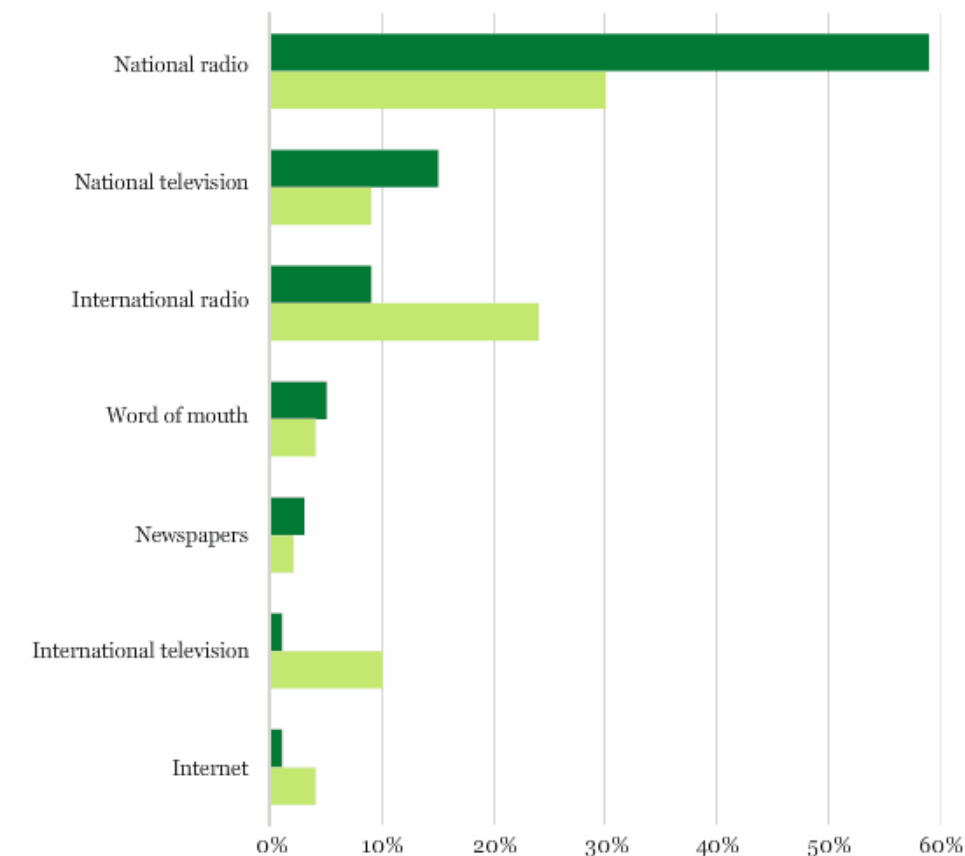
O uso do rádio em países com baixos índices de alfabetização, como, por exemplo, o Nepal, onde as rádios começaram como um experimento da comunicação de desenvolvimento, hoje se tornou um fenômeno dominante, o qual foi um fator importante para o levante político que levou à revolta de poder popular no Nepal em 2006 (KUNDA DIXIT apud LOO, 2009, p. XV).

O cientista político holandês Wouter Dijkstra (2010), da Universidade de Amsterdam, concorda com o fato e afirma que o rádio não deveria ser negligenciado ou subestimado no processo de desenvolvimento. Ele defende que mais ênfase deva ser dada ao rádio, à TV e ao celular, nos países em desenvolvimento. Isso pelos telefones celulares atenderem a dois terços da população africana e pelo computador estar presente somente em ínfimos 0,5% dos lares da África. O gráfico seguinte – que dá especial destaque à Uganda, em verde escuro – é mais uma prova viva disso (DIJKSTRA, 2010).

*Which of these media do you personally regard as the MOST IMPORTANT in keeping you well-informed about events in . . . ?*

Regional median for 23 countries in sub-Saharan Africa

■ This country ■ Other countries



GALLUP POLL

Dijkstra (2010) visitou Uganda e várias de suas rádios em 2009 e, por causa da infraestrutura limitada de áreas rurais do país africano, ele focou suas análises nas estações de rádio locais e no diálogo existente nelas entre os cidadãos e os órgãos governamentais.

Segundo ele, às 14:30 da tarde, um programa bastante popular, chamado *Ekimeeza* – palavra que significa ‘mesa grande’, em um dialeto local –, estava prestes a começar. Ele foi recebido por um grupo de 16 homens, sentados ao redor de uma mesa que tinha cerca de 12 metros de comprimento. E um público de 150 pessoas estava reunido ao redor dessa estrutura central. Esse é o local onde as pessoas da cidade podem dar sua opinião sobre qualquer tema social ou político, e onde suas vozes serão ouvidas. Vale ressaltar que serão ouvidas não apenas pelos



participantes presentes no local, mas por milhares de pessoas ligadas na *Radio One FM 90*.

Em resumo, *Ekimeeza* é descrita como o parlamento do povo, um fórum para discussão intelectual e não para acessos emocionais desqualificados. O tema de discussão daquele dia, sobre o qual o pesquisador escreve, era ‘Fundo de Desenvolvimento para o Eleitorado: como 10 milhões de xelins podem ser efetivos no desenvolvimento do eleitorado?’. Ao iniciar o programa, um por um dos que irão falar são chamados ao microfone. E, na maioria das vezes, alguns políticos aparecem para explicar a sua versão dos problemas, oferecer soluções e debater. Claro que existe um certo nível de censura, como conta Dijkstra.

Nessa ocasião, uma mulher é solicitada a vir ao microfone e, assim que ela toma seu lugar, ela inicia um discurso furioso, porém educado, sobre a má administração dos recursos e fala sobre como os membros do parlamento estão gastando dinheiro público. 90% do público presente são homens e eles começam a rir e a murmurar. Depois de três minutos, avisam que o tempo dela está esgotado. Ela termina e volta ao seu lugar.

Duas horas depois, vários participantes – entre jovens, velhos, ricos, pobres, membros de partidos da oposição e membros do partido da situação – são ouvidos ao vivo pela rádio. E o cientista holandês se pergunta como um debate político tão maduro e complexo acontece em um país onde política é sinônimo de corrupção, censura e propaganda governamental. Para Dijkstra, esse é um oásis de livre expressão e de política popular. Como ele afirma, *Ekimeeza* é pioneira em explorar a possibilidade do rádio com tanta profundidade, permitindo acesso a todos que querem contribuir.

Uma reportagem do periódico inglês *The Guardian* (CLARK, 2008), conhecido pela seção de jornalismo de desenvolvimento que mantém, conta sobre outra grande experiência de jornalismo de desenvolvimento no rádio. Por ser acessível a todos, independente do fato de que menos de 40% da população africana é alfabetizada, segundo Clark, crianças e adolescentes senegalesas têm conseguido ensinar seus vilarejos sobre reciclagem, a organizar recolhimento de lixo, a limpar terrenos, a instalar os primeiros banheiros públicos e muito mais. Essas crianças fazem parte do projeto *Radio Gune-Ye* e aprenderam a mexer nos equipamentos, a escrever scripts, a preparar entrevistas etc., para transmitir seus programas pela rádio *Sud FM St. Louis*, uma das maiores rádios privadas do país.

No caso desse programa, as crianças expressaram suas preocupações com relação ao saneamento e ao meio ambiente, e propuseram algumas soluções, que mais tarde foram adotadas pela prefeitura da cidade (CLARK, 2008). Além de praticar o jornalismo de desenvolvimento com sucesso, eles utilizam o programa para tratar de tabus, como a educação formal de meninas e mulheres em escolas.

Considerada muito cara, a educação é pouco conhecida por muitas mulheres do Senegal, mas, desde que o programa foi ao ar, grandes mudanças já são percebidas na atitude dos pais. Clark (2008) cita uma garota, que afirma: “Nossos pais agora nos dão apoio. Temos menos problemas porque as pessoas não mais dizem que não precisamos ir à escola. Eles nos encorajam a ir para a escola”.

Mas os bons exemplos e a importância do rádio não ficam circunscritos apenas a países em vias de desenvolvimento. Esse meio tem um papel igualmente fundamental nas nações mais desenvolvidas, como é o caso da Alemanha (SCHACHT, 2003), que nutre o hábito de ouvir longas programações radiofônicas.

Utilizando-se do *feature* – que será explorado no próximo capítulo –, o rádio permite ao jornalista informar com profundidade, de modo que toda a linguagem polifônica seja usada, fazendo da reportagem também um produto de arte. Mais: o jornalismo de desenvolvimento, que circunscreve tanto parte do rádio quanto do *feature*, possibilita ao jornalista ter um papel menos tímido no cenário de desenvolvimento do lugar onde vive.

## 2 AFINAL, O QUE É *FEATURE*?

### 2.1. ORIGEM NO PAPEL

Discorreremos brevemente sobre o *feature* radiofônico – célula básica utilizada na construção de cada reportagem de jornalismo de desenvolvimento. A intenção é apresentar sua história e as principais características dessa técnica jornalística, para propiciar um conhecimento que servirá de base para a análise que virá a seguir.

O *feature* não tem formato definido nem fronteiras estanques e, portanto, não é passível de uma definição específica, como Rakelly Schacht (2003) nos explica. Contudo, é possível caracterizar essa “disciplina rainha do jornalismo”, como o *feature* é nomeado pelo redator Helmut Kopetzky (apud REIN; ZINDEL, 1997, p.41).

Como o termo desenvolvimento, a palavra *feature* causa um pouco de dor de cabeça. Sua origem é latina: *facere* ou *factura*. Foi posteriormente traduzida para o inglês como *fashion* e, no decorrer dos séculos, virou *feature* (STAUDE, 1994). Na língua inglesa, a palavra pode ser tanto verbo quanto substantivo, com o significado amplo de característica, traço. O vocábulo foi “tomado pelo jornalismo impresso anglo-saxão para definir o noticiário que apresenta a informação mais trabalhada e exposta de forma interessante, atrativa” (SCHACHT, 2003).

Já que sua primeira origem remonta ao jornalismo impresso, vamos fazer uma pequena incursão para contar sua história. O professor de Jornalismo da Universidade de Oslo, na Noruega, Steen Steensen (2009) mostra que, de acordo com suas pesquisas, o termo foi mencionado em um texto de cunho acadêmico pela primeira vez em 1912. O feito coube ao norte-americano Harry Franklin Harrington. Ele pertencia a um prestigiado grupo de escritores, conhecido por *Blue Pencil Club* (Clube do Lápis Azul, em tradução livre), que discutia fundamentalmente “literatura e vida” (HARRINGTON, 1912, p. 294 apud STEENSEN, 2009, p.6).

Harrington não nos fornece uma definição do gênero, mas afirma que “um *feature* é uma história na qual o elemento notícia é subordinado” (apud STEENSEN, 2009, p.6). Baseado em conversas com outros membros do clube, ele vai além:

“Um *feature* trata de pessoas, com intimidade. Elementos não suficientemente importantes para aparecer nas notícias podem frequentemente ser salvos para bons *features*. [...] Tal material ‘não noticioso’ desperta um sentimento humano e

escapa das limitações de tempo e espaço” (HARRINGTON, 1925, p.138-39 apud STEENSEN, 2009, p.6).

Steensen enfatiza o aspecto humano do *feature*. Harrington corrobora essa visão e destaca a importância de se ter relações íntimas com fontes e leitores. Segundo Steensen, quem faz um *feature* deve revelar mais emoções que fatos, deve retratar mais as pessoas comuns que as oficiais, e não deve temer usar relatos pessoais. De acordo com Williamson (1977, p.112 apud STEENSEN, 2009, p.8), “o interesse humano é, talvez, a variedade mais comum de *feature*”.

Louis Alexander (1982 apud STEENSEN, 2009) defende que o autor de *features* entra no coração do leitor ou do ouvinte e coloca um pouco de si na história. Ou seja, *features* podem envolver emocionalmente. O jornalista e professor norueguês Jo Bech-Karlsen (1988, p. 27 apud STEENSEN, 2009, p. 9) afirma que o gênero “toca tanto estômago quanto cérebro, apelando para todos os sentidos e sentimentos. Ele procura pelo aspecto humano”.

Há os exemplos extremos dos jornalistas e escritores William Finnegan e Adrian Nicole LeBlanc, que chegaram a passar anos em imersão, junto com suas fontes, antes de fazerem um *feature*. Em outras palavras, tal como no jornalismo de desenvolvimento, há a demanda pela intimidade com as fontes, para retratar emoções e a vida dos personagens com propriedade.

Susan Pape e Sue Featherstone escrevem:

“Enquanto um jornalista corre contra o relógio para terminar seu trabalho dentro do deadline e espera citar apenas uma ou duas fontes, aqueles que fazem *feature* têm um maior tempo e, portanto, oportunidade de pesquisar com mais profundidade, de falar com maior duração com mais pessoas” (2006, p. 3 apud STEENSEN, 2009, p. 13).

Garrison (2004) argumenta que os melhores exemplos de *feature* incorporam estilos e técnicas de ficção. Assim, no impresso, o *feature* está em algum lugar entre uma notícia e uma história literária. Steensen chega a identificar algumas ‘normas’ frequentes. Elas são: 1) o *feature* é frequentemente narrativo e se distingue por não seguir a estrutura da pirâmide invertida; 2) os jornalistas podem colorir o gênero com descrições, reflexões e avaliações; 3) a modalidade retrata pessoas; 4) o *feature* é atrativo por utilizar todas as ferramentas possíveis à disposição do jornalista.

Pelos pontos destacados neste capítulo e por outros, Steensen defende que o *feature* serve de barômetro de mudança cultural. Além disso, mostra que o gênero

está se tornando extremamente importante para jornais e revistas. Conforme a circulação dos meios impressos cai mundialmente e a competição com os outros meios diminui o valor-notícia, recorrer ao *feature* tem sido uma solução para a batalha da indústria do impresso. Steensen argumenta que o conteúdo de *features* em jornais britânicos aumentou de 10% nos anos de 1750 para mais de 70% atualmente.

Durante apenas o ano de 2004, a quantidade de suplementos em jornais britânicos contendo principalmente *feature* aumentou cerca de 48%, de acordo com uma pesquisa lançada pela *Newspaper Society* (BRETT; HOLMES, 2008 apud STEENSEN, 2009).

Nesse conceito, mesmo que ainda no âmbito do impresso, você, leitor, já pode perceber que existe um cruzamento com o jornalismo de desenvolvimento. Não é à toa que muito do jornalismo de desenvolvimento utiliza-se do *feature* para alcançar seus objetivos.

## 2.2. O *FEATURE* NA SUA MELHOR FORMA

De acordo com Peter Leonhard Braun, grande nome da renovação do *feature* radiofônico nos anos 1970, o gênero é “a informação em forma de arte” (ARD, 2011). Para Walter Filz, diretor do departamento de *feature* da SWR (Südwestrundfunk), o gênero é “documentação com mais-valia acústica” (ARD, 2011). Gisela Corves, chefe do departamento de *feature* da WDR 3 (ARD, 2011), nos informa que, seja sobre um navio com carga explosiva, armadilhas na internet ou doping, o *feature* “busca a verdade por trás da realidade” (ARD, 2011). Segundo ela, “os autores acham seus temas em frente à porta de suas casas, nas cidades e no campo, no passado e no futuro”.

Ou seja, qualquer tema pode ser transformado em um tópico para um *feature*. Tanto que uma das divisões que se confere ao gênero, na fase de produção e quanto aos horários de transmissão, é entre editoriais – *feature* político, de viagem, artístico etc –, como atenta Schacht (2003).

Contudo, Schacht indica que “melhor do que ler vários textos que tentam ‘definir o indefinível’, seria ouvir produções e ler roteiros” (2003, p. 28). Udo Zindel é categórico: “Quem quer fazer *feature*, tem de escutar *feature*” (2000, p. 55). Por isso, sinta-se à vontade para escutar o exemplo de *feature* – já relacionado com o

jornalismo de desenvolvimento –, que disponibilizamos a seguir. Por considerar essa experiência obrigatória, no contexto desta pesquisa, esse *feature* passa a integrar o corpo do trabalho.

## **O poder dos senhores da guerra de Mogadíscio**

Por Bettina Rühl

### **Expediente**

Narradora: Bibiana Beglau

Locutores: Bernd Blömer, Heinrich Giskes, Hans-Gerd Kilbinger, Volker Risch, Bruno Winzen

Musica: Andreas Bick

Realização Técnica: Jürgen Glosemeyer und Daniel Dietmann

Assistente de direção: Ariane Kessissoglou

Direção: Martin Zylka

Redação: Dorothea Runge

Uma produção da Westdeutschen Rundfunks para a ARD Radiofeature 2011.

### **Panorama das transmissões dos encontros**

SWR 2 23 de Março, 22.05h

SR 2 26 de Março, 09.05h

BR 2 26 de Março, 13.05h | 27 de Março, 21.05h

RB Nordwestradio 27 de Março, 09.05h | 30 de Março, 19.05h

NDR Info 27 de Março, 11.05h

WDR 5 27 de Março, 11.05h | 28 de Março, 20.05h

HR 2-Kultur 27 de Março, 18.05h

**WDR5: Westdeutscher Rundfunk Köln 2011 // Esse roteiro, incluindo todas as suas partes, é protegido por direitos autorais. Qualquer uso além dos limites não é permitido sem o consentimento da WDR.**

**Abertura: “ARD-Radiofeature – escute o que está por trás”**

**Música: Andreas Bick – “Oud Impro Grain Atmosphere Intro”**

**Som: Teclado de computador (vai a BG)**

**Narradora:**

Jabril, eu preciso sair antes do que eu previa, depois de um aviso de que o perigo só aumenta. Preciso interromper minhas investigações e infelizmente não poderemos nos encontrar. E você? Você ainda quer ficar aqui? E o que aconteceu com o que você me disse da última vez? É verdade ainda? E você ainda lutará?  
Se cuide.

**Som: Caixa de entrada de e-mail****Locutor:**

É bom ouvir notícias suas. Eu ficarei em Mogadíscio, embora a matança continue. Você pode usar qualquer coisa que eu já disse, mas eu mantenho minha decisão.  
Jabril

**Música: “Oud Impro”, “Breakbeat Somalia D + Barulho de viagem”****Anúncio:**

O poder dos senhores de guerra de Mogadíscio. Um feature por Bettina Rühl.

**Som: Anúncio no avião**

**Anúncio:** Assalam aleikum e bom dia para todos, senhoras e senhores. Bem-vindos a bordo deste Boeing 737 série dutch 200, voo juba 713, decolando agora em direção à Mogadíscio.

**Erzählerin:**

Essa é a história da viagem para um país onde tudo é diferente do familiar.

**Música: “Sweep Somalia”, “Breakbeat Somalia D + Barulho de viagem”****01. Jabril Abdule**

Nosso mundo desafia a lógica humana. Você não pode entender.

**Música: “Sweep Somalia”**

**Atmosfera/som: Anúncio no avião**

A duração estimada de nosso voo para Mogadíscio é de uma hora e trinta minutos.

**Narradora:****(paisagem sonora vai a BG)**

O país sem Estado tem um governo que exige visto de entrada. Custa 50 dólares, sem fornecer recibo. Mas em toda Europa não há representação diplomática onde se possa conseguir o visto. Somente no país vizinho, Quênia. E só daqui ou de Dubai partem voos para Mogadíscio. Nenhuma linha ocidental se arrisca a aterrissar lá. As forças de paz africanas na Somália não conseguem garantir por 100% a segurança do aeroporto.

**Música: “Sweep Somalia”, “Breakbeat Somalia D + Som de viagem”****02. Omar Olad**

Nós vivemos em uma selva. Nesse país, predomina a lei da selva.

**03. Jabril Abdule**

É como um filme de ficção. Todo mundo tem uma arma. Até quando você sai para comer, as pessoas estão com armas. A cidade está cheia de pick-ups com armas, com peças de artilharia. Um pesadelo há anos.

**Música: “Sweep reverse”****Som: Anúncio no avião****Narradora:**

Os outros passageiros são Somalis. Mulheres em trajes coloridos ou pretos, cada uma usando um lenço em volta da cabeça, mas dificilmente uma com o rosto coberto. Os homens se vestem à maneira ocidental. Eles voltam de viagens curtas ao exterior, onde eles fazem compras, fazem negócios, vão ao médico ou tentam se recuperar da loucura de sua terra natal por um tempo.



**Música: “Sweep”, “Oud tremolo space”**

#### **04. Jabril Abdule**

É uma destruição monumental. Cada um dos prédios foi destruído.

#### **Narradora:**

Abaixo de nós, um país desolado, vazio. Durante a aterrissagem, traçamos uma curva sobre o oceano e uma costa aparentemente intocada. Os piratas continuam em vilarejos a algumas centenas de quilômetros ao norte e não são vistos por aqui. Finalmente chegamos à Mogadíscio.

#### **05. Jabril Abdule**

Quando você vai ao centro da cidade, onde antes ficava o parlamento, que agora está destruído, sabe o que você vê? Cabras e carneiros crescendo no meio de Mogadíscio. Ninguém mais vive lá. O mato cobre as ruínas e parece com uma floresta. Recentemente alguém avistou até uma hiena.

**Som: Avião aterrissando**

**Som: depois da aterrissagem, anúncio em Somali no avião (vai a BG)**

#### **Narradora:**

O aeroporto foi pintado de branco e ainda está sendo reconstruído, desde a chegada da tropa de paz africana no começo de 2007. Mas, com seus 8 mil soldados, a tropa dispõe de poucas condições para manter a sede do presidente. Seus oponentes são grupos armados islâmicos de resistência, alguns dos quais se assemelham à Al Qaida. Além de muitos outros senhores de guerra de milícias e gangues criminosas. O chamado governo da Somália controla metade da capital e a maior parte do país está na mão do grupo islâmico Al Shabaab. Seus membros lutam com minas por controle remoto, atentados suicidas e ataques armados.

**Som: Lounge VIP do aeroporto (vai a BG)**

#### **Narradora:**

A bagagem não é revistada nem radiografada – não há scanner em Mogadíscio. Em vez disso, um formulário com a pergunta: “Que tipo de arma você trouxe?” Número, ano, modelo e número de série. Sharif chegou. Nos conhecemos há anos. Ele é chefe da tropa que me protege em minhas visitas regulares a Mogadíscio. Às vezes ele traz consigo oito, às vezes dez, às vezes 20 homens armados, dependendo da situação de segurança e dependendo do que está por vir. É completamente impensável ir à cidade sem uma escolta.

**Música: “Breakbeat Somalia D+ Som de viagem”**

**Som: Tiroteio (vai a BG)**

#### **06. Omar Olad**

É uma lavagem cerebral. As situações mudam você. Faz 19 anos que nós estamos nessa bagunça.

**Som: Hotel, tiros (vai a BG)**

**Narradora:**

Omar Olad dirige uma organização de ajuda Somali. Nessa primeira noite no Hotel Sahafi, nós nos sentamos nas proximidades do importante cruzamento “K4”. Na vizinhança há combate. O funcionário do hotel continua impassível a varrer o piso de lajotas do pátio. O hotel Sahafi é fortificado por um muro com cerca de um metro, que visto de fora parece uma fortaleza: branco e não convidativo, as janelas ficam escondidas atrás de uma fachada com estreitas aberturas. Na frente do pesado portão de ferro ficam guardas armados. Eles não puderam impedir que um colega da BBC fosse baleado em frente a esse portão em fevereiro de 2005, provavelmente pelos islamistas. E em julho de 2009 dois agentes franceses foram sequestrados do hotel. Apesar disso, em comparação, agora é seguro.

**Música: “Breakbeat Somalia D + Barulho de viagem”**

#### **07. Abdirashid Hussein Shire**

Hoje no hotel temos aproximadamente 100 milicianos hospedados.

**Som: Sala do gerador (vai a BG)**

**Narradora:**

Abdirashid Hussein Shire, o dono do hotel, é um homem pequeno e corpulento. Para seus hóspedes, ele é bastante agradável.

#### **08. Abdirashid Hussein Shire**

Se eu não tiver essa segurança, todo mundo pode tentar criar problemas no hotel. Então eu tenho de manter eles, toda minha milícia, do lado de fora do portão. Apenas uns 10 estão dentro do hotel, mas o resto está fora do muro.

**Som: Sala do gerador (vai a BG)**

**Narradora:**

Do lado de fora pode-se ouvir eventuais tiroteios e o ronco dos geradores. Não há rede pública de energia elétrica.

#### **09. Abdirashid Hussein Shire**

Na verdade, tenho cerca de 300 pessoas. Eles ficam em todo lugar, pois tenho uma fábrica, uma fazenda, casas, negócios. Se não pago eles, não posso ter minha segurança. Então dou o que conseguimos. 70% vai para a segurança. Por isso precisamos de paz. Se tivermos paz e um Estado, não precisamos gastar todo esse dinheiro. Então poderíamos pagar alguns impostos para o governo e o resto iria para o nosso bolso.

**Música: “Oud Impro Grain Solo” (vai a BG)**

**Narradora:**

O hotel Sahafi, um dos mais conhecidos em Mogadíscio, é apenas uma fração do “Shire Global Group”. Os demais negócios, de acordo com a página da internet, são: importação/exportação, logística portuária, transporte e armazenamento, gerenciamento de construção, consultoria e gerenciamento de projetos.

### **10. Abdirashid Hussein Shire**

**Narradora:** Antes da guerra ele trabalhou para o governo no Ministério dos Transportes e da Pesca, contou Abdirashid Hussein Shire. Além disso, ele dirigiu uma empresa de transportes na cidade de Kismayo. Ele rejeita a acusação de que fez sua fortuna com a guerra.

### **11. Abdirashid Hussein Shire**

Meus negócios melhoraram desde o momento em que não tivemos mais governo. Mas antes eu também já tinha um negócio próprio.

**Música: “Oud Impro Grain Solo” (vai a BG)**

**Narradora:**

De qualquer forma, hoje ele tem dinheiro suficiente para voar para a Alemanha ou Dubai para uma consulta de rotina. Abdirashid Hussein Shire vive em uma típica área de fronteira Somali: negócios e guerra.

### **12. Abdirashid Hussein Shire**

Eu não posso simplesmente ir à cidade. Eu preciso sempre levar 10, 20, 30 guardacostas. Ou 50!

**Música: “Oud Impro Grain Solo” (vai a BG)**

**Narradora:**

Então, acontece que muitos empresários comandam também uma milícia. E os senhores da guerra, que aterrorizam a Somália, também gostam de fazer negócios. Também Abdirashid Hussein Shire tem feito um nome não só como empresário. Em 2006 ele foi preso no vizinho Quênia. O governo queniano tentou restringir a liberdade de circulação dos senhores da guerra da Somália. A acusação contra Shire: seu hotel Sahafi foi o comando central dos intensos conflitos do verão de 2006. Shire e outros senhores da guerra lutaram naquele tempo contra o avanço dos Islamistas e foram esmagadoramente derrotados. Shire fugiu para o exterior, mas voltou depois de um curto período.

### **13. Abdirashid Hussein Shire**

Eu não quero estar envolvido com lados políticos. No meu hotel vivem parlamentares e ministros. Eu me preocupo com a segurança deles, mas eu não quero ter nada com a política.

**Música: “Monochord Grain” (vai a BG)**

**Som: Teclado de computador (vai a BG)**

**Narradora:**

Jabril,

Eu já estou em Mogadíscio, no hotel Sahafi. As pessoas com as quais eu sempre me encontrei acham que dessa vez as coisas vão melhorar, porque suas propriedades no momento ficam diretamente no front. Elas dizem que o Sahafi fica absolutamente seguro com 100 homens de milícia. Mas isso não me agrada. Muitas pessoas percebem que eu estou aqui. Eu voltarei a falar com você e então nós marcamos algo.

**Som: Canções de sexta-feira no Rádio (vai a BG)**

**Narradora:**

O quarto do hotel é uma penumbra onde não existe nem céu nem cidade para ver. Não há janelas para o exterior. No rádio toca um sermão. Música é proibida em todas as emissoras desde abril de 2010. Desde a queda do governo no ano de 1991, 21 jornalistas já morreram, e a maioria dos outros fugiram para o exterior. Quem fica e conhece o risco mortal é um prisioneiro na própria terra natal.

**Música: “Sweep”**

**Som: Exercícios (vai a BG)**

**Omar Olad em primeiro plano:**

Esses são os novos recrutas da polícia.

**Som: Exercícios (vai a BG)****Narradora:**

Nós estamos no pátio da academia de polícia. Omar Olad, meu tradutor, os guarda-costas e eu. Eu quero saber mais sobre os quase mil policiais, nos quais a Alemanha investiu várias centenas de milhares de euros no ano de 2010, a fim de ajudar na educação deles. Seiscentos homens jovens estão firmes e alinhados em meio à sujeira, olham para a direita, então para a esquerda, então para frente. Os instrutores não deixam passar qualquer erro na conduta deles.

**Som: Exercícios (vai a BG)****Narradora:**

Os jovens aspirantes marcham de chinelo, calças de moletom ou jeans através da poeira. O programa será pago pelas Nações Unidas em uma tentativa de estabilizar as esparsas instituições estatais, de construir um Estado que possa enfrentar os senhores da guerra e os guerreiros Islamistas.

**Som: Marcha com a banda da polícia (vai a BG)****Narradora:**

Todos estão com rostos sérios pensando sobre o assunto, tanto os recrutas da polícia quanto os músicos. Os membros da banda vestem uniformes nas cores somalis, branco e azul, e tambores azuis com uma estrela branca: uma representação da bandeira do país. Os músicos são todos velhos senhores soberanos. Eles já sopraram seus instrumentos para que policiais e o povo marchassem em nome do último ditador, Siad Barre.

**Som: Banda da Polícia, Exercícios****Som: Classe (vai a BG)****Narradora:**

Então nós ficamos em uma das salas de aula.

**Som: Classe**

**14. Tenente Mohamed Osman Hirsi**

Eu sou tenente Mohamed Osman Hirsi e um dos primeiros policiais treinados depois da independência contra os italianos. Agora sou instrutor especializado em treinamento físico e treinamento com armas.

**Narradora:**

Qual a diferença entre a formação para policial e um treino militar?

**15. Tenente Mohamed Osman Hirsi**

É melhor você perguntar isso para o professor da classe, disse o tenente Osman Hirsi.

**16. Major Abdullahi Hussein**

**Narradora:** Ele leva uma patente militar com o seu nome. Eles aprendem, diz o Major Abdullahi Hussein, investigação policial junto com disciplina e exercício militares. No entanto, por causa da guerra, na prática é quase impossível fazer investigações.

**17. Major Abdullahi Hussein**

**Narradora:** A polícia só pode se mover nas áreas de Mogadíscio controladas pelo governo – em menos da metade da cidade. E lá a polícia consegue lidar apenas com uma fração do crime. Falta-lhe, entre outras coisas, veículos, combustível, munições e algemas. Os policiais ganham, dependendo do grau de serviço, de 100 a 150 dólares por mês. Pelo menos teoricamente. Na verdade, eles muitas vezes têm de esperar meio ano para o próximo pagamento.

**Música: “Esraj e frame groove” (vai a BG)**

**Som: Área de administração da alfândega (vai a BG)**

**Narradora:** Omar Olad interrompe a conversa. Ele insiste para que nos apressemos. O lugar aqui está muito cheio, nós deveríamos ir embora. Ele sempre está nos lembrando: ninguém deveria ficar por muito tempo em lugares públicos, especialmente. Se possível, o melhor é ser invisível. Eu visto um vestido Somali colorido e folgado, que cobre todo o contorno do corpo, e um véu que não deixa solto nem uma mecha de cabelo. Mas minha pele branca me trai. Tirar fotos é raramente possível e quando nós insistimos e ficamos em pé, Olad continua dirigindo por mais três minutos.

## **20. Som do principal escritório da polícia (vai a BG)**

**Narradora:** O presídio policial de Mogadíscio. Em maio de 2008, a Al Shabaab conseguiu destruir o prédio. O governo conseguiu reconquistar o prédio, mas, desde então, são atacados constantemente.

**Som: Principal escritório da polícia - “Tudo bem, eles estiveram na Alemanha...”**

## **20. Osman Omar**

A Alemanha ajudou a Somália a construir sua polícia desde a independência, e também no tempo de Siad Barre. Graças ao apoio alemão a polícia Somali finalmente ficou apta a funcionar. Se a Alemanha pudesse assumir seu papel novamente, nossa polícia seria poderosa novamente.

## **Som: Presídio da polícia (vai a BG)**

**Narradora:**

Osman Omar é o vice chefe de polícia do país e é cheio de elogios para a Alemanha. Nos anos de 1960, ele se formou na polícia italiana em Turim. Mas isso é tudo que ele fala com alegria. Minha pergunta sobre a força atual da polícia Somali o constrange.

## **21. Osman Omar**

**Narradora:** Esse número é secreto. Mas a estrutura está melhorando.



**Música: “Breakbeat D + Oud Clean” (vai a BG)**

**Narradora:**

A Alemanha pagou em 2010 pela formação policial, a saber, bons 730 mil euros. Para finalidades como essa, vêm contribuições da União Europeia e das Nações Unidas. Com dinheiro alemão, foram treinados 925 recrutas Somalis na vizinha Etiópia para fazer parte da polícia. Desde maio de 2010, eles terminaram sua formação na academia policial e desapareceram. Onde estão eles agora e quantos deles ainda estão em serviço?

## **22. Osman Omar**

Se você pudesse desligar o microfone por um tempo, eu me informaria sobre quem é responsável por esses números.

**Som: Escritório da polícia (vai a BG)**

**Narradora:** Osman Omar manda um funcionário, que deveria trazer o número. A Alemanha foi criticada ferozmente por causa desse projeto de educação. A Etiópia é uma ditadura com fachada democrática, onde os direitos humanos continuam a ser violados severamente.

**Som: Classe da polícia (vai a BG)**

**Narradora:**

No entanto, a Alemanha não tem qualquer influência sobre o conteúdo do treinamento, e ignorou o currículo das Nações Unidas. Ela se empenha para que todos os policiais dos futuros estados da Somália aprendam as mesmas coisas. O resultado do treinamento etíope foi uma força paramilitar de cerca de 900 bons policiais. O governo Somali mobilizou essa força desde o fim de 2010 na fronteira com a Etiópia, para lá formar um novo Front contra os Islamistas. Assim, não há nenhum traço de força policial, de um executivo mais forte e de construção dos estados do país – os objetivos públicos do projeto de educação alemão para a Somália. O pedido do chefe de polícia fica sem resultado e ninguém no presídio

sabe dar uma resposta. Osman Omar dá uma resposta vaga. Ele agora pode voltar a falar ao microfone.

### **23. Osman Omar**

É bastante claro que um policial bem treinado pode parar de fazer seu serviço se não for pago.

**Música: “Waayaha Beat Passing By” (vai a BG)**

**Som: Cidade (vai a BG)**

### **25. Abdirahman Omar**

Eu trabalhei como policial.

#### **Narradora:**

Abdirahman Omar tem um rosto magro e suas calças ficam penduradas em seu pequeno corpo. Eu encontro Abdirahman Omar em um escritório vazio. O pai mora em um bairro controlado pelos islamistas – é impensável visita-lo lá. Omar chegou até nós a pé. Ele não tem trabalho, mas precisa sustentar sua mulher, cinco filhos e seus pais.

### **26. Abdirahman Omar**

Os etíopes me treinaram por meio ano, no começo de 2007. Depois disso eu voltei para Mogadíscio e fiquei mais um mês no serviço de polícia. Eu nunca fui pago. Por isso eu finalmente vendi minha arma, porque eu preciso sustentar meus filhos.

#### **Narradora:**

O mais novo tem quatro meses de idade, o mais velho tem oito anos. Sua arma, uma Kalaschnikov tipo AK-47, lhe rendeu quinhentos dólares. “Hoje você recebe mais”, grita uma pessoa do fundo, “atualmente você recebe seiscentos dólares”. O dinheiro ele deu para sua esposa abrir um quiosque de venda de comida. Com a venda dos alimentos, eles poderiam sustentar seus filhos por um tempo.

### **27. Abdirahman Omar**

Então a área foi invadida por membros do Shabaab. Eles quebraram tudo. Até nosso quiosque. Agora só sobrevivemos graças à nossa família e amigos. Mas às vezes eu consigo um trabalho de um dia ou um bico de algumas horas.

**Narradora:**

No rádio eles disseram que o dinheiro para a educação veio da União Europeia. 900 aspirantes à polícia estiveram com ele na Etiópia, em um centro de ensino da polícia militar, na fronteira com o Sudão.

**28. Abdirahman Omar**

Nós aprendemos muito. Como atacar o inimigo e como nos defender. Não sobre leis e essas coisas. Não havia diferença alguma para o treinamento que os soldados recebem.

**29. Abdirahman Omar**

**Narradora:**

Mais de 15% dos seus ex-colegas estavam a serviço do governo, afirma Abdirahman Omar.

**Som: Cidade, orações (vai a BG)**

**Narradora:**

Isso a ONU também sabe: eles relatam que 80% dos recentemente educados para fazer parte da força de segurança abandonaram o serviço da polícia ou desertaram o exército, por que eles eram pagos sem regularidade ou nem chegavam a receber. A maioria então vende suas armas ou junta suas metralhadoras com as do outro lado: os combatentes islâmicos de resistência da Al Shabaab.

**Música: “Oud Tremolo Space” (vai a BG)**

**Som: Carro (vai a BG)**

**Narradora:**

Na viagem de volta para o hotel, passamos por edifícios fechados. Muitos foram barricados com sacos de areia. O front entre o governo somali e seu rival islâmico corre em zigue-zague através da capital, entre bancas do mercado, ruínas e pequenas lojas, que o povo constrói novamente depois de cada batalha. Nesse interim, centenas de milhares fugiram. De ano a ano, Mogadíscio fica mais vazia.

### **30. Omar Olad**

Se parece com o maior campo de concentração da segunda guerra mundial. Com Auschwitz. A única diferença é que aqui não há comandante chefe.

#### **Narradora:**

De acordo com estimativas da ONU, dois milhões de pessoas em todo o país dependem de ajuda para sobreviver. Mas cerca de metade deles têm a ajuda cortada: eles vivem em regiões controladas pelos islamistas, por isso são inalcançáveis.

### **31. Omar Olad**

Esses que vivem nessas regiões são como aqueles que foram presos em um campo de concentração. Não há lei e todo mundo pode atirar em você a qualquer momento. Pilhagens e estupros são coisas da vida normal. Embora existam muitas diferenças em dizer que Mogadíscio é um campo como Auschwitz. Além disso, no modo como vivemos agora, nós não vemos nenhuma esperança, porque se você for para cada canto triste de Mogadíscio, ainda há ambições, as quais parecem inumanas. Mogadíscio e suas áreas ao redor parecem abandonadas, negligenciadas, esquecidas pela comunidade internacional. Por isso é que eu comparo Mogadíscio a um campo de concentração.

#### **Música: “Rumbling Atmosphere” (vai a BG)**

#### **Narradora:**

Em 2002, eu e Omar Olad fomos juntos a Mogadíscio, da mesma maneira que ele descreveu sua terra natal. Não mudou muito até hoje. Apenas isto: as pessoas estão mais desesperadas. Ao invés de lutarem ‘apenas’ com Kalaschnikovs, lança-granadas e morteiros, hoje lutam na realidade com bombas caseiras, minas por

controle remoto, armadilhas e ataques suicidas. Em retrospecto, as lutas de poder anteriores, dos antigos senhores de guerra, funcionam quase como uma guerra com lógica militar. Uma luta que os homens eventualmente tinham avaliado e talvez pudessem pará-la.

### **32. Omar Olad**

Eu fui um dos protagonistas a derrubar o regime de Siad Barre. Naquela época, em 1989, eu comecei a liderar células secretas. Então, tivemos sucesso até 30 de dezembro de 1990, quando a guerra civil começou na Somália. Liberdade e democracia não existiam sob Siad Barre. E Siad Barre era mais inclinado à corrupção e ao seu clã. A injustiça social me fez ser parte das células, a fim de derrubar o regime.

### **Música: “Oud Christian F.” (vai a BG)**

#### **Narradora:**

Omar Olad se revoltou, embora estivesse a serviço do ditador. Ele trabalhou no Ministério da Pesca e, mais tarde, em missão do seu governo, dirigiu uma empresa italiana-somali de pesca. Então ele começou a organizar a resistência contra o regime. Eles retornaram aos seus clãs, as históricas grandes famílias. Elas foram a única forma de organização contra a qual Siad Barre lutou duas vezes, mas não conseguiu destruir. Ele proibiu partidos e sindicatos, mas não pode impedir o encontro dos clãs. No entanto, a resistência foi perigosa, e Omar Olad ficou oito meses preso. Em 26 de janeiro de 1991, Siad Barre foi derrubado. O ditador não fugiu de Mogadíscio, porque os clãs começaram a devorar uns aos outros. Desde então, eles lutam entre si pelo poder. Os anciãos dos clãs enviaram senhores de guerra para a guerra e ajudaram com milicianos, dinheiro e armas. Mas nenhum dos senhores de guerra era forte o suficiente para conquistar o país inteiro. A Somália se desintegrou em diversos ‘principados’. Dois anos se passaram e fizeram Omar Olad aderir a esta luta. Ele era um estrategista e assessor de seu clã. Até que ele perdeu sua fé nessa guerra.

### **33. Omar Olad**

Na guerra civil, ninguém ganha. Na guerra civil, ninguém é derrotado. Um homem pode ser destruído, mas não derrotado.

**Narradora:**

Eles lutam entre si até que sejam totalmente eliminados. Quando ele queria se aposentar da batalha, o clã o ameaçou de morte. Omar Olad aguentou a ameaça dos anciãos. Eles se espantaram com sua volta e deixaram-no ir.

**34. Omar Olad**

Eu sinto ressentimento quando lembro de ter sido parte de uma facção. E eu penso que fizemos história com nosso próprio sangue. Mas eu não me arrependo. O regime de Siad Barre era muito repressivo e ditatorial. Meu sonho era lutar contra seu regime. Hoje vejo que nossa causa era falida. Falhamos como causa quando começamos a lutar contra o regime. Matamos um tubarão, apenas um, e demos chance para milhares de tubarões entrarem no cenário político.

**Música: “Salafiyadi Teaching” (vai a BG)**

**Narradora:**

De lá para cá, a Somália não tem governo digno desse nome, que constrói escolas e hospitais ou ruas, ou que garante o fornecimento de energia. Depois de uma missão militar fracassada nos anos 90, o interesse do Ocidente diminuiu. A Somália foi considerada um caso perdido, de nenhuma importância estratégica. Um erro, como ficou provado anos mais tarde. De qualquer forma, a população foi abandonada e deixada à mercê dos senhores da guerra. Então, estados árabes preencheram o vácuo com suas doações, construíram poços e escolas, e enviaram materiais para ensino nas escolas. Islâmicos e ajudantes islâmicos vieram – também combatentes que se aproximavam da Al-Qaeda – e ainda não havia Estado que controlasse as fronteiras.

**Som: Cidade (vai a BG)**

**Narradora:**

Só depois do 11 de setembro de 2001 é que o Ocidente lembrou da guerra na África Oriental. E manteve-se sem prestar ajuda diante do terror, que nesse período aumentou. A população foi relegada todos os dias, durante anos, a esse terror. E agora, Europa e Nações Unidas ameaçam relegar toda a região. Muitos estados africanos e outros países estão pedindo intervenção militar da ONU outra vez.

### **Som: Escritório da ONU (vai a BG)**

#### **35. Augustine Mahiga**

Mas membros chave do Conselho de Segurança são contra. Eles argumentam: sem paz, uma missão de paz é impossível.

#### **Narradora:**

Em outras palavras, a Somália é muito perigosa para os próprios soldados da ONU. Por isso a organização deu o mandato para uma operação militar para a União Africana. O tanzaniano Augustine Mahiga é o enviado especial para a Somália do Secretário-Geral da ONU. Desde o começo de 2007, tropas africanas estão em Mogadíscio. Os soldados vêm principalmente de Uganda e do Burundi. Mas até agora 8 mil homens não são páreos para o terror. Por isso, a ONU ampliou o mandato no fim de 2010 para cerca de 12 mil soldados.

#### **37. Augustine Mahiga**

#### **Narradora:**

Essa força não tem nem um único helicóptero, até mesmo para evacuação médica. E isso é básico em qualquer tipo de modelo militar para manter a paz. Eles são muito mais equipados do que essa força africana, que é forçada a lutar.

#### **38. Omar Olad**

Agora, o que posso fazer? Eu trabalho para sobreviver em uma organização humanitária. Eu dou o meu melhor e tento me corrigir. Moralmente, eu me sinto culpado às vezes, lembrando dos dias em que planejavamos derrubar Siad Barre.

#### **39. Omar Olad**

É muito difícil, porque as necessidades são muito grandes. Mas tentamos o que podemos, dentro de nossa capacidade. Nós nos orgulhamos de ajudar as pessoas.

**Música: “Monochord Grain” (vai a BG)**

**Som: Rádio (vai a BG)**

**Narradora:**

No hotel, eu escuto rádio, uma notícia sobre a nova decisão de um julgamento da Sharia, no centro da Somália. Uma jovem e um jovem se encontraram sem permissão. Como castigo, foram chicoteados em público. O moderador pergunta ao repórter se muitas pessoas assistiram. Ele confirma: muitos estavam lá, e todo mundo estava feliz com o veredito. A mulher era casada e eles teriam de ser apedrejados publicamente.

**Som: Cidade (vai a BG)**

**Narradora:**

Jabril Abdule disse em um de nossos últimos encontros:

#### **40. Jabril Abdule**

Nós precisamos de paz. Alguém precisa correr o risco, mesmo que seja suicídio.

#### **41. Jabril Abdule**

Se ninguém da sociedade der o primeiro passo, nunca teremos paz. Milagres não vêm por acaso, Bob Marley disse uma vez. Alguém precisa fazê-lo.

**Música: “Oud Impro Grain Solo” (vai a BG)**

**Narradora:**

Jabril Abdule foi estudar no Canadá um pouco antes do início da guerra. Logo nos primeiros dias de luta, seu pai foi morto. Jabril Abdule permaneceu no Canadá, formou uma família, virou nativo. Ele preferiu ficar lá.



#### **42. Jabril Abdule**

Se eu fosse um engenheiro industrial, eu ficaria em Ottawa. Mas eu sou um cientista social, especializado na administração de conflitos. O Canadá não precisa disso. A Somália precisa. E é por isso que meu coração está aqui.

**Música: “Oud Impro Grain Solo” (vai a BG)**

**Narradora:**

Era o ano de 2000. Junto com seu amigo Abdulkadir Yahnya Ali, Jabril Abdule fundou o Centro para Pesquisa e Reconciliação (CRD). Eles tentaram unir os partidos da guerra e solucionar pacificamente o conflito entre os clãs.

#### **43. Jabril Abdule**

Às vezes eu ligo para meus amigos da universidade em Ottawa e, quando digo que estou na Somália, eles dizem: “Você é maluco! Quer cometer suicídio?”. Quando encontro Somalis no Canadá, eles me dizem: “Nunca vi ninguém tão idiota como você! Por que você voltaria para lá? As pessoas vão te assassinar!”. E eles estão certos. Eu estava lá quando meu amigo Yahya foi morto. Um minuto e, então, eu fui a última pessoa a vê-lo, quando ele foi para casa naquela noite. E eu ainda estou aqui. Não sei o que digo, se sou louco, e aquelas dúvidas vêm a minha mente às vezes. Eu vou para o escritório e olho ao meu redor, e Yahya não está lá. E sei que há alguém que o assassinou, só porque ele fez coisas boas. Isso pulula em minha mente e literalmente acaba comigo.

**Música: “Sweep Somalia” (vai a BG)**

**Som: Hospital (vai a BG)**

**Narradora:**

Mohamed Yusuf é alguém que também fica. Ele é cirurgião no maior hospital de Mogadíscio.

**Som: Hospital**

**Olá, como vai você? (diz gentilmente o diretor Mohamed Yusuf)**

**Outra voz: Ele é o diretor do hospital.**

**Eu: Bem. Como vai?**

**Narradora:**

Eu o visitei pela primeira vez em 2009, no Hospital Madina, o maior e mais importante de Mogadíscio. No dia anterior, Mohamed Yusuf tinha sobrevivido a um atentado.

**Música: “Oud Tremolo Flux” (vai a BG)**

**Som: no carro do médico (vai a BG)**

“Eles estavam mascarados”, disse em somali, então disse: “eles eram quatro, com AK 47. Quando escapei, eles começaram a atirar de trás, entende? Eu estava dirigindo. Aqui!” Ele aponta os buracos de bala no tacômetro e no velocímetro. Outro ainda está falando, então ele fala mais uma vez: “E aqui, você vê?”.

**Narradora:**

Naquela época, ele nos mostrou seu carro no estacionamento. O vidro da frente estava em torno do volante, crivado de buracos de bala, e o vidro traseiro estava completamente quebrado. Em seguida, o médico abriu a porta do motorista. Mesmo o velocímetro foi perfurado. Mohamed Yusuf saiu ileso. Seu passageiro foi atingido por uma bala no braço, um dano relativamente inofensivo.

#### **44. Mohamed Yusuf**

Eu deveria ter sido enterrado ontem. Mas ainda estou vivo. O que aconteceu? Eu estava vindo de casa, em direção ao meu trabalho, quando houve uma emboscada. Quatro pessoas saíram de um carro, na minha frente. Acredito que eram bem treinados, porque pareciam comandos. Eram mascarados e começaram a atirar em meu carro. E eu consegui de alguma maneira dirigir e fugir. Mas tive muita sorte. Muita sorte.

**Som: Corredor do hospital (vai a BG)**

**Narradora:**

Um ano depois, lá está o carro com as mesmas marcas do incidente.

**45. Mohamed Yusuf**

Tenho duas crianças. Uma está na África do Sul e a outra na Bielorrússia, bem longe de mim. Minha esposa está vivendo em outro lugar. Desde o acidente, eu vivo no hospital e não vou a lugar algum. Embora vivamos na mesma cidade, vivemos separados.

**46. Mohamed Yusuf****Narradora:**

Não, o hospital não é uma cadeia. O local é grande, e a vida dentro dos muros não é difícil.

**47. Mohamed Yusuf**

Por estar ocupado, me canso, durmo e acordo novamente. Faço muitas coisas interessantes. E isso é suficiente. O que mais posso exigir da vida, além disso?

**Narradora:**

Quem eram os criminosos, Mohamed Yusuf não sabe até hoje. O judiciário de qual Estado deveria averiguar?

**48. Mohamed Yusuf**

Eu morei 22 anos em Roma e passei 10 anos trabalhando pela África. Estive na África do Sul, na Suazilândia, em Maputo e, então, eu voltei para Mogadíscio em 2002. Estou convencido de que temos que ficar depois de tudo. Se eu não preservar o respeito pela vida, quem deve fazê-lo? Claro, eu podia pensar em mim mesmo e ir para o estrangeiro. Era só eu voltar para algum lugar onde trabalhava como cirurgião. Mas este é meu povo. E eu não acho que alguém que mata tem respeito pela vida. Aqueles que fogem têm. Mas se eles voltarem e nós constituirmos uma maioria que entende o que é o respeito pela vida, poderemos superar aqueles que não entendem. Se evacuarmos, deixamos espaço para eles. Por isso eles dominam hoje. O país está perdido.

### **34. Som da entrevista com Mohamed Yusuf (vai a BG)**

#### **Narradora:**

Enquanto estávamos conversando no vestiário dos funcionários, enfermeiros e enfermeiras batem em intervalos curtos na porta trancada. O próximo paciente já está na mesa de operação, sob anestesia. O cirurgião já ultrapassou o tempo de seu curto intervalo, mas caço algumas outras perguntas. O que falta à maior parte do hospital é diesel para os geradores. Combustível e eletricidade são tão caros para o hospital. Dinheiro, só há suficiente para resfriar os principais medicamentos. Para o resfriamento do necrotério, é pouco. O hospital não tem banco de sangue e quem não vem com familiares, tem pouca chance. Mesmo assim, diz o médico, ele nunca entra em desespero.

#### **49. Mohamed Yusuf**

O homem é assim: nos acostumamos com as coisas. Elas viram rotina. Ver crueldades e esses tipos de situação, como pessoas mutiladas, é muito triste. Mas se transformou em rotina aqui. Temos a satisfação moral de treinar pessoas nisso e mandá-las para todo o mundo. Esse é o trabalho que estamos fazendo.

#### **Música: “Esraj und frame groove” (vai a BG)**

#### **Som: Rua (vai a BG)**

#### **50. Jabril Abdule**

Imagine não sair com os amigos. Nem ir dançar nem ir ao cinema. Você não pode ir à cidade nem uma vez para tomar café ou tomar uma taça de vinho. Nem à praia podemos ir.

#### **Narradora:**

Jabril Abdule uma vez disse como ele descreveu sua vida em Mogadíscio.

#### **52. Jabril Abdule**

Nos primeiros meses depois da minha volta, eu rejeitei a ideia de Mogadíscio. Eu disse para todos: “Ei, use o lado certo da rua!” Eu não quis ter nenhuma arma

comigo. Mas, eventualmente, eu percebi que eu mesmo andei do lado errado da rua. Ficou claro para mim que eu tinha me acostumado com essa anarquia. É isso que temo desde então: não a destruição física das casas e da infraestrutura, mas a destruição da alma humana. A destruição emocional e psicológica de toda a população. Como devemos reconstruir essas paisagens da alma? Às vezes eu temo que nunca conseguiremos fazer isso.

### **Som: Hospital com telefone (vai a BG)**

#### **Narradora:**

O hospital Madina tem diferentes departamentos, mas é especializado em ferimentos de bala. Eu quero conversar com alguns pacientes, pois eles são testemunhas oculares da guerra. Em todos os lugares há pessoas, dentro e entre pavilhões, que estão distribuídos pela área. Pessoas cozinham em fogo aberto, lavam roupas, esperam. A maioria é formada por parentes dos pacientes. Eles estão aqui para cuidar dos doentes. Entre os pavilhões, existem tendas. As tendas são para os pacientes, conta um farmacêutico sênior. Ele parece tenso, brincando constantemente com um molho de chaves. Depois de intensos combates, o hospital fica frequentemente lotado. Então eles têm cerca de 600 pacientes para apenas 150 leitos. Ainda assim, a Cruz Vermelha envia suprimentos com frequência: ataduras, desinfetantes, medicamentos e tudo aquilo que é necessário para o tratamento de vítimas de guerra.

### **Som: Corredor do hospital (vai a BG)**

#### **Narradora:**

Mas não há apenas vítimas de guerra. Também em Mogadíscio, se pega malária ou outras doenças tropicais graves, câncer ou um ataque cardíaco. Mães dão luz a crianças, e crianças ficam doentes. Depois de vinte anos de guerra, a população está enfraquecida. Uma em cada três crianças e um em cada cinco adultos está desnutrido ou com fome crônica, perto da morte. Se as pessoas estão feridas ou doentes, elas vêm para Madina, mas os médicos mal podem ajudá-las às vezes.

### **Som: Conversa com policial independente (vai a BG)**

**Narradora:**

Em um dos quartos com oito camas está Awale Mohamed Ali. Seu braço direito está engessado e sua mão esquerda com uma atadura. De uma ferida no estômago, está pendurado um dreno. Ele levou quatro tiros no total. Duas furaram as mãos, uma o estômago, a quarta foi de raspão. Motivo: ele impediu bandidos armados de tentarem assaltar alguém. Ele era um policial e tentou defender as vítimas.

**53. Conversa com policial independente**

O trabalho é naturalmente perigoso. Em Mogadíscio, todo mundo está armado. Mas eu sou um muçulmano, e quando vejo que as pessoas estão sendo roubadas, eu preciso defendê-las.

**Narradora:**

Como se vê, Awale Mohamed Ali faz isso desde os nove anos. Ele é pago por pessoas que vivem em seu bairro. Awale Mohamed Ali é algo como um policial independente. Em seu bairro, existem poucos como ele.

**54. Conversa com policial independente**

As pessoas se defendem sozinhas. A polícia regular não é paga. Por isso, é igual em todo lugar. Todos do bairro pagam uma pequena taxa por nossos serviços. Isso é suficiente para vivermos.

**Música: “Rumbling atmosphere” (vai a BG)****Narradora:**

Awale tinha 16 anos quando foi contratado pelo bairro. Ele ficou encantado com a oferta. Para um jovem em Mogadíscio, não há outras perspectivas, além de se sustentar através da arma. Há muitos jovens como Awale. Eles não foram à escola, não têm formação, mas, claro, têm uma arma. E eles são atrativos também para os combatentes islâmicos da Al Shabaab.

**Narradora:**

Cerca de dois anos atrás, eles teriam chamado Awale primeiro em seu celular. Desde então, eles contataram-no cerca de dez vezes, sempre com as mesmas exigências: ele deveria trabalhar para eles, ou pelo menos fornecer informações. Dizem que os islamistas pagam seus membros bem, no mínimo 150 dólares por mês. Awale poderia ganhar muito mais do que ele recebe hoje de seus vizinhos.

#### **55. Conversa com policial independente**

Minha crença não permite que eu massacre o povo. Ou decapite, e tudo mais. Eu não tenho medo dos islamistas. Eu finalmente tenho meu próprio rifle.

#### **Som: Conversa com policial independente (vai a BG)**

**Garotos da escola e aqueles que frequentam as escolas corânicas. Alguns foram embora, alguns ainda estão por aí, alguns morreram.**

#### **Narradora:**

Mas alguns de sua geração se juntaram aos islamistas de Mogadíscio. Ele conhece aproximadamente trinta pessoas. Alguns outros de seus conhecidos optaram por uma formação na polícia, mas a maioria abandonou o serviço.

#### **56. Conversa com policial independente**

Se o policial não recebe salário, é claro que ele vai vender sua arma. Conheço muitos que fizeram isso. Acho que metade das armas e das munições dos islamistas vêm de tais fontes.

#### **Som: Mercado de Bakhara (vai a BG)**

#### **Narradora:**

O mercado de Bakhara, em Mogadíscio, é um dos maiores da África, e está nas mãos dos islamistas. Ruas estreitas e desordenadas, um emaranhado difícil de controlar. Além de vegetais, calçados, especiarias ou cassetes sobre religião, há também a área de negociantes de armas. Aqui são vendidos Kalashnikovs, bazucas, morteiros e mísseis antiaéreos, como também munição para essas armas. Algumas ruas oferecem os serviços de falsificação de passaporte. Eles também fazem

certificados, certidões de nascimento, certidões de casamento, entre outros serviços que o cliente pode necessitar.

**Narradora:**

O cenário islâmico é parecido com a confusão do mercado de Bakhara. Há uma variedade de grupos que mudam frequentemente de coalizão. O mais forte e radical é o grupo Al Shabaab, “A Juventude”, em tradução. Eles têm aproximadamente 4 mil membros, além dos contatos da rede internacional de terror da Al Qaeda. Às vezes são inimigos mortais dos Shabaab, às vezes se juntam a eles. Estes são Hizbul Islam, o “Partido de Deus”. Por causa da conexão obscura com o Al Shabaab, é difícil estimar seu número de membros, que varia entre mil e 3 mil pessoas. Líder do Hizbul Islam, o Sheikh Hassan Dahir Aweys está há anos na lista de terroristas mais procurados pelos EUA. Eles criticam seus contatos com a Al Qaeda.

**Som: Mercado de Bakhara, Rádio com leitura do Al Corão (vai a BG)**

**Narradora:**

Aweys se permite ficar em Mogadíscio por um tempo. Através de intermediários, ele guiou a mim e a Omar Olad pela cidade. Como em uma caça ao tesouro, durante todo o caminho recebemos novas pistas.

**Som: Entrevista com Aweys e tradutor**

**Se um soldado está no front, lidando com um problema, e ele sente que essa situação pode ser corrigida através de algumas medidas, sim, ele deveria tomá-las. Se você encontra um problema ou uma confusão que para sua operação diária, você está autorizado a não pensar neles e a fazer seu trabalho.**

**Narradora:**

No fim, nós nos encontramos com o terrorista procurado internacionalmente no quarto de sua terceira esposa. E nos permitimos ficar em um canto do chão do quarto. Atrás de nós, a enorme cama de casal com uma colcha cor de rosa bordada. As mulheres tinham saído da sala e se escondido atrás da cortina que separava a sala do quarto.



### **57. Hassan Dahir Aweys**

Meus inimigos podem me chamar como eles quiserem, até mesmo de terrorista. Mas o povo me conhece como herói.

#### **Som: Entrevista com Aweys e tradutor (vai a BG)**

#### **Narradora:**

Sheikh Hassan Dahir Aweys, do Hizbul Islam, rejeita as acusações dos americanos. Com uma barba tingida de vermelho e com grandes óculos, ele ensina muitos muçulmanos eruditos. Ele é uma das figuras centrais por trás da maioria dos assassinatos.

#### **Música: “Oud Tremolo Space” (vai a BG)**

#### **Narradora:**

É por isso que ele fala com prazer apenas sobre alguns aspectos do seu passado. Como coronel do exército Somali, ele aprendeu a lutar em 1977, na conhecida guerra Ogaden contra os Etíopes. Aweys foi condecorado por sua bravura, embora a região de Ogaden tenha sido perdida para a Etiópia. Aweys, um nacionalista do fio de cabelo aos pés, quer ter Ogaden de volta em uma nova Somália. Suas esposas ainda estão em seus esconderijos. Volta e meia elas puxam a cortina para o lado para dar uma olhada. Uma delas traz uma bandeja com copos de chá e hortelã. Ao longo dos anos, embora fosse um militar condecorado, Aweys fez de Siad Barre, antes seu principal patrono, seu novo inimigo.

### **58. Hassan Dahir Aweys**

Fui preso e condenado à morte porque eu estava lutando pelo Islã. O meu grupo queria introduzir a lei islâmica, a sharia, naquele tempo. Nós éramos apenas nove pessoas em um movimento religioso.

#### **Narradora:**

Aweys odeia os Etíopes até hoje. Eles vão lutar contra o país vizinho por todos os meios, mesmo por meio de uma guerra de guerrilhas. Isso vale para qualquer poder militar estrangeiro que ultrapasse as fronteiras da Somália.

**Música: “Sweep Somalia”, “Wicked out” (vai a BG)**

**Narradora:**

Mais de 70 soldados mortos, já reclamou a força de paz africana no início de 2011. Vários ministros Somalis de transição foram mortos. Além de inúmeros cidadãos somalis, intelectuais, jornalistas e trabalhadores humanitários. Eles são assassinados porque fazem, supostamente, um pacto com o Ocidente. Sheikh Hassan Dahir Aweys não é responsável, sozinho, por todas essas mortes. E seu Hizbul Islam não é tão radical como a organização rival Al Shabaab. Depois de tudo que ele falou para mim, uma mulher, ele me deixa sair ilesa, protegida por guarda-costas. Por outro lado, Omar Olad proibiu que eu sequer cogitasse uma reunião com um representante sênior do Shabaab. Entretanto, Aweys não é um estudioso de barba tingida de vermelho que ensina com prazer.

**Música: “Sweep Somalia”(vai a BG)**

**Narradora:**

Quando perguntado se luta através de atentados suicidas e outros ataque terroristas, ele toma 10 minutos pensando. Só então ele fala uma coisa como resposta.

## **59. Hassan Dahir Aweys**

Nós continuaremos lutando. Seja por meios convencionais ou por guerrilha.

**Música: “Breakbeat Somalia D + Störgeräusche”**

**Som: Rádio**

**Música: “Monochord Grain”, “Suufiyada” (vai a BG)**

**Narradora:**

Cheguei ao hotel à noite e havia um telefonema da embaixada alemã em Nairóbi. Existe uma ameaça concreta contra mim. Não é sábio, continuar no Hotel Sahafi. Agora, no meio da noite, qualquer movimento é impossível. O dono do hotel, Abdirashid Hussein Shire, manda um miliciano com uma Kalashnikov passar a noite em uma cadeira, do lado de fora do meu quarto.

**Som: Murmúrio do rádio****Narradora:**

De manhã, ele me acompanhou no café da manhã. Estamos em uma grande sala, isolados dos outros hóspedes. Eu em uma mesa, ele no sofá, há cinco metros. Eu não sei seu nome, ele não fala inglês e olha para mim em silêncio. Através dos orifícios de ventilação na parede eu vejo os outros hóspedes se sentarem no pátio. Na pressa, eu não encontro nenhum local seguro para ficar em Mogadíscio, e Omar Olad não sabe mais como me ajudar.

**Música: “Oud Impro Grain Solo Störungen” (vai a BG)****Som: Teclado de computador (vai a BG)****Narradora:**

Jabril, eu preciso sair antes do que eu previa, depois de um aviso de que o perigo só aumenta. Preciso interromper minhas investigações e infelizmente não poderemos nos encontrar. E você? Você ainda quer ficar aqui? E o que aconteceu com o que você me disse da última vez? É verdade ainda? E você ainda lutará? Se cuide.

**Som: Avião decolando****Música: “Monochord Grain only strings” (vai a BG)****Som: No avião, vôo de Mogadíscio (vai a BG)**

**Narradora:**

O avião decola. Deixamos Mogadíscio abaixo de nós e voamos sobre o mar, com suas praias de areia sem fim, totalizando 3 mil quilômetros. A água é cristalina e turquesa. Não há mais indústrias que possam sujar a água. As últimas unidades foram destruídas durante os conflitos. Nem barcos de pesca são vistos, pois o trabalho não vale mais a pena. Traineiras estrangeiras esvaziaram o mar da Somália. Não há governo, não há marinha que possa impedir a depredação de frotas estrangeiras. A pirataria é o novo negócio. Cerca de 30 navios e 700 tripulantes caíram nas mãos dos piratas somalis, no início de 2011. A União Europeia envia fragatas alemãs para a costa Somali para evitar ataques - em vão. Do avião, os navios de guerra não podem ser vistos.

**Música: “Breakbeat Somalia D + Störgeräusche” (vai a BG)****Anúncio final:**

O poder dos senhores da guerra de Mogadíscio. Um Feature por Bettina Rühl  
 Vozes: Bibiana Beglau, Heinrich Giskes, Bruno Winzen, Hans-Gerd Kilbinger, Bernd Blömer e Volker Risch

Música: Andreas Bick

Realização Técnica: Jürgen Glosemeyer e Daniel Dietmann

Assistente de produção: Ariane Kessissoglou

Produtora: Martin Zylka

Chefe de Redação: Dorothea Runge

Uma produção da Westdeutschen Rundfunks para a ARD Radiofeature 2011.

Com o exemplo que acabamos de ver, fica evidente que o gênero “transita entre os campos da arte acústica e do jornalismo, e preza pela própria autonomia, tanto em relação à forma, quanto ao conteúdo” (SCHACHT, 2003, p. 12). E pode ser definido pela exploração constante da linguagem radiofônica, o aprofundamento em um único tema e o emprego da subjetividade. Portanto, o gênero faz jus ao status concedido por Orson Welles ao rádio: “o melhor contador de histórias que existe” (apud REIN; ZINDEL, 1997, p.72).

Segundo Staude (1994, p.20), o *feature* “descreve exemplos para, a partir deles, chegar a constatações universais”. Assim, ser um *feature* depende da forma

como o autor vai escolher e transmitir esse ‘exemplo’. “O autor deve conhecer e amar seu tema, antes de resolver ou se incumbir de escrever um *feature*. Quase nenhum outro trabalho radiofônico demanda tanta intimidade com o tema, tanta vontade de realização quanto este”, escreveu em 1945 Axel Eggebrecht, um dos maiores autores do gênero (apud SCHACHT, 2003, p.32).

A paisagem sonora foi um dos precursores do *feature*. Criada pela primeira vez em 1929, por Walter Ruttmann, até hoje ela é utilizada de forma pura ou mista (SCHACHT, 2003). Aqui consideramos a concepção de paisagem sonora a partir da perspectiva que o músico e *radiomaker* canadense Raymond Murray Schafer apresentou em sua obra *The tuning of the world* (1997).

“Paisagem sonora ou ambiente sonoro. Tecnicamente, qualquer porção do ambiente sonoro que pode ser vista como um campo de estudos. O termo pode se referir a ambientes reais ou a construções abstratas, como composições musicais e montagens de fitas, em particular quando consideradas como um ambiente” (SCHAFFER, 2001, p. 366 apud MENEZES, 2011, p. 7).

Apesar de não representar a produção jornalística no sentido restrito, a paisagem sonora cria uma atmosfera e transporta o ouvinte para sua imaginação. E a maioria dos *features* é montada por composição. Eles utilizam de recursos sonoros variados para prender mais facilmente a atenção do ouvinte. Nesse caso, Zindel (2000) chama de “grande forma mista”, em que entram textos do autor, entrevistas, música, paisagem sonora, diálogos etc.

No final da década de 1920, o rádio já estava em cinquenta países, levando música e notícia a todos os aparelhos receptores (GONTIJO, 2004). Nesse mesmo período, o rádio se tornou um instrumento para líderes e estadistas conseguirem adesão política (SCHACHT, 2003).

Políticos, desde a Grécia Antiga, sempre lançaram mão de instrumentos para convencer os eleitores e seus pares. Na primeira metade do século XX, destacou-se a figura de Joseph Goebbels, coordenador da propaganda do III Reich, que, por esse motivo, ajudou a conquistar a adesão de parcela expressiva do povo alemão ao nazismo. Sob sua orientação, eram utilizadas técnicas de publicidade nos comícios, discursos e aparições de Hitler diante da população. O trabalho desenvolvido por ele serviu como alicerce para o desenvolvimento da propaganda política e chamou a atenção para o poder do rádio (STAUDE, 1994).

Sem autonomia alguma e rigidamente centralizado, o rádio servia como ferramenta número um para transmitir as ideias de partidos no poder. Segundo Staude (1994), o rádio ganhava em muito pouco tempo a confiança da população em pesquisas onde se perguntava quem dizia a verdade na Alemanha. O rádio estava sempre disparado à frente dos outros meios.

Desde 1923, na verdade, a Alemanha celebrou uma convenção na qual era pétreo o direito de intervir de acordo com os conteúdos dos programas (SARTORI, 1987 apud SCHACHT, 2003).

O papel do rádio fica mais claro quando analisados alguns números, que impressionam. Como Schacht nos conta, “em 1935, a Alemanha estava entre os quatro países que detinha 88% da produção de aparelhos receptores no mundo e, em 1938, 11 milhões desses aparelhos estavam espalhados pelos lares teutônicos”.

A jornalista Eliana Grossmann (2007) conta que a Alemanha estimulou o desenvolvimento da comunicação radiofônica tanto internamente como no exterior. Segundo a autora, o governo nazista oferecia, por um lado, subsídios econômicos para a compra de aparelhos receptores populares (*Volksempfänger*), enquanto que, por outro lado, esperava que toda família alemã, estivesse ela na Alemanha ou nas colônias espalhadas pelo mundo, tivesse um aparelho receptor para sintonizar as mensagens do Reich. Vale destacar que esse subsídio só era possível, durante a guerra, graças ao trabalho escravo de prisioneiros de alguns campos de concentração em fábricas de válvulas de rádio, como por exemplo, na *Telefunken*.

Nesse início do rádio, a maioria dos profissionais, que iniciou nos meios impressos, trouxe o termo para o novo meio. O *feature* radiofônico foi desenvolvido nos anos de 1930 e 1940 na BBC. O gênero era a forma radiofônica mais querida e mais importante na Inglaterra, durante a guerra e depois dela (SENDER FREIES BERLIN, 1984). Schacht ressalta que, na BBC, os jornalistas de rádio denominavam *feature* qualquer produto que tivesse mais locutores e mais detalhamento, frequentemente com o uso de recursos literários.

Mas “foi na Alemanha que o gênero saiu do estúdio e se aproximou mais da prática jornalística” (SCHACHT, 2003, p. 29). Após a queda da Alemanha nazista, o controle britânico na região norte do país transformou a antiga estatal *Radio Hamburg* em uma emissora pública chamada NWDR, conforme modelo da *British Broadcasting Corporation*, a BBC. Segundo Schacht, por dez anos a NWDR foi a emissora inglesa, mas com a coordenação de programas exercida por alemães. Foi

assim, portanto, que o formato do *feature* chegou à Alemanha, importado dos ingleses, e se espalhou para outros países, como Holanda e Finlândia, por exemplo.

No início, da mesma forma que aconteceu com a televisão, que herdou linguagem e profissionais vindos do rádio, os primeiros sons de *feature* foram guiados pela cultura do impresso. Na Alemanha, a maior parte do tempo de transmissão era ocupada com leituras. Somente nas peças radiofônicas é que os produtores ousavam experimentar mais com a acústica. Uma razão para isso era a não portabilidade dos equipamentos de gravação, o que impossibilitava qualquer tipo de produção externa.

A redatora de *features* Marlis Gerhard analisa o papel da ligação dos autores com a literatura, para o direcionamento que a produção de *feature* tomou:

A primeira geração de autores de língua alemã, desde o início, estava ligada à tônica dos experimentos radiofônicos e do jogo com as possibilidades do jornalismo, das ondas eletromagnéticas, da literatura. (...) Essa permissão de se transcender à forma tem certamente muito a ver com o fato de que essa primeira geração vinha mais da escrita, dos romances e da prosa narrativa, e não do jornalismo diário ou dos folhetins de atualidade. Soma-se a isso a tendência da nova literatura alemã, que finalmente voltava a se encaixar na moderna, grande, importante literatura dos anos 30 e 40 – o que significava o trabalho com montagens, colagens, o jogo de falas, a procura por cortes e brilho próprio, entre outros. Joyce, John do Passos e Faulkner eram exemplos (apud SCHACHT, 2003).

Com a evolução do gravador portátil e da estereofonia, o *feature* se afastou cada vez mais das construções fictícias em estúdio e se aproximou do jornalismo *in loco* (SCHACHT, 2003). Nos anos de 1970, o *feature* parou de se medir por padrões literários e se tornou acústico (STAUDE, 1994). O ruído e outros sons entraram como meios de expressão equiparados com a palavra. A partir de então foi possível trazer realisticamente para o ouvinte vida e realidade.

Até então havia um roteiro sobre a escrivania. Um autor tem seu tema, o conhece, sabe o que quer dizer e começa a escrever. Seu elemento é a linguagem. Seus pensamentos, sua imaginação e suas idéias se concretizavam na linguagem, ganhavam expressão na linguagem. (...) Com o *feature* acústico, o habitual processo de trabalho foi invertido: primeiramente, o som tinha que ser gravado, ordenado, tornado manejável e trabalhado continuamente. Só então era concebido e escrito o roteiro. O material de gravação era agora matéria-prima e o envolvimento temático, a concepção da forma partiam dele (BAUERNFEIND e LINDEMANN apud SCHACHT, 2003, p. 44).

Schacht mostra que essa evolução acabou resultando em um jornalismo que se utiliza de técnicas próprias da construção artística, e, ainda hoje, às vezes da própria ficção, porém com o objetivo de mostrar a realidade.

Mas era a primeira vez que se usava sons originais para a produção de *features*. O responsável por desenvolver os primeiros trabalhos com captações externas foi Peter Leonhard Braun, que trabalhava na *Sender Freies Berlin*.

O primeiro *feature* captado e produzido inteiramente em estéreo foi Hühner (Galinhas, SFB/BR/WDR, 1967, 59'50"), uma documentação sobre a criação de frangos em escala industrial (SCHACHT, 2003). O sucesso foi tão arrebatador que os *features* mais bem sucedidos foram passados para CDs e fitas cassetes em 1994, e eram vendidos inclusive em postos de gasolina (STAUDE, 1994).

Essa "forma brilhante de rádio" (STAUDE, 1994) passou a ser definida pela emissora 'Berlim Livre' da seguinte forma:

- 1) Diferente de uma peça radiofônica, ele trabalha com um material real, cria quadros da realidade a partir de todos os meios acústicos possíveis.
- 2) Os *features* se desenham através de uma estrutura dramatúrgica artística.
- 3) Familiarização mais longa com um tema e amor pelo assunto são colocações importantes para a redação.
- 4) Autores do gênero devem entender ao máximo as questões técnicas do rádio, para que possam criar com todas as possibilidades organizacionais disponíveis.
- 5) Textos, canções, gravações ambiente e ruídos são montados acusticamente o mais impressionante possível, e isso significa trabalhar com regras musicais de ritmo e de harmonia.
- 6) A narração do *feature* é basicamente subjetiva (onde um comentarista falando em primeira pessoa é apenas uma forma possível dessa subjetividade, mas não é a única).
- 7) O *feature* não conhece nenhuma forma clara estabelecida.

O então chefe de redação do jornal *Zeit* durante os anos de 1992 e 1997, Robert Leicht, sentenciava:



A explosão da quantidade e da multiplicidade ameaça soterrar a qualidade da informação. A intensa concorrência pela audiência e credibilidade favorece o pensamento superficial, o fascínio emocional, em lugar do peso da reflexão avaliadora. Também a imprensa escrita há tempos procura adequar-se nesse perfil cada vez mais gritante, mais rápido, menor e mais fútil (apud STAUDE, 1994, p.6).

Em uma entrevista, Noam Chomsky foi questionado se poderia explicar em um minutinho o que ocorria no Timor Leste e expor sua opinião sobre a situação. Ele disse: 'Não, não posso'. E a entrevista acabou (STAUDE, 1994).

Nas falas de Leicht e de Chomsky, principalmente, fica gritante a evidência de como o *feature* e o jornalismo de desenvolvimento são irmãos na essência. E fica claro como a Alemanha desempenhou um papel crucial para o desenvolvimento do *feature*.

### 3 VOZ DA ALEMANHA

#### 3.1. VOZES DO MUNDO

Em alemão, *Deutsche Welle* (Onda Alemã), ou DW, simplesmente. É sobre essa empresa de comunicação que recairá o foco deste capítulo. Faremos um breve histórico da radiodifusora<sup>15</sup> – já que alguns programas dela serão analisados posteriormente – e apresentaremos os três principais sistemas de radiodifusão. A saber: estatal, público e comercial. Destacaremos as principais diferenças em suas programações, a fim de mostrar a maior tendência para a prática do jornalismo do desenvolvimento que existe por parte das radiodifusoras públicas, como é o caso da DW.

Contudo, antes de mergulhar nessas tarefas, é necessário conhecermos mais sobre a história e o funcionamento das emissoras internacionais. Como nos conta a jornalista Eliana Grossmann (2007), as principais são: BBC World Service (Inglaterra, lançada em 1932), Voice of America (EUA, lançada em 1942), Radio France Internationale (França, iniciada em 1975), Rádio Nederland RNW (Holanda, lançada oficialmente em 1947), Rádio Exterior da Espanha (Espanha, iniciada em 1937), RAI International (Itália, iniciada em 1930), Rádio Praga (República Tcheca, lançada em 1936), Voz da Rússia (Rússia, antiga Radio Moscou, mas rebatizada em 1991), Radio Vaticano (Vaticano, lançada em 1931), entre muitas outras.

É na Holanda que foram dados os primeiros passos para a formação da primeira difusora internacional. Em 1927, a empresa Philips percebeu as possibilidades daquela nova mídia de ondas curtas e desenvolveu transmissores e receptores para estimular o mercado. A empresa passou então a produzir programas de qualidade sobre política e economia, para os cidadãos dos grandes impérios, que viviam espalhados pelo mundo, nas diversas colônias. As transmissões internacionais da Holanda só foram interrompidas mais tarde, em maio de 1940, por ordem dos nazistas. Os militares alemães utilizaram o poderoso ‘braço radiofônico’ da Holanda para fazer transmissões pró nazistas.

---

<sup>15</sup> Considerada um exemplo de sucesso do jornalismo de desenvolvimento, segundo informações proferidas pelo freelancer australiano e consultor da *Deutsche Welle* Guy Degen, na conferência intitulada “Developing World”, que aconteceu em 23 de março de 2010, em Bruxelas, Bélgica, sob coordenação da Comissão Europeia e do Centro Europeu de Jornalismo.

Segundo Grossmann (2007), há diversos motivos para se criar um serviço internacional<sup>16</sup>, como, por exemplo: manter contato com antigas colônias ou com emigrantes, ser porta voz de políticas externas, divulgar cultura e educação, estimular relações comerciais, melhorar o prestígio interno, divulgar a perspectiva nacional sobre notícias e acontecimentos mundiais, fazer propaganda ou até mesmo fazer pregação religiosa.

De acordo com a pesquisadora, parece anacrônico ligar um rádio de ondas curtas<sup>17</sup> para sintonizar uma emissora internacional. Porém, essa é a opção de muitas pessoas para acessar os serviços das difusoras estrangeiras listadas acima. Grossmann explica que a transmissão em ondas-curtas permite que a mensagem chegue a lugares distantes, sem se restringir a uma plataforma de baixa qualidade auditiva. Contudo, nos grandes centros urbanos, o outro extremo, um número crescente de pessoas no mundo todo estão aderindo a outras plataformas para escutar rádio, como FM, satélite e on-line, de acordo com site da BBC World Service (2011)<sup>18</sup>.

Mas fica a pergunta: por que as pessoas optam por rádios de ondas curtas? Existem duas razões principais. Primeiro, pela impossibilidade de recepcionar emissoras locais, no caso de moradores de zona rural. Segundo, pela dificuldade em obter informações com credibilidade ou sem censura em seu próprio país, pois a programação das radiodifusoras internacionais contém notícias que muito provavelmente seriam vetadas pelas redações locais, devido à censura governamental, religiosa ou de interesses dos donos dos veículos.

Portanto, além de divulgar a perspectiva noticiosa de um determinado país e de fazer um tipo de propaganda cultural, as emissoras estrangeiras estão calcadas,

---

<sup>16</sup> Serviços internacionais são estruturas, dentro das emissoras internacionais, responsáveis por criar e transmitir uma programação para determinado país ou região do globo, fora do local de transmissão. Esta programação é feita em língua do local de recepção. Transmissão internacional é o termo elegante para uma combinação complexa de notícias, informação e entretenimento patrocinada por um Estado, e direcionada para uma população localizada fora das fronteiras do Estado patrocinador (PRICE, 2003 apud GROSSMANN, 2007).

<sup>17</sup> Ondas curtas são frequências de ondas eletromagnéticas, um tipo de faixa de radiodifusão. Elas também são conhecidas por *short waves*, seu nome em inglês. Uma frequência em ondas curtas é determinada em MHz (megahertz), e a faixa em que essa frequência aparece é medida em metros. Estas bandas de radiofrequência são compreendidas entre 2.300 e 29.900 kHz (comprimentos de ondas dos 100 aos 10 metros). Nestas frequências as ondas se propagam em linhas retas e ricocheteiam em alturas distintas da ionosfera (quanto mais alta a frequência, maior a altura), o que possibilita que os sinais alcancem longas distâncias, até mesmo dando uma volta no planeta (GROSSMANN, 2007).

<sup>18</sup> Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/worldservice/schedules/frequencies/>. Acesso em 19/08/2011.

desde o princípio, em prestar serviços jornalísticos para regiões com pouca liberdade, a fim de estabelecer democracias sólidas.

Por exemplo, apesar do Brasil ser reconhecido internacionalmente como uma democracia, a 'Radio Nederland' justifica seu serviço em português com os seguintes dados sobre o Brasil, publicados em seu site (GROSSMANN, 2007):

- 1) Menos de 10 famílias (grupos econômicos) detém mais de 80% das estações de rádio e TV, além de controlar os jornais brasileiros;
- 2) Muitas concessões para o funcionamento de estações de rádios e TV's estão nas mãos de políticos;
- 3) 10% das estações brasileiras são subsidiadas pelo governo;
- 4) A publicidade é a única fonte de renda para os 90% restantes. 40% deste dinheiro vêm de multinacionais e outros 40% são encomendadas pelos governos estaduais e pelo governo central como forma de fazer campanha eleitoral.

Portanto, percebe-se que alavancar o desenvolvimento é uma diretriz geral enraizada nas emissoras internacionais. No entanto, nesse cenário tão diversificado das radiodifusoras estrangeiras, o que faz da Deutsche Welle um destaque na prática do jornalismo de desenvolvimento? É o que veremos a seguir.

### 3.2. ARAUTO DA LIBERDADE

De acordo com a jornalista Eliana Grossmann (2007), que já estagiou no serviço em português da empresa, a primeira difusora chamada Deutsche Welle GmbH foi fundada em agosto de 1924, em Berlim. Ela era uma corporação de todas as emissoras regionais da Alemanha. Esta, porém, não tem ligação alguma com a DW que iniciou suas transmissões em 03 de maio de 1953.

Desde 2003, a DW está localizada na cidade de Bonn, às margens do Rio Reno, em um complexo arquitetônico conhecido como *Schürmann-Bau*, que compreende nove prédios interligados por pontes, com três ou quatro andares cada, além de dois salões térreos, quatro subterrâneos e o centro de mídia, totalizando 160.000 metros quadrados de área (GROSSMANN, 2007).

Este complexo foi originalmente projetado pelo arquiteto Joachim Schürmann para ser a sede do parlamento alemão (*Bundestag*), no bairro onde estava localizado o Governo Federal. Porém, com a reunificação alemã ocorrida em outubro de 1990, o parlamento mudou-se para Berlim antes do final de sua construção, e a

obra foi adaptada para ser a sede da emissora internacional alemã. De qualquer forma, a Deutsche Welle precisava abandonar sua antiga sede, localizada na cidade de Colônia (*Köln*, em alemão), pois o prédio que a abrigava foi construído com amianto – fibra mineral relacionada à ocorrência de diversas patologias.

O resultado da adaptação da obra, em Bonn, foi um complexo de prédios brancos, com linhas retas e bem iluminados, graças às salas envidraçadas. Sete grupos de estúdios são destinados para rádio. Estes locais são separados do resto da estrutura da DW, por motivos de isolamento acústico, por uma segunda estrutura, e são ventilados artificialmente. Cada um destes sete complexos de estúdios contém uma sala de controle, dois estúdios de som e um escritório de produção. O fato de ter dois estúdios de som possibilita uma melhor transição entre programas ao vivo. Cada um dos estúdios possui um painel de controle independente, que também pode ser usado como sistema de *backup* em caso de pane na sala principal de controle. Há também nove estúdios de produção, que possibilitam criar programas em abundância, sendo que um deles também funciona como estúdio de televisão para entrevistas. Quando se compara esta estrutura com a do prédio anterior, em Colônia, é possível se assustar, uma vez que a antiga sede possuía 45 estúdios de rádio. Porém, atualmente grande parte dos programas de rádio são produzidos através de AWs (*Audio Workstations*), que são estações de trabalho independentes, onde o próprio jornalista pode criar e editar seus programas, sem necessitar de grandes estruturas e técnicos. Há 50 AWs instalados em salas isoladas acusticamente, com poucos equipamentos, além do computador. Há também 150 estações de edição, com recursos de finalização mais complexos. Todo o complexo de estúdio da Deutsche Welle é digital, portanto é raro ver fitas por lá. De fato, há 40 antenas de satélite no complexo, além de um centro de computação e de *backup* com mais de 100 servidores. Além de sua sede em Bonn, onde a Deutsche Welle centraliza a produção de rádio, concentra grande parte da produção de conteúdo para seu portal, e é a sede do centro de treinamento da emissora, a Deutsche Welle conta também com uma central de produção televisiva em Berlim. Neste prédio há redações, estúdios, a parte de engenharia de televisão e o TTC (*Television Training Centre*), que é parte da DW-Akademie (centro de treinamento da Deutsche Welle). A DW ainda possui escritórios em Washington, Moscou e Bruxelas, e divide com o sistema de emissoras públicas alemãs (ARD) correspondentes ao redor do mundo (GROSSMANN, 2007, p. 87-9).

A história da Deutsche Welle começa com uma decisão conjunta entre o governo alemão e a rede de emissoras de direito público – ARD (*Arbeitsgemeinschaft der Rundfunkanstalten der Bundesrepublik Deutschland*) –, em 11 de junho de 1952, de criar uma emissora de ondas curtas com o nome de Deutsche Welle. Seu objetivo seria transmitir os fatos políticos, econômicos e culturais da Alemanha. Haviam se passado sete anos após o término da Segunda Guerra Mundial e a imagem da Alemanha perante o mundo era indissociável dos horrores do holocausto nazista (GROSSMANN, 2007).

No domingo, dia 03 de maio de 1953, quase um ano depois de sua criação, foram transmitidas em ondas curtas três horas de programação em alemão, que

começou com um discurso de inauguração feito pelo então presidente alemão Theodor Heuss (1884-1963). O discurso foi dirigido aos compatriotas no exterior e salientava o papel da emissora, que era de distensão das relações entre os países e de difusão de uma imagem autêntica de um país democrático, em momento de reconstrução do pós-guerra.

Além do discurso, a programação inaugural incluía música clássica – obras de Beethoven e valsas vienenses –, um bloco de notícias, um comentário e canções populares. A programação tinha, inicialmente, três horas, mas era irradiada em cinco direções, em horários diferentes, totalizando 15 horas diárias, como conta Grossmann (2007).

Nesse período, a Deutsche Welle se resumia ao serviço alemão de radiodifusão, pois era apenas isso que o alto comitê dos países aliados permitia. O início oficial das transmissões em português para o Brasil foi só em maio de 1962 (GROSSMANN, 2007). Mas já antes dessa data, a partir de 1959, houve programas transmitidos em português brasileiro sem regularidade.

A redação brasileira surgiu com uma ampliação da programação, em conjunto com as línguas persa, turco, russo, polonês, tcheco, eslovaco, húngaro, sérvio e croata.

Com a reunificação da Alemanha em 1990, a *Radio Berlin International*, então encarregada da transmissão de conteúdos em línguas estrangeiras na antiga República Democrática Alemã (RDA), deixou de existir e muitas de suas tarefas foram incorporadas pela Deutsche Welle.

Como Grossmann (2007) ressalta, atualmente a Deutsche Welle tem sofrido cortes maciços de orçamento e funcionários. Entre 1999 e 2004, o orçamento foi reduzido em cerca de 75 milhões de Euros – em 2004 a emissora recebeu mais de € 287 milhões do Governo Federal. Desde 1994, o quadro de funcionários foi reduzido de 2,2 mil para 1,2 mil empregados. Todavia, ao analisar a trajetória da emissora, é fácil perceber os motivos pelos quais que ela ganhou a reputação de voz da liberdade, de acordo com o diretor geral da DW, Erik Bettermann (2010).

Um dos momentos marcantes, que determinaria a importância das transmissões da DW, se deu durante a Primavera de Praga, em 1968. Quando a União Soviética invadiu a Tchecoslováquia, o rádio desempenhou um papel de extrema importância junto à população, que, orientada por emissoras de rádio clandestinas, recebiam instruções com duração de até 9 minutos para impossibilitar

a triangulação do sinal. Naquele momento, a Deutsche Welle ampliou temporariamente o tempo de programação para aquela região para três horas, e deu assistência técnica para melhorar a qualidade da recepção na Tchecoslováquia. Logo em seguida, houve outra crise que contou com a interferência da emissora, desta vez na Grécia, devido à ditadura militar reinante. A emissora alemã se manifestou e dobrou seu horário de transmissão para a região (TSCHOCHNER, 2009).

Em 1975, depois da independência das ex-colônias portuguesas, a Deutsche Welle passa a irradiar programas em português para a África, que inicialmente eram feitos pela Redação Portuguesa para a Europa. E em 1º de abril de 1992 foi lançada a DW-TV em Berlim, e a programação televisiva da DW passou a ser transmitida via satélite, sendo que a programação tinha três blocos de duas horas, transmitidos em inglês e alemão. Em novembro deste mesmo ano a programação foi expandida, e chegou a 14 horas. Em 1º de julho de 1993 a programação durava 16 horas, com o espanhol como a terceira língua (GROSSMANN, 2007).

Mas enquanto as emissoras de rádio tradicionais se dividem entre públicas (que refletem as necessidades e anseios da população receptora pagante, com uma programação fundamentada nos seus costumes e nas suas necessidades), governamentais (que se sustentam através de verba advinda do governo, e defendem a posição do estado, que pode ou não estar de acordo com os interesses da sociedade) e privadas (empresas de capital privado, sustentadas por publicidade, que visam obtenção de lucro), as emissoras internacionais dividem-se apenas em governamentais, privadas ou de direito público (a qual é diferente das públicas) (GROSSMANN, 2007).

Vale ressaltar que, segundo a autora, para ser uma emissora pública, “sua programação deve ser pensada e desenvolvida para formar uma sociedade culta e tolerante, mostrando diversos pontos de vista. Deve buscar a democratização da informação, ser baseada em pesquisas sociológicas, considerar a pluralidade cultural daquela comunidade e principalmente prestar serviços à comunidade com total liberdade editorial” (p. 69).

Por esse motivo, nas emissoras públicas há maior ‘espaço’ e liberdade editorial para fazer jornalismo de desenvolvimento, utilizando o *feature* como ferramenta (SCHACHT, 2003). O fato de não haver a mola mestra do lucro e da

audiência, que movem as emissoras comerciais, permite uma programação mais democrática e aprofundada, menos norteadas pelo *hard news* (BESPALHOK, 2006).

Segundo Laurindo Leal Filho, as emissoras públicas europeias apresentam seis características em comum: têm o propósito de procurar atender às expectativas de todo o tipo de público existente no raio de sua atuação; suas concessões de funcionamento, dadas pelo governo, permitem uma interpretação de objetivo e missão bem amplos; exploram a pluralidade, tanto na composição dos conselhos diretores como na audiência multifacetada, permitindo investir grandes montantes de dinheiro em programas caros, mesmo que a quantidade de audiência seja baixa para determinados programas; as emissoras têm um papel cultural, devendo sustentar e renovar as características culturais básicas da sociedade e permitir aos artistas a oportunidade de disseminarem de forma ampla seu trabalho criativo; são altamente politizadas, estimulando debates, entrevistas e análises de especialistas a respeito de temas políticos; e controlam a força da publicidade, quando a permitem em forma de propaganda, para que ela não interfira na produção dos programas (GROSSMANN, 2007).

Porém, para não haver influência da publicidade ou do governo, são necessárias comissões de controle e observação. E, dependendo do país, elas realmente conseguem controlar o sensacionalismo na cobertura de tragédias, por exemplo, ao ouvir a opinião ou reclamação dos receptores.

Na Grã-Bretanha, o parlamento criou dois órgãos de controle: o 'Broadcasting Standards Council' e o 'Broadcasting Complaints Commission', que controlam a qualidade de programação, principalmente no que tange à violência e sexo, e que recebe e analisa as queixas dos receptores, respectivamente. Ambos podem obrigar as empresas a transmitirem suas recomendações.

Na França, três conselheiros são nomeados pelo presidente da República, três pelo presidente do Senado e três pelo presidente da Assembleia Nacional. Eles formam o 'Conselho Superior de Audiovisual' que, além de autorizar o uso das frequências, fiscaliza o cumprimento dos contratos de concessão e impõe sanções ou cassam concessões, se for necessário.

Na Itália, o controle é exercido por uma espécie de defensor público, nomeado pelo Parlamento. Ele é o responsável em garantir igual acesso de todos os partidos ao rádio e à televisão, e tem especial importância nos períodos eleitorais.

Na Alemanha, há uma complexa legislação sobre a organização do rádio e da televisão, que depende de estado para estado. Porém, de forma geral, as leis estabelecem os requisitos necessários para o funcionamento das emissoras, os princípios básicos das programações, o que é proibido colocar no ar, propõe o



equilíbrio de opiniões nos temas controversos, e controla o limite de tempo de publicidade, entre outras cláusulas.

De acordo com a Lei da Deutsche Welle (2005), a emissora internacional deve “traduzir a imagem da Alemanha como um país cultural, inserido no contexto europeu, e como um país democrático, fundamentado em uma Constituição liberal. A programação deve oferecer um fórum para a Europa e outros continentes, sob a perspectiva alemã e sob outros pontos de vista, sobre assuntos importantes, principalmente política, cultura e economia, a fim de promover a compreensão e o intercâmbio de ideias entre diferentes pessoas e culturas. Ao fazer isso, a Deutsche Welle deve, especialmente, promover a língua alemã” (p.7).

Segundo Tschochner (2009, p. 3), a DW fornece “notícias, informação de fundo, reportagens fascinantes e documentários”, do coração da Europa, “para pessoas de todas as culturas que não se satisfazem só com as manchetes, mas que querem saber de tudo com exatidão”.

De acordo com a brochura da emissora publicada pelo serviço em inglês e em português (TSCHOCHNER, 2009), a gama de finalidades é ainda mais ampla. Nela contém objetivos que não fazem parte oficialmente da Lei da Deutsche Welle, porém estão incorporados no dia a dia da emissora e recebem, inclusive, uma parte de seu orçamento. Pode-se então dividir os objetivos da emissora em sete itens:

- 1) Estimular o diálogo entre as nações, estimulando um intercâmbio de culturas;
- 2) Incentivar a tolerância e entendimento internacional;
- 3) Promover valores como liberdade e democracia;
- 4) Apoiar os direitos humanos através de reportagens independentes, abrangentes, confiáveis e pluralistas;
- 5) Apresentar amplamente a situação política, cultural, econômica e social, incluindo opiniões, tendências e desenvolvimento. Estas opiniões são variadas, não se limitando ao ponto de vista alemão;
- 6) Divulgar o idioma alemão;
- 7) Dividir sua experiência em mídia treinando profissionais de mídia de empresas e associações parceiras em países em desenvolvimento.

Com base nas diretrizes da Deutsche Welle, não é difícil identificar seus públicos-alvo: 1) Pessoas interessadas na Alemanha e na Europa, principalmente multiplicadores e formadores de opinião; 2) Pessoas que querem aprender alemão;

3) Alemães morando no exterior; 4) Pessoas localizadas em regiões de crise e conflito; 5) Pessoas morando em países sem liberdade de imprensa e de expressão.

Como a transmissão radiofônica via ondas curtas e via satélite envolvem grandes investimentos, a DW determina suas regiões de recepção principalmente considerando regiões em crise e conflito ou sem liberdade de imprensa e expressão.

No entanto, por ser mantida pela sociedade alemã e transmitida ao exterior, a DW não faz a população pagante se sentir beneficiada diretamente por ela. Por isso, muitos não veem vantagem em patrocinar um empreendimento tão caro, mesmo o compromisso sendo garantido pela Carta Magna alemã (GROSSMANN, 2007).

A autora pontua que muitos políticos também não apreciam a DW, pois o governo alemão não tem direito nem condição de interferir na emissora. Como ela só transmite para fora do país, também não há influência direta sobre o eleitorado alemão. Ou seja, do ponto de vista dos políticos, a Deutsche Welle é um investimento que não oferece um retorno. Portanto, quando a situação financeira do Governo Federal piora, os políticos passam a reduzir imediatamente a verba destinada à emissora.

A Deutsche Welle é classificada como emissora de direito público (*Anstalt des öffentlichen Rechts - AdöR*). No Brasil, não existe emissora com as características compatíveis com a definição de emissora de direito público, que não é estatal, embora seja financiada com recursos públicos. Apesar disso, é independente do governo e não se submete a ele. Portanto, não é uma emissora oficial, como a Radiobrás, por exemplo.

Uma empresa de direito público é uma instituição com uma determinada tarefa pública, que lhe é atribuída legalmente, conforme define juridicamente Otto Mayer (1924 apud GROSSMANN, 2007): “Uma instituição de direito público agrega um conjunto de recursos humanos e materiais, os quais, na mão de um agente da administração pública, são destinados a sempre servir a um objetivo público”.

No caso da Deutsche Welle, há independência total por parte de cada uma das redações internacionais, que desenvolvem suas próprias programações, baseadas em estudos de necessidades de informação específicas de cada país.

Como explica a Lei da Deutsche Welle (2005) que norteia o funcionamento da difusora, a parte executiva da DW é composta por três corpos: pelo Conselho de Radiodifusão, pelo Conselho Administrativo e pelo Diretor Geral. Desde 2001, o

Diretor Geral da emissora é Erik Bettermann, que, no final de 2006, foi reeleito pelo Conselho Federal de Radiodifusão da emissora para ficar no cargo até 2013.

O Conselho de Radiodifusão representa os interesses do público em geral. Eles são conselheiros do Diretor Geral para assuntos ligados à programação e supervisionam o cumprimento dos propósitos previamente declarados dos programas em geral. Este conselho também deve supervisionar o cumprimento do artigo 5 da Lei da Deutsche Welle, que sustenta:

1) Os programas da Deutsche Welle devem respeitar e cuidar da dignidade humana. Devem cumprir a lei de forma geral e as leis que protegem o direito dos menores, e garantindo a igualdade entre homens e mulheres, cuidando para que seja mantida, por direito, a honra pessoal.

2) Os programas devem possibilitar ao público formar opiniões independentes, e não devem apoiar um partido político, nem outra associação política, nem alguma comunidade religiosa, nem uma profissão ou nenhuma comunidade de seu interesse. As convicções morais, religiosas e ideológicas do público de rádio e de televisão deverão ser respeitadas.

3) As reportagens devem ser abrangentes, verdadeiras e factuais, e devem ser feitas com a consciência de que os programas da Deutsche Welle afetam as relações entre a República Federal da Alemanha e outros países. A fonte e o conteúdo das notícias devem ser conferidos com cuidado. Os comentários devem ser claramente separados das notícias, e devem poder ser reconhecidos como tal, indicando o nome do autor.

Este conselho é responsável por eleger o Diretor Geral ou de tirá-lo do cargo, caso se faça necessário. Eles também são responsáveis por eleger ou demitir membros do Conselho Administrativo, e controlar a publicidade, entre outras atribuições.

O conselho de Radiodifusão contém 17 membros, os quais são eleitos pelo Parlamento Federal, pelo Governo Federal, pelo *Bundesrat* (Câmara Alta do Parlamento Alemão), e por diferentes grupos sociais e organizações, como a Igreja Católica, a Igreja Protestante, o Conselho Judaico, a Associação Esportiva Alemã, o Conselho Cultural Alemão, a Associação de Funcionários das Indústrias e Comércio Alemão, a União dos Funcionários Públicos, a Academia de Letras Alemã, a Delegação de Reitores Universitários e organizações de desenvolvimento humano.

O Conselho Administrativo é composto por sete membros, sendo que um é eleito pelo Parlamento Federal, um pela Câmara Alta do Parlamento Alemão e um pelo Governo Federal. Os outros quatro são eleitos pelo Conselho de Radiodifusão entre os candidatos indicados por diferentes grupos sociais e organizações, como a Câmara Alemã do Comércio, Confederação das Associações de Funcionários, associações religiosas ou acadêmicas, da área da Comunicação.

Os membros do Conselho Administrativo devem supervisionar as tarefas de administrativas do Diretor Geral, com exceção do planejamento de preparação da programação. A qualquer momento o Conselho Administrativo pode pedir um relatório do Diretor Geral, inspecionar as documentações da Deutsche Welle, entrar em qualquer departamento e examinar procedimentos.

As redações dos serviços em português se fundiram, conforme os serviços internacionais para alguns países foram terminando. Uma crise financeira foi o motivo de fechamento também da redação brasileira, extinguindo as transmissões radiofônicas para o Brasil em 31 de dezembro de 1999. A redação de rádio em português para o Brasil foi transformada em uma redação on-line. Ainda em março de 2002, os programas em português para a Europa são cancelados, e as emissões de rádio em português são destinadas apenas para a África. No dia 01 de julho, a redação brasileira on-line também foi extinta, e os jornalistas brasileiros são integrados na redação multilíngue DW-World.de (GROSSMANN, 2007), que atualmente prima pela integração de áudio, vídeo, texto e foto.

Sobre o programa 'Contraste', que será analisado no próximo capítulo, Tschochner (2009) explica que, de forma compacta, ao longo de dez minutos, aproximadamente, o programa traz "informações de fundo" sobre temas de política e de direitos humanos, questões de desenvolvimento, ciência, meio ambiente e cultura. "O foco é o mundo lusófono, do Rio de Janeiro a Maputo passando por Lisboa e Luanda. Todas as semanas um olhar especial por detrás dos bastidores" (2009, p.8). Na própria página do programa na internet, eles destacam: "Escute semanalmente os *features* e as entrevistas de fundo da Deutsche Welle, a Voz da Alemanha".

Segundo Tschochner (2009), em 2004, a DW foi a primeira radiodifusora internacional a utilizar podcasts. A expressão podcast tem sua origem na união das palavras 'broadcasting' e 'iPod', respectivamente o substantivo inglês para 'transmissão' e o nome de um dos produtos mais famosos da empresa norte-

americana Apple. E é basicamente um programa que você pode baixar pela internet e ouvir quando quiser, sem se prender à grade de programação. Hoje o serviço disponibiliza áudio e vídeo em diversos formatos, como Flash, Windows Media e mp3. Como afirma Meditsch (1997), as fronteiras da radiodifusão tornam-se indefinidas graças às novas tecnologias, de modo que a transmissão não se limita a transmissores terrestres, mas inclui satélites, cabo e internet, como meios de oferta de programação.

Depois de pintar brevemente a história e o funcionamento geral da emissora, que segue diretrizes legais estabelecidas na Carta Magna alemã, estamos preparados para fazer uma análise de conteúdo de quatro *features* do programa ‘Contraste’ – do serviço em português –, que pratica o jornalismo de desenvolvimento.

#### 4 O JORNALISMO DE DESENVOLVIMENTO NA PRÁTICA DO SERVIÇO EM PORTUGUÊS DA DEUTSCHE WELLE

Até aqui traçamos a história e os aspectos teóricos do jornalismo de desenvolvimento, com base nas características radiofônicas. Também vimos como a Deutsche Welle surgiu, ampliou-se e ajudou a ‘consolidar’ a prática do jornalismo de desenvolvimento ao dia a dia de sua redação. Hoje a radiodifusora chega ao ponto de ser reconhecida internacionalmente como a voz da liberdade – embora a palavra ‘liberdade’ esteja cansada e desgastada, e a emissora do Qatar, a Al Jazeera, esteja no páreo para o epíteto.

Neste capítulo analisaremos quatro *features* veiculados no programa de rádio ‘Contraste’, do serviço em português da Deutsche Welle. A intenção é entendermos melhor como o jornalismo de desenvolvimento toma corpo no trabalho radiofônico da emissora, tida como um grande exemplo a ser seguido na prática deste gênero.

A escolha desses quatro programas foi aleatória, de modo a atender à grande gama de possibilidades possíveis para a prática do jornalismo de desenvolvimento no rádio.

Dois *features* exploram o mesmo assunto (a saber, educação), mas focam em diferentes exemplos: um positivo e outro negativo. Isso mostra como a modalidade também deve analisar políticas que deram certo, não só noticiando tragédias ou situações ruins. Os outros dois *features* são fiéis ao que a modalidade prega e fazem bom uso da linguagem radiofônica.

Por meio dessas amostras poderemos apalpar com nossos ouvidos o fazer do jornalismo de desenvolvimento. Tanto a escuta quanto a análise tem o objetivo de jogar ainda mais luz sobre toda a história e os conceitos apresentados até agora.

Com a análise de conteúdo livre, a partir da mesma metodologia de Bessalok (2006), pretendemos inferir alguns dos elementos com que os *features* de jornalismo de desenvolvimento foram construídos, como a linguagem (texto, paisagem sonora, silêncio e música) – segundo classificação de Ferrareto (2000) –, tempo de produção, entre outros.

Vale lembrar que não se pode tomar esses *features* como trabalhos últimos e definitivos de como é e de como se faz jornalismo de desenvolvimento na Deutsche Welle. Eles formam apenas um pequeno indicativo da prática.

#### 4.1. OS OBJETOS DE ANÁLISE

Os quatro *features* da Deutsche Welle que serão analisados são:

- 1) Objetivos de Desenvolvimento do Milênio: escolaridade para todos na Índia;
- 2) Objetivos de Desenvolvimento do Milênio: escolaridade para todos na Colômbia;
- 3) Os homens do lixo de Manila: “Quem fica doente, morre”;
- 4) Mutilação Genital Feminina - parte 1: Os diferentes tipos;

Eles foram veiculados pela primeira vez, respectivamente, nos dias 17 de setembro de 2010, 24 de setembro de 2010, 29 de abril de 2011 e 19 de setembro de 2011. Os *features* foram baixados em formato mp3 do site da emissora, na íntegra, e, para examiná-los com maior cuidado, utilizaremos os roteiros dos materiais. Dois roteiros foram cedidos por Johannes Beck (a saber, ‘Os homens do lixo de Manila’ e ‘Mutilação Genital Feminina’), atual diretor do serviço em português da rádio DW; os outros dois foram transcritos pelo autor deste trabalho.

Os elementos a serem devidamente analisados nos *features* escolhidos são linguagem textual, paisagem sonora, silêncio, música, humanização, número de personagens oficiais, número de personagens não oficiais, questão autoral, duração total e tempo de produção.

#### 4.2. OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO DO MILÊNIO: ESCOLARIDADE PARA TODOS NA ÍNDIA

Essa reportagem de autoria de Pia Chandavarkar e Sophie Tarr é apresentada por Marta Barroso. Antes de discorrer sobre o *feature*, porém, é necessário conhecer mais sobre Marta, que integra o serviço em português da DW. Para isso, a fim de manter o tom autoral, colocaremos uma breve descrição que a própria Marta faz sobre ela mesma, no site da emissora.

O meu lugar de sonho: um lugar em África. O meu destino de sonho: África. Então o que faço eu em Bona, no centro da Europa? Aqui não há sinais de ar abafado e colante, as mulheres não vendem carne cozinhada nas bermas das estradas nem os ferrys demoram oito horas a chegar à outra margem do Reno. A primeira vez que pisei solo africano foi em 1999. Um mês depois começava a minha licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (Inglês e Alemão) na Faculdade

de Letras da Universidade do Porto. Aí vi que traduzir textos de outros autores não era nada para mim. E entretanto, em várias viagens, vi também que queria escrever para África e sobre África. E segui por outro caminho, aquele que me trouxe um pouco mais para Norte, mas que, nem por isso, me afastou mais do Sul. Aqui, na Alemanha, fiz estágios em diferentes órgãos de comunicação. No Norte, estou geograficamente “um pouco longe” de África. Mas, hoje, não poderia estar mais feliz do que em Bona, na redacção do programa em Português para África da Deutsche Welle. É que, aqui, o que mais me fascina faz parte do meu dia-a-dia: aqui dou o meu nome e a minha alma aos textos que escrevo – sobre África e para África. E a cada dia que passa, sei que estou um passo mais perto do Sul (DEUTSCHE WELLE, 2011).

O *feature* faz parte de uma série de oito capítulos, que explora exemplos positivos e negativos, de quatro dos oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM). Em 2000, os 189 Estados-membros das Nações Unidas assinaram a Declaração do Milênio, que é um comprometimento de todos os governos a erradicar a pobreza extrema e a fome, alcançar a educação primária universal, promover a igualdade de gênero, reduzir a mortalidade infantil, melhorar a saúde materna, combater o HIV, a malária e outras doenças, assegurar a sustentabilidade ambiental e desenvolver uma parceria global para o desenvolvimento. O deadline para essas tarefas é o ano de 2015.

Para essa reportagem, a DW foi até a Índia, país considerado um exemplo negativo, no que diz respeito ao segundo ODM. O *feature* mostra que, apesar de uma lei recente que torna compulsório para todas as crianças da Índia o ensino escolar – uma promessa desde a fundação do país –, pouco mudou. De acordo com um estudo da ONU, segundo a reportagem, a Índia tem a maior taxa de analfabetismo do mundo, com 8 milhões de crianças que não frequentam a escola. Em sua maioria, são as meninas que mais sofrem.

E, além disso, como se já não fosse suficiente, esse cenário caótico se alia à pobreza, professores frustrados e métodos arcaicos. O *feature* não só mostra como essa política pública da Índia tem de mudar – sendo necessárias medidas adicionais para diminuir a pobreza, por exemplo –, como deixa claro que uma lei não é suficiente para mudar uma situação tão complexa.

Logo abaixo segue a transcrição do *feature*. As partes ininteligíveis serão marcadas pelo signo de interrogação (?), e as partes cuja ortografia correta desconhecemos serão sublinhadas (\_).



#### 4.2.1. ROTEIRO DE 'OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO DO MILÊNIO: ESCOLARIDADE PARA TODOS NA ÍNDIA'

##### **Vinheta – tempo: 10 segundos**

**Narradora:** Consigo, Marta Barroso. Na nossa série sobre os Objetivos do Milênio, das Nações Unidas, apresentamos hoje a segunda das oito metas, que consiste em assegurar que em 2015 todas as crianças do mundo, meninas e rapazes, possam terminar a escola primária. E para isso vamos até a Índia. Já tinham passado mais de 60 anos desde a instauração da república, quando a promessa que então se tinha feito de introduzir a escolaridade obrigatória na Índia, foi cumprida. (?) de Abril de 2010, a nova lei entrou em vigor. Desde então, todas as crianças com idades entre os seis e os catorze anos tem obrigação de frequentar uma escola primária. Mas muitas organizações em defesa dos direitos das crianças temem que a lei poucas alterações traga. Segundo um estudo das Nações Unidas, a Índia continua a ter uma das mais altas porcentagens de analfabetos do mundo. Cerca de oito milhões de crianças indianas, sobretudo meninas, não frequentam qualquer escola. Pobreza, migração, professores mal formados e frustrados, bem como métodos de ensino ultrapassados levam a que muitas dessas crianças abandonem a escola. Fica a questão se uma lei é suficiente para levar as crianças à escola e mantê-las lá.

##### **Som da casa da família durante 5 segundos (vai a BG)**

**Narradora:** A ventoinha no teto gira alto e em bom som. O candeeiro ilumina levemente as paredes da habitação. É um quarto pequeno, e é aqui que Manisha vive com os pais e os três irmãos. A sua casa fica na cidade de Tathawade, no estado de Maharashtra, na Índia. Manisha e seu irmão mais novo estão sozinhos em casa. Os pais estão no trabalho. Manisha arruma a louça e varre o chão com uma pequena vassoura improvisada com ramos. Há dois anos que a menina de doze anos trata da casa. Os pais trabalham na produção de tijolos e passam o dia fora. O dia da família começa ao amanhecer. Também Manisha se levanta cedo com seus pais. É ela que prepara a comida, lava os pratos e a roupa. Só ao fim da manhã tem tempo para si. Frequenta uma escola de férias da organização não-governamental India Sporsorship Committee. Lá aprende canções, trabalhos manuais e costura

com outras crianças. Não se trata de uma escola normal. Manisha teve de interromper a sua educação há dois anos. Hoje, parece ter aceitado a realidade.

#### **Som de fala de Manisha durante 4 segundos**

**Manisha:** Eu gostava de ir para a escola. Mas era cara e eu tinha de tratar do meu irmão. Havia muito trabalho em casa.

#### **Som de fala de Manisha durante 3 segundos**

**Narradora:** Manisha tem ainda outras obrigações. Desde que saiu da escola, ajuda os pais na produção de tijolos. Trabalha com eles no forno de duas a três horas por dia.

#### **Som de fala de Manisha durante 2 segundos**

**Manisha:** Tenho de carregar tijolos até às quatro e meia da tarde. Depois preparamos areia para o barro que vai ser usado amanhã.

**Narradora:** O sol queima. Um termômetro mostraria 40 graus. Mas na produção de tijolos, o calor não pode constituir obstáculo. Às duas da tarde o movimento à volta do forno é grande.

#### **Som da fábrica de tijolos durante 4 segundos (vai a BG)**

**Narradora:** O forno limita-se a umas paredes altas de tijolos empoleirados. Cinco a seis mulheres carregam os tijolos que ainda não estão prontos e colocam na pilha daqueles que irão mais tarde para o forno. Os homens levam os e os colocam uns sobre os outros. Por baixo, está uma camada de brasas. É aqui que à noite os tijolos são cozidos. Depois, estão prontos. Manisha põe um lenço na cabeça e por cima uma tábua de madeira. Começa a carregar os tijolos como as outras mulheres. Um em cima do outro, todos em cima da tábua que tem pousada na cabeça. Consegue transportar seis tijolos quase sem esforço. Por via, tem de carregar vinte e cinco dessas pilhas. Em troca, recebe 17 rupias. Nem 30 cêntimos de euro. Os pais de

Manisha sabem que o trabalho infantil é proibido por lei, e que sua filha deveria frequentar a escola. Mas não tiveram escolha, diz a mãe, Sarita Kandavale.

**Som de fala de Sarita durante 5 segundos**

**Sarita:** A escola fica longe. É muito difícil levá-la lá. Além disso, não temos dinheiro para a escola. Temos de trabalhar tanto só para podermos comer. E para a escola é preciso comprar tantas coisas: uniforme, pasta, livros, lápis. Não podemos pagar isso.

**Som de fala de Sarita durante 5 segundos**

**Narradora:** Segundo a nova lei de escolaridade obrigatória da Índia, o ensino primário é gratuito desde o dia 1 de abril de 2010. Mas a família Kandavale, tal como muitas outras famílias das camadas mais pobres, não tem conhecimento disso. A escola estatal em Tathawade diz que não recebeu ainda instruções oficiais sobre a nova lei. E por isso a escola exige uma taxa de admissão equivalente a quase dez euros, ainda este ano. Essa taxa cresce em taxas mensais de cerca de 3 euros por criança. Os pais de Manisha ganham menos de 32 euros por mês. Com esse dinheiro, tem de alimentar a família. Propinas escolares para quatro filhos, material para a escola e transporte: todos esses custos são demasiado altos para eles. Da lei, não consta se estava suma as despesas em casos como o de Manisha. Portanto, os pais decidiram que ela, como filha mais velha, teria de contribuir para o rendimento mensal. Enquanto o dinheiro chegar, os seus três irmãos podem continuar a frequentar a escola. Mas a vida escolar também tem os seus desafios. A cerca de 25 quilômetros de Tathawade, fica a cidade de Pune. A escola Baburau Sanas fica na cidade velha. Oficialmente as aulas estendem-se desde o meio dia e meia até às cinco e meia da tarde, tal como em outras escolas estatais.

**Som da sala de aula durante 3 segundos (vai a BG)**

**Narradora:** Só que uma hora e meia depois do início das aulas, ainda o ambiente não é de aprendizagem. Na primeira classe, o caos está instalado. A professora não está na sala, as crianças brincam, choram ou gritam, batem nos bancos e correm de

uma ponta a outra da sala. Gangu de sete anos está à janela. Tem cabelos escuros curtos, uma argola dourada no nariz e veste uniforme da escola: uma camisa amarela e sobre ela um avental cinzento. Gangu diz que esse é um dia de escola normal.

### **Som de fala de Gangu por 5 segundos**

**Gangu:** A professora sempre chega muito tarde. E até lá nós ficamos a brincar.

### **BG da sala de aula**

**Narradora:** Gangu é pardi, uma etnia nômade que se encontra sobre tudo nos estados de Madhya Pradesh e Maharashtra. Os pais de Gangu são trabalhadores sazonais, que migram de cidade em cidade. Passam o ano em viagem pela Índia, a procura de trabalho. Vendem produtos como flores ou balões, na rua. Até agora, Gangu não tinha frequentado nenhuma escola porque tinha estado sempre com os pais. Em outubro de 2009, Gangu foi adotado pela organização Ekalavya. Agora vive num lar com outras crianças pardi e vai todos os dias à escola. Às três, chega finalmente a professora, Priyanka Gaikwad. Pede aos alunos que se mantenham em silêncio e explica que esteve na sala da diretora da escola. Diz que teve de tratar de uns documentos para o governo do estado. Esse tipo de atividade é rotina, diz Gaikwad.

### **Som de fala de Gaikwad durante 6 segundos**

**Gaikwad:** Nós, professores, temos muitas vezes outras obrigações fora da escola. Temos de escrever relatórios para o governo ou então ajudar no recenseamento da população. A prova da primeira classe ainda não começou, por isso a diretora da escola deu-me esta tarefa. Além disso, a colega de outra turma está de férias e eu tenho de dar aula às duas turmas, juntas. Quando as crianças se juntam é caótico. Até porque, nem tenho lugares suficientes na sala.

### **Som de fala de Gaikwad durante 5 segundos**

### **BG da sala de aula**

**Narradora:** Fato é que o espaço é pouco na sala de aula. Em vez de 30 alunos, estão aqui quase sessenta. Alguns têm de sentar no chão. Gangu escolhe um lugar entre duas outras meninas. A primeira aula é de marati, a língua mais falada no estado de Maharashtra.

### **Som da aula durante 7 segundos (vai a BG)**

**Narradora:** Enquanto os alunos leem as letras e formam palavras, a professora segura um pau. De vez em quando, bate em uma ou outra criança quando fazem mais barulho. Oficialmente, é proibido bater nos alunos, mas a professora diz que se não o fizer, não é possível impor disciplina. Ao contrário de alguns colegas, Gangu está concentrada no exercício.

### **Som de fala de Gangu durante 3 segundos**

**Gangu:** Estou a escrever algumas letras para a prova.

### **Som de fala de Gangu durante 7 segundos**

**Narradora:** Dentro de poucos dias a primeira classe tem a sua prova final. Gangu não poderá fazê-la. A escola diz que ela não está inscrita oficialmente porque não tem certidão de nascimento. Gangu nasceu em casa. Os pais não podiam pagar o serviço ao hospital e por isso não receberam a prova de nascimento da sua filha. Gangu poderia ter recebido de um hospital estatal uma certidão, só que quando o documento foi pedido, tinha já passado o prazo para este ano. Assim, a menina terá de esperar até o próximo ano. Com a sua idade, deveria estar a passar agora para a terceira classe. Assim, continua na primeira por mais um ano. Muitas crianças como Gangu abandonaram a escola. Nessa situação, aborrecem-se nas aulas quando tem de repetir a matéria. Então, preferem ir para as ruas e ganhar algum dinheiro. Os assistentes sociais que acompanham Gangu temem que também ela possa abandonar a escola. Mas por enquanto parece que a menina não quer saber disso. Ela, que vai para a segunda classe, diz.

### Som de fala de Gangu durante 5 segundos

**Gangu:** Eu quero ter sucesso. Quero construir uma casa grande para os meus pais e morar lá com eles.

### Som ambiente da escola durante 3 segundos

#### 4.2.2. ANÁLISE DA REPORTAGEM

O *feature* dura 10 minutos e 14 segundos. Desse tempo, 5 minutos e 24 segundos (mais de 50% do total) são ocupados com som em *background* (BG) à fala da repórter. Apenas 22 segundos são dedicados à paisagem sonora pura, isso considerando a exclusão da duração dos sons contidos nas falas dos personagens.

Pode-se dividir a reportagem em dois momentos principais: a cabeça – uma introdução tradicional – e o *feature*, propriamente dito. A cabeça é mais tradicional, se comparada com o resto da reportagem, pois prima pela pirâmide invertida e introduz o tema com relativa brevidade. Essa introdução ao *feature* equivale a 11% (1 minuto e 15 segundos) da duração total da reportagem.

Após essa parte, a abertura do *feature* inicia-se com uma descrição puramente narrativa do lugar e da personagem principal inicial, a menina Manisha. Por este fato, percebe-se que a repórter utiliza o modelo individual para construir essa história de desenvolvimento, como recomenda Wates (2010), em seu manual de jornalismo de desenvolvimento.

De fato, esse modelo posto em prática nessa reportagem prima pelo *feature*, ao procurar trazer o ouvinte para próximo do tema ao pintar um cenário de um caso individual, revelando a questão principal posteriormente. Wates (2010) destaca que esse modelo de cobertura pode ter um impacto muito maior que o do *lead* e, segundo Staude (1994, p.20), o *feature* “descreve exemplos para, a partir deles, chegar a constatações universais”.

É interessante notar que, da mesma maneira que a autora inicia a reportagem, ela termina: usufruindo da perspectiva individual dos personagens. A repórter ressalta que, ao contrário de muitos colegas, Gangu não pretende desistir

dos estudos; essa personagem almeja continuar estudando para ser feliz com seus pais.

Esse fechamento também tem outro papel. Apesar da atmosfera do *feature* ser dominada por aspectos socioeconômicos negativos, que podem entristecer o ouvinte, consegue-se resgatar alguma forma de esperança no receptor justamente com o momento final.

No todo, foram ouvidos quatro personagens; todos não oficiais. Este trabalho não conseguiu apurar se isso foi proposital ou se as devidas autoridades é que não quiseram se pronunciar. Portanto, a fala oficial está sempre relegada às estatísticas e às leis.

A questão autoral, tão característica do *feature*, está presente nas descrições da autora, embora não em primeira pessoa, explicitamente. Ela não é taxativa em suas críticas e não traça julgamentos explícitos. Ela deixa as informações e as situações que descreve falarem por elas mesmas. Contudo, por isso, a crítica ganha força e fica cada vez mais clara conforme os segundos passam. O *feature* bate no fato de a lei de ensino obrigatório estar em vigor e permanecer desconhecida para as diretoras; de que uma única lei não é suficiente para mudar uma situação complexa, que também é norteadas por outras variáveis, como pobreza, trabalho, alimentação, valorização dos gêneros, entre outras; de que a burocracia de obter uma certidão de nascimento impede a aluna Gangu de estudar e ameaça sua permanência, já que ela pode se cansar e resolver sair para ganhar algum dinheiro; de que a pobreza ainda impera, e o governo pouco consegue mudar. Ou seja, o *feature* faz uma análise pequena porém bastante específica de uma lei pública, que também é uma política pública de desenvolvimento.

Como ressalta Manzano (2000), mesmo que não se consiga pôr todos os elementos desse gênero jornalístico de desenvolvimento em prática, a incorporação de alguns ou de grande parte deles já é um fato a ser comemorado. Por isso a DW ainda continua a ser um exemplo quando se fala da prática desse jornalismo.

A repórter cumpre o que o jornalismo de desenvolvimento prega. Ela analisa criticamente a realidade social, sem hostilizar a política e sem um negativismo geral, denuncia furos na prática da lei de ensino público, humaniza os fatos, dá uma perspectiva de carne e osso para o problema e nos faz se importar e pensar sobre ele.

Ferrareto (2000) diz que a linguagem radiofônica no jornalismo engloba o uso da voz humana, da música, dos efeitos sonoros (paisagem sonora) e do silêncio, que atuam isoladamente ou combinados entre si de diversas formas. Cada um destes elementos contribui, com características próprias, para o todo da mensagem. Os três últimos trabalham em grande parte o inconsciente do ouvinte, enquanto que o discurso oral trabalha com o consciente.

A música, a paisagem sonora e o silêncio são então os maiores responsáveis por transportar o receptor ao cenário do acontecimento, proporcionando a chamada criação de imagens mentais.

Armand Balsebre (2000) define o sistema semiótico radiofônico como um conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas por sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, cuja significação vem determinada pelo funcionamento conjunto destes recursos na recepção sonora e imaginativa-visual dos ouvintes.

Contudo, ao analisar o *feature* em questão da Deutsche Welle, não se encontram músicas ou silêncio, o que bate diretamente de frente com os argumentos de Ferrareto e de Balsebre; ou seja, não há uma composição perfeita. Mas essa ausência de silêncio e de música parece não afetar o *feature*, nesse caso. Talvez isso se deva ao pouco tempo dedicado à reportagem – pouco mais de 10 minutos, o que é uma característica do programa ‘Contraste’, no qual o *feature* está inserido.

No que concerne à oralidade radiofônica, o texto do *feature* respeita a simplicidade, no sentido da escolha lexical; a concisão e a coerência, traduzidas em um texto curto, em linguagem coloquial e com organização quase sempre direta.

E embora essa reportagem tenha sido feita pelos serviços centrais da Deutsche Welle, a saber, o em inglês e em alemão, o serviço de tradução e adaptação que o serviço em português faz é valioso e respeita alguns dos preceitos do jornalismo de desenvolvimento.

Primeiro, a tradução é um serviço valioso, pois leva as informações para aqueles que não dominam outros idiomas, permitindo uma comunicação mais eficiente. Segundo, mostra essa realidade para países que tem a língua portuguesa como idioma oficial, os quais se aproximam em muito da realidade mostrada na reportagem. Tanto as populações como os governos podem utilizar esse exemplo para criar novas políticas públicas ou melhorar as já existentes.



### 4.3. OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO DO MILÊNIO: ESCOLARIDADE PARA TODOS NA COLÔMBIA

Esse *feature* de autoria de Lewis Acuña é apresentada por António Caiscais, jornalista português e repórter da Deutsche Welle. A reportagem também faz parte de uma série de oito *features*, que explora exemplos positivos e negativos, de quatro dos oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM).

Para essa reportagem, a DW foi até a Colômbia, país considerado um exemplo positivo no que diz questão ao segundo ODM. O *feature* mostra que, ao entrar na cruzada por uma educação gratuita e de qualidade, o governo colombiano conseguiu colher bons frutos. A flexibilização do sistema escolar e a criação de diversos programas voltados para diferentes públicos de crianças fizeram a porcentagem de desistência escolar cair para apenas 5%, segundo o Ministério da Educação do país, de acordo com a reportagem.

Logo abaixo segue a transcrição do *feature*. As partes ininteligíveis serão marcadas pelo signo de interrogação (?), e as partes cuja ortografia correta desconhecemos serão sublinhadas (\_).

#### 4.3.1. ROTEIRO DE 'OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO DO MILÊNIO: ESCOLARIDADE PARA TODOS NA COLÔMBIA'

##### **Vinheta – tempo: 10 segundos**

**Narradora:** Hoje vamos à América Latina, mais precisamente à Colômbia. Isto para prosseguir a nossa série sobre os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. É que o governo da Colômbia decidiu há anos oferecer a todas as crianças um ensino escolar básico e médio gratuito e de qualidade. E as últimas cifras disponíveis apontam para um progresso substancial na Colômbia, onde se registra uma taxa de escolaridade de cerca de 95%. Os êxitos do ensino público na Colômbia. Uma reportagem de autoria de Lewis Acuña, da Deutsche Welle, apresentada por António Caiscais.

##### **Som da vinheta por 1 segundo**

**Narrador:** O John, como muitos jovens colombianos, é no seu dia a dia confrontado com pobreza e casos de violência. John é um dos cerca de 2.500 alunos da escola de Risaralda, da cidade colombiana de Pereira. Muitos dos seus colegas vivem na rua, outros prostituem-se ou aderem a gangues de malfeitores. O próprio John já passou por essas situações, mas isso pertence ao passado, pois mudou de vida e já só pensa no futuro.

#### **Som de fala de John durante 8 segundos**

**John:** Meu nome é John Brandon (?) Herrera e tenho dez anos de idade. Sinto-me bastante bem nessa escola porque aqui somos tratados com respeito.

#### **Som de fala de John durante 7 segundos**

**John:** As aulas são interessantes. Aqui ensinam-nos a distinguir entre o bom e o mal. Acho que por isso vou progredir na vida, ingressar numa universidade e estudar medicina. Quero estudar e trabalhar.

#### **Som de fala de John durante 6 segundos**

**Narrador:** A ministra colombiana da educação, María Cecilia Vélez White, é uma mulher empenhada. O seu objetivo é garantir que o estado forneça a todos os colombianos uma educação escolar gratuita e de boa qualidade. Por isso, iniciou uma ofensiva governamental na área de educação que já está a dar frutos. A porcentagem de desistência escolar nos últimos anos desceu consideravelmente para atualmente apenas cerca de 5%, segundo fonte do ministério colombiano da educação. Pra além disso, registra-se um aumento no número de alunos que completam o ensino médio, ou seja, pelo menos 9 anos de escolaridade. Em 2002 eram apenas cerca de 400 mil. Hoje em dia perto de 700 mil. Destaque também para os diferentes modelos da assim denominada educação flexível, introduzida na Colômbia. O objetivo é levar a educação a todas as crianças, mesmo as que moram nos pontos mais afastados do país e onde por falta de alunos em número suficiente, não há possibilidade de construir centros escolares. Uma dessas zonas afastadas é a comarca de Aberroal, situada a cerca de 400 quilômetros a noroeste de Bogotá, a

capital da Colômbia. Aqui, nessa zona geograficamente acidentada e afastada, funcionários do ministério da educação tentam formar os próprios pais, para que eles próprios possam funcionar como professores no seio da família. Sandra Patrícia Osório é uma das coordenadoras pedagógicas do projeto.

#### **Som de fala de Sandra durante 7 segundos**

**Sandra:** As tarefas que deverão ser executadas em casa são variadas e muito exigentes. Os alunos aprendem sobre tudo em casa, com os pais, mas vão também regularmente ao centro escolar, onde são avaliados os resultados dos estudos das crianças no seio da família. Esses conhecimentos são então testados. O objetivo é que as crianças evoluam e se desenvolvam progressivamente. Este sistema é integrado no sistema curricular de educação oficial. O objetivo é melhorar o aproveitamento dos alunos. A nossa experiência prova que com nosso trabalho é possível espalhar o ensino e a educação mesmo nas zonas rurais mais afastadas de nosso país.

#### **Som de fala de Sandra durante 4 segundos**

**Narrador:** Nos centros urbanos existem também iniciativas especiais, por exemplo, os denominados grupos de jovens criativos, que se propõem a combater as faltas escolares de crianças e jovens desfavorecidos nas zonas periféricas das grandes cidades. Núbia Polido, coordenadora de um desses projetos em Suaxa, um bairro pobre no sudoeste de Bogotá, explica como funciona seu trabalho.

#### **Som de fala de Núbia durante 5 segundos**

**Núbia:** Lançamos apelos aos alunos e depois vamos à procura deles. Os próprios professores vão para as zonas periféricas, batem às portas das pessoas, perguntando por jovens e adolescentes, que por ventura não frequentem uma escola e estejam interessados em participar de uma das iniciativas do ministério da educação. Quando se consegue convencer dezesseis alunos, pode se formar uma nova turma no ensino oficial. O problema é que alguns desses jovens voltam a fugir da escola.

**Som de fala de Núbia durante 4 segundos**

**Narrador:** Sublinha-se que é garantido o ensino primário e secundário para todas as crianças e jovens colombianos entre os 5 e 16 anos de idade. No entanto, a lei propriamente dita não chega. Na Colômbia, existem vários fatores que podem impedir que crianças gozem de fato de seus direitos. Grupos paramilitares continuam ativos em várias zonas do país e recrutam jovens, e mesmo crianças, para servirem os exércitos, que as autoridades consideram terroristas ou organizadores do narcotráfico.

**Som de fala de Núbia durante 6 segundos**

**Núbia:** Essa gente nas zonas influenciadas por esses grupos paramilitares mudam frequentemente de residência e, conseqüentemente, crianças faltam ou abandonam as escolas. Tentamos reagir de forma flexível ao problema tentando apoiar as crianças que faltam às aulas durante várias semanas porque tem medo de serem raptadas pelos criminosos no caminho entre a casa e a escola. Tentamos dar apoios específicos a essas crianças para que elas voltem a acompanhar as aulas e não percam necessariamente o ano inteiro, só porque faltaram durante algum tempo. O nosso interesse, o interesse do sistema oficial de educação, é evitar que esses jovens caiam nas mãos dos criminosos.

**Som de fala de Núbia durante 4 segundos**

**Narrador:** São ao todo 15 modelos de educação flexível que o governo colombiano pôs em prática nos últimos anos. O mais recente é o denominado Telesecundária, um sistema de ensino posto em prática, por exemplo, na comarca de Tomalameque, junto à costa caribenha. Aqui, existe a possibilidade de se aprender através da televisão. A professora Aneida Moreno explica.

**Som de fala de Aneida durante 4 segundos**

**Aneida:** É um método eficaz, suscetível de incentivar alto ajuda por parte da criança. No fundo, o aluno educa-se a si próprio. O professor assume o papel de mentor, uma espécie de apoiante, não só no campo pedagógico, como também no campo econômico.

**Narrador:** Estas e outras iniciativas que foram postas em pratica na Colômbia, com bastante êxito, são consideradas como modelo para outros países com exigências comparáveis. Os alunos, esses também aceitam bem os apoios. Ouçamos o depoimento da jovem Maris Gladys.

#### **Som de fala de Maris durante 5 segundos**

**Maris:** É muito importante para mim. Os estudos ajudam a progredir nesse mundo.

**Narrador:** Os métodos de ensino tem que ser adaptados às exigências dos alunos no seu dia a dia real. Esse é o trabalho que tem que iniciar-se muito cedo, de preferência na idade de bebê. Assim, se conseguirá de fato atingir um dos mais importantes Objetivos do Milênio: educação de qualidade para todos. Os observadores são da opinião que a Colômbia está em um bom caminho.

#### **Vinheta – tempo: 2 segundos**

**Narrador:** Ouviram um ‘Contraste’ da nossa série sobre os Objetivos do Desenvolvimento do Milênio. Os outros episódios estão disponíveis na nossa página na internet: [www.dw-world.de/contraste](http://www.dw-world.de/contraste). Repito: [www.dw-world.de/contraste](http://www.dw-world.de/contraste). Nessa página, também podem assinar os programas do ‘Contraste’, como podcast.

#### **4.3.2. ANÁLISE DA REPORTAGEM**

O *feature* dura 9 minutos e peca por não dedicar momentos para musica, silêncio, paisagem sonora ou *background* (BG) à fala da repórter. Diante desses fatos, até mesmo encaixá-lo no gênero de *feature* pode ser um equívoco, já que não há exploração da linguagem radiofônica. Por isso existe pouco ou nenhum transporte sensorial e quase criação alguma de imagens mentais.

Ao contrário do *feature* anterior, não é possível dividir a reportagem em dois grandes momentos. A cabeça e o resto do programa formam um coeso único, explorando apenas a fala.

A abertura do *feature* inicia-se com um modelo individual, de acordo com as sugestões de Wates (2010) e Staude (1994). Sem uma descrição narrativa densa, o repórter começa a reportagem com uma descrição da realidade social do lugar e apresentação de John. E o repórter recorre à perspectiva individual de um personagem para concluir o *feature*. Ele mostra como os alunos gostam das flexibilizações e propõe uma possível solução para outros países, que queiram se inspirar no exemplo da Colômbia.

O objetivo do *feature* é analisar uma política pública bem sucedida, descobrir os elementos chave que propiciaram tal sucesso e propor um tipo de alternativa para outros países que passem pelos mesmos problemas na área da educação. Esse exemplo põe em xeque a afirmação de que o jornalismo de desenvolvimento só explora fatos ruins. Isso não coaduna com a prática analisada aqui.

No todo, foram ouvidos cinco personagens; três não oficiais (duas crianças e uma professora), e duas oficiais (coordenadoras de projetos). O interessante, que merece ser destacado, é o fato das opiniões das fontes oficiais e das não oficiais estarem em sintonia.

A questão autoral, tão característica do *feature*, não está presente nas descrições do autor. Apenas no final, é que surge uma sombra da questão autoral, quando o repórter propõe o que os governos devem fazer para solucionar o problema da educação.

O repórter deixa as informações trazidas por ele e pelas fontes, e as situações que descreve falarem por elas mesmas. Isso revela que, de fato, o exemplo Colombiano é constituído mais por pontos positivos do que negativos, principalmente por existir projetos que se adequam às diferentes realidades do país, e pelo governo ir literalmente atrás daquelas crianças e jovens que não estão na escola.

Embora exista dúvida se a reportagem é um *feature*, não há suspeita se é jornalismo de desenvolvimento. Ela cumpre grande parte dos cânones do jornalismo que analisamos neste trabalho. O repórter analisa criticamente a realidade social, destacando aspectos ainda a ser melhorados, mostra o perigo que ronda os alunos,

como os exércitos do narcotráfico, e tenta humanizar os fatos, embora sem sucesso nesse último ponto.

Como ressaltamos na análise anterior, mesmo que não se consiga pôr todos os elementos desse gênero jornalístico de desenvolvimento em prática, a incorporação de alguns ou de grande parte deles já é um fato a ser comemorado (MANZANO, 2000).

No tocante à oralidade radiofônica, o texto radiofônico respeita a simplicidade, no sentido da escolha lexical; a concisão e a coerência, traduzidas em um texto curto, em linguagem coloquial e com organização quase sempre direta.

Apesar dessa reportagem ter sido produzida pelos serviços centrais da Deutsche Welle, o serviço de tradução e adaptação que o serviço em português faz é crucial. Os motivos são os mesmos do *feature* anterior.

#### 4.4. OS HOMENS DO LIXO DE MANILA: “QUEM FICA DOENTE, MORRE”

O *feature* foi produzido por Cecília Roxas, da rádio Catholic Media Network, e Eva Mehl, da Deutsche Welle. A apresentação é de Helena de Gouveia, repórter da DW. Para essa reportagem, a emissora foi até as Filipinas, para tentar perceber o que aconteceu com o seguro saúde prometido pelo governo. Não é apenas uma crítica ao sistema de saúde do país, que está implícito na reportagem, mas também uma cobrança e uma constatação. Fica claro que várias medidas devem ser feitas em conjunto, para se alcançar um único objetivo.

Logo abaixo segue a transcrição do *feature*. As partes ininteligíveis serão marcadas pelo signo de interrogação (?), e as partes cuja ortografia correta desconhecemos serão sublinhadas (\_).

##### 4.4.1. ROTEIRO DE ‘OS HOMENS DO LIXO DE MANILA: “QUEM FICA DOENTE, MORRE”

#### **Vinheta – tempo: 10 segundos**

**Narradora:** Dois euros por dia têm de ser suficientes para si, a mulher e os cinco filhos. Nas Filipinas as pessoas pobres, como António Flores sonham com uma vida melhor. Ficar doente nos bairros da lata de Manila é um cenário terrível, porque não

existe nem apoio médico, nem dinheiro para pagar médicos e medicamentos. Cecilia Roxas, da rádio Catholic Media Network, e Eva Mehl, da Deutsche Welle, foram tentar perceber o que aconteceu ao seguro de saúde prometido pelo governo filipino. Uma reportagem adaptada por Helena de Gouveia.

**Som ambiente da região de Smokey Mountains por 3 segundos (vai a BG)**

**Narradora:** Colunas de fumo erguem-se na lixeira "Smoky Mountains". António Flores está ajoelhado no chão. Debruçado sobre um saco de lixo. Vasculha com suas mãos nuas os detritos.

**Som de fala de António por 2 segundos**

**António:** Eu separo o lixo pedaço por pedaço. Vidro, garrafas de plástico, ponho de lado tudo o que pode ser reciclado. Vendo depois a peso a um intermediário. Pelas latas recebo 5 cêntimos, pelas garrafas de plástico, 20 cêntimos, e pelos pedaços de plástico, um quarto de cêntimo.

**Som de fala de António por 3 segundos**

**Som ambiente da região de Smokey Mountains (vai a BG)**

**Narradora:** No ar paira um cheiro nauseabundo. António afasta restos de repolho podre, panos velhos e latas. António Flores ganha 150 pesos, cerca de 2 euros por dia. É com esse montante que ele tem que alimentar a mulher e cinco filhos. Ele levanta a cabeça lentamente. Tem tuberculose, como muitos aqui na lixeira. Hoje, sente-se particularmente fraco e está preocupado com sua filha mais velha, que costuma ajudá-lo na separação do lixo. Ela tem febre alta.

**Som de fala de António por 4 segundos**

**António:** A minha filha Rochelle está sempre doente nos últimos tempos. Nós estamos todos condenados à morte. Eu não sei se ela tem a doença, talvez eu a



tenha infectado. Quando ela está doente, eu tenho de trabalhar ainda mais.

### **Som de fala de António por 8 segundos**

**Narradora:** Actualmente cerca de 3 mil pessoas vivem e moram no lixo nas Smoky Mountains. Na década de 80, havia trinta mil. Nessa época, a lixeira atingiu 40 metros de altura, e as Smoky Mountains, bem perto da baía de Manila eram quase um símbolo da cidade. Visíveis para qualquer navio que entrasse no porto. Receando pela imagem da cidade, o governo mudou a lixeira municipal para o outro lado de Manila, para Payatas. Lá vivem neste momento cerca de 60 mil homens do lixo.

### **Som do lugar durante 14 segundos**

**Narradora:** Ao pé da lixeira, os "Médicos para o Terceiro Mundo", montaram uma clínica. Na sala de espera lotada, as crianças brincam, enquanto a assistente social, Sally Dimage, regista os pacientes numa lista.

### **Som de fala de Dimage por 9 segundos**

**Dimage:** Aqui nós tratamos os pacientes com tuberculose. Esta é a sala de espera. Os pacientes esperam até os seus nomes serão chamados e então podem consultar um médico. Deste lado fica a sopa dos pobres. Mães e filhos podem comer aqui diariamente. É de graça.

### **Som de fala de Dimage por 4 segundos**

**Narradora:** Se os tratamentos não fossem gratuitos livres, então, diz Sally Dimage, não viria ninguém. As famílias mais numerosas precisam de cada centavo para comida.

### **Som de fala de Dimage por 6 segundos**

**Dimage:** Seis a oito crianças, mais os pais, famílias de dez membros, com apenas o

pai a fazer recolha do lixo e ganhar dinheiro. Assim é difícil sobreviver. A última preocupação que têm é com a saúde. As famílias simplesmente não têm dinheiro para os médicos ou remédios. Eles não têm seguro de saúde, nenhuma economias.

### **Som de fala de Dimage e som ambiente por 7 segundos**

**Narradora:** Na verdade, o governo filipino gaba-se do facto de todos os filipinos pobres estarem isentos de taxas de adesão ao seguro de saúde estatal "Phil Heath". Mas como trabalhadores independentes, os recolectores de lixo pagariam uma taxa anual de 1200 pesos, 18 €. Um montante que não conseguem pagar. Portanto, o governo lançou um programa para fornecer a toda a população pobre cartões de seguro grátis. Este benefício ainda não chegou aqui, afirma Pellosis Malou, que trabalha na clínica.

### **Som de fala de Pellosis por 8 segundos**

**Pellosis:** Nem todas as pessoas pobres são abrangidas, há muitas pessoas necessitadas. O programa não chega a todos. Muitos aqui não sabem nada do "programa do governo para os pobres". A maioria nunca ouviu falar do seguro 'Phil Health', quanto mais no "conceito Phil Health para os pobres". O governo considera a ideia boa, mas encontrar o dinheiro para a concretizar parece ser bem difícil. Provavelmente, trata-se apenas de uma declaração de boas intenções.

### **Som de fala de Pellosis por 2 segundos**

**Narradora:** O ministro da Saúde, Francisco Duque III está satisfeito com os resultados.

### **Som de fala de Francisco por 6 segundos**

**Francisco:** Já seguramos cinco milhões de famílias carentes. Isso é 25 milhões de pessoas que beneficiam do programa nacional de seguro de saúde. Este é um dos maiores legados do governo. Anteriormente, tínhamos apenas alguns necessitados

no programa Phil Heath. Começamos em 2001, com meio milhão de famílias, agora temos 5 milhões. Esta é uma conquista do governo, que é impressionante.

#### **Som de fala de Francisco por 5 segundos**

**Narradora:** O especialista em saúde do Banco Mundial, Eduardo Banzon, defende que o governo nacional, deve identificar os pobres.

#### **Som de fala de Eduardo por 3 segundos**

**Eduardo:** Temos o problema que é não sabermos quem é que é realmente pobre. Somente nos últimos anos, o governo nacional começou a criar uma estatística a nível nacional. Até agora, os governos locais eram responsáveis. Imagine o que acontece quando se identificam os pobres a nível regional. Manipulam-se os resultados.

#### **Som de fala de Eduardo por 5 segundos**

**Narradora:** Assim, não é raro que os familiares ou amigos de funcionários autárquicos desfrutassem de um seguro Phil Health gratuito.

#### **Som do hospital durante 9 segundos (vai a BG)**

**Narradora:** Quem não tem dinheiro, nem seguro, tem como última alternativa o hospital o "San Lazaro" em Manila. Aqui os pobres não são rejeitados na porta. Uma rápida olhadela pela sala é suficiente para se perceber que há muitos anos que nada foi investido na manutenção do San Lazaro. Os equipamentos médicos são antigos. Os pacientes estão deitados em colchões nus, sem lençóis.

#### **Som do hospital durante 4 segundos**

**Narradora:** O dinheiro não falta só para os equipamentos, mas também para o tratamento dos pobres, diz Nimfa Pudong.

### **Som de fala de Nimfa durante 8 segundos**

**Nimfa:** Os medicamentos estão disponíveis, mas nem sempre. Se temos poucos medicamentos então encaminhamos o paciente para os serviços sociais, que muitas vezes só cobrem apenas uma parte dos custos. Então nós temos um problema. Especialmente quando exames, como uma tomografia computadorizada são necessários. Exames, esses, que são muito caros.

### **Som de fala de Nimfa durante 4 segundos**

**Narradora:** O mesmo se aplica às operações. Se o paciente é tratado muito tarde, diz o médico, ele morre. A menos que o médico pague a conta do próprio bolso, a fim de salvar vidas. Mas os médicos, nas Filipinas, têm eles próprios pouco dinheiro. O salário médio é de 400 € por mês. Um em cada dez médicos emigra para os Estados Unidos, onde eles pode ganhar como enfermeiro seis vezes mais. Em vez de investir em San Lázaro, o governo filipino definiu outras prioridades. O objetivo é desenvolver melhores hospitais e promover o turismo médico.

### **Som ambiente durante 7 segundos**

**Narradora:** O sol sobe lentamente nas Smoky Mountains. Enquanto António Flores e o seus colegas se põe a caminho de trabalho, António Taglucop fica em casa. Hoje ele tem que suspender a recolha do lixo. As suas costas doem.

### **Som de fala de António Taglucop durante 7 segundos**

**António T.:** Se pessoas como nós ficam doentes, elas simplesmente morrem. Outros têm ajudas, e têm melhores oportunidades na vida. Mas aqui na lixeira, apenas nos temos a nós mesmos, aqui ninguém o vai ajudar, se você está doente. Nós esperamos até morrer. E antes disso recolhemos de lixo, para comprar arroz.

### **Som de fala de António Taglucop e som ambiente durante 29 segundos**

#### 4.4.2. ANÁLISE DA REPORTAGEM

Com duração de 10 minutos e 12 segundos, o *feature* dedica 40 segundos à cabeça (introdução do tema), 1 minuto e seis segundos à paisagem sonora (cerca de 10%), 2 minutos e 21 segundos ao BG (cerca de 21%), e aproximadamente 19 segundos ao silêncio (1,8%), na conclusão da reportagem. Portanto, há exploração quase que total da linguagem radiofônica, utilizando três de seus quatro elementos – a exceção é a música.

Diferente de outros *features*, a reportagem não tem uma cabeça tradicional. Ela começa de uma maneira bastante pessoal e direta, já direcionando para os personagens principais, que constarão na história, e pincelando uma conclusão breve da situação nas Filipinas, logo no princípio.

Após a cabeça, já na abertura, o *feature* faz logo de início uma descrição do lugar e da personagem principal inicial, o catador de lixo António Flores. Mais uma vez, como em *features* anteriores, a repórter utiliza o modelo individual para construir essa história de desenvolvimento, como recomendam Wates (2010) e Staude (1994). A autora consegue apresentar com uma perspectiva de carne e osso os problemas, e nos faz se importar e pensar sobre eles.

O modelo traz o ouvinte para próximo do tema ao pintar um cenário de um caso individual, descrevendo exemplos particulares para, a partir deles, chegar a constatações gerais. Novamente, da mesma forma que em *features* anteriores, nota-se que a autora conclui a reportagem da maneira que iniciou: usufruindo da perspectiva individual de um dos personagens. Nessa parte, a repórter dá destaque para a condição de António Taglucop e para o cenário socioeconômico exclusivo das Filipinas.

No entanto, ao contrário de outras reportagens anteriores, o fechamento não resgata alguma forma de esperança no receptor. Nessa, a conclusão reforça a estrutura injusta da sociedade e um negativismo relacionado aos problemas enfrentados pelos menos favorecidos.

No todo, foram ouvidos sete personagens; cinco não oficiais, e dois oficiais. A questão autoral está presente nas descrições da autora, embora não em primeira pessoa, de maneira explícita. A jornalista deixa as informações se expressarem sozinhas. O absurdo dos fatos fala por si só.

Por isso, a crítica ganha contornos cada vez mais intensos e evidentes conforme os segundos correm. O *feature* foca no fato de a pobreza e a falta de outras condições afetarem a saúde dos cidadãos; de como o governo pode controlar estatísticas e favorecer conhecidos e parentes de pessoas das altas esferas; de como falta investimento na saúde pública; de como o que é feito até agora não é suficiente; do fato que as pessoas não tem conhecimento do seguro de saúde; do pouco salário pago aos profissionais de saúde, entre outros pontos.

Porém, a mesma crítica construída sobre o primeiro *feature* analisado tem espaço aqui também. A reportagem pode ajudar a nortear o trabalho de governos estrangeiros nas Filipinas; os ministérios estrangeiros, a partir desse *feature*, compreendem onde podem investir se quiserem dar atenção à saúde. Mas não existe ganho direto e imediato para a sociedade local, já que a análise não resultou em uma revisão da política pública de saúde no país, por exemplo. Ou seja, nem o governo foi confrontado com tais informações nem houve discussão sobre os problemas.

Sobre a oralidade radiofônica, pode-se dizer que o texto do *feature* respeita a simplicidade, a concisão e a coerência, por meio de frases curtas; a linguagem coloquial a organização quase sempre de ordem direta.

E embora essa reportagem tenha sido feita pelos serviços centrais da Deutsche Welle, a saber, o em inglês e em alemão, o serviço de tradução e adaptação que o serviço em português faz se apresenta de fundamental importância. Os motivos são idênticos às razões dos *features* analisados anteriormente.

#### 4.5. MUTILAÇÃO GENITAL FEMININA - PARTE 1: OS DIFERENTES TIPOS

O *feature* feito por Débora Miranda e apresentado por Helena de Gouveia, da Deutsche Welle, faz parte de uma série de 5 partes sobre a mutilação genital feminina. A emissora foi até Genebra, Suíça, para mostrar o que é essa violação dos direitos humanos e o que ela acarreta para as mulheres submetidas ao processo.

De acordo com a reportagem, estima-se que entre 100 a 140 milhões de meninas e mulheres em todo o mundo sofram as consequências da mutilação, que está presente inclusive na França e na Alemanha. Essa primeira parte foca na apresentação geral do tema.

Logo abaixo segue a transcrição do *feature*. As partes ininteligíveis serão marcadas pelo signo de interrogação (?), e as partes cuja ortografia correta desconhecemos serão sublinhadas (\_).

#### 4.5.1. ROTEIRO DE 'MUTILAÇÃO GENITAL FEMININA - PARTE 1: OS DIFERENTES TIPOS'

**Vinheta – tempo: 10 segundos**

**Música + som de grito + som de fala durante 10 segundos (vai a BG)**

**(Fala: “Abrir as pernas e cortar l~~he~~ o clitóris”)**

**Apresentadora:** Enquanto estiver a ouvir este programa, 60 meninas serão mutiladas. Muitas morrerão. As outras não esquecerão. Nessa série de cinco programas da Deutsche Welle, sobre a mutilação genital feminina, abordam-se os mitos, os preconceitos e as consequências físicas e psicológicas desta prática. No programa de hoje, da autoria de Débora Miranda, vamos ficar a conhecer os tipos de mutilação mais comuns.

**Fim da música e som de crianças durante 4 segundos (vai a BG)**

**Narradora:** Nem todas as crianças do mundo têm razões para brincar e sorrir. Estima-se que entre 100 a 140 milhões de raparigas e mulheres no mundo inteiro, maioritariamente em África, estejam a sofrer as consequências da mutilação genital feminina: um ato brutal, praticado em meninas bebés e adolescentes, sem quaisquer benefícios para a saúde.

**Som de crianças durante 3 segundos (vai a BG)**

**Narradora:** Existem muitas variações de mutilação genital feminina, também conhecida por FGM (do inglês, Female Genital Mutilation). Para simplificar, a Organização Mundial de Saúde estabeleceu quatro tipos principais: FGM de tipo 1, ou clitoridectomia, são todos os procedimentos que retiram o clitóris,

parcial ou totalmente. A função do clitóris é dar prazer sexual à mulher. FGM de tipo 2, ou excisão, consiste em retirar não apenas o clitóris mas também os pequenos lábios (e por vezes os grandes lábios); o terceiro tipo chama-se infibulação e fecha a abertura vaginal. E última categoria de FGM são os restantes tipos de mutilação, como perfurar, raspar ou queimar a zona genital. A descrição justifica que a FGM seja mundialmente reconhecida como uma violação dos direitos humanos da mulher.

### **Som de criança durante 2 segundos (vai a BG)**

**Narradora:** A mutilação genital prejudica a saúde de várias formas. Causa hemorragias graves, problemas em urinar, e complicações no parto, que, muitas vezes, levam à morte de recém-nascidos.

### **Som de autocarro na OMS durante 6 segundos (vai a BG)**

**(Fala: “Prochaine arrêt: OMS”)**

**Narradora:** Decidi ir à sede da Organização Mundial de Saúde, em Genebra, na Suíça, para perceber melhor esta prática. Conversei com especialistas da área da saúde familiar, como, por exemplo, Islene Araújo de Carvalho, do departamento de gênero e saúde da mulher.

**Islene:** Varia muito onde a mulher tá, se é no norte da África, se é no sul da África, se é na Nigéria, Angola ou Etiópia, e dentro do mesmo país você pode ter várias variações, dependendo da tribo a que ela pertence, e às vezes são variações trazidas pela questão de grupos religiosos, que pode estar ligada à questão do Islã ou não. Ou são religiões animistas locais que acreditam nesse tipo de intervenção.

**Narradora:** Cerca de 90% dos casos de FGM são de tipo 1 e 2. Já a mutilação genital de tipo 3, que sutura a vagina, é mais comum na Somália, no Djibuti, Sudão, parte de Eritreia e em alguns grupos do Quênia. Está mais associada à questão da virgindade.



**Islene:** Eles querem assegurar a virgindade da mulher antes do casamento, quer dizer essa vagina vai ter de ser aberta na primeira noite, na primeira relação sexual. Quando, por exemplo, se retira o clitóris, é porque eles querem tirar qualquer possibilidade da mulher vir a ter prazer sexual. Então existem muitas crenças relativas à questão sexualidade da mulher e esse tipo de crença é que determina naquela cultura, naquele lugar, que tipo de mutilação vai ser usada.

**Música durante 24 segundos (vai a BG)**

**(Letra: Don't cut, she should not bleed not a drop of blood...Don't cut, don't cut on my African queen, No-no-no, Don't use not a knife to transform her/ Não corte, não deveria escorrer nem uma gota de sangue...não corte, não corte minha rainha africana, Não-não-não, não use nem uma faca para transformá-la)**

**Narradora:** Erguem-se vozes contra esta prática, pedindo para não cortar a “rainha africana” com uma faca. Falei com Elise Johansen, especialista máxima da OMS em mutilação genital feminina, e perguntei quais os instrumentos usados para mutilar as raparigas.

**Som de fala de Elise durante 4 segundos**

**Elise Johansen:** Temos a impressão que hoje em dia o mais utilizado é o bisturi, a lâmina de barbear e até a tesoura. Mesmo que a prática seja feita por curandeiros tradicionais e não por profissionais de saúde, eles podem comprar estes instrumentos em hospitais e farmácias.

**Som de fala de Elise durante 3 segundos**

**Narradora:** Há cada vez mais profissionais de saúde a exercer FGM – ou porque pertencem à mesma comunidade que defende a prática, ou porque a cirurgia representa um salário melhor. A infibulação (ou fecho da vagina), normalmente feito entre os 4 e os 9 anos, mas também em bebês, é o método mais complexo.

**Som de fala de Elise durante 4 segundos**

**Elise Johansen:** Vi várias descrições que indicam uma duração de 15 a 20 minutos. Corta-se o clitóris e depois os lábios, porque é preciso criar feridas e carne viva para que se consiga colar os lábios um ao outro. É um procedimento longo. Mas cada curandeiro tem as suas técnicas próprias.

**Som de fala de Elise durante 6 segundos**

**Narradora:** A zona mutilada é extremamente sensível. Ainda que haja anestesia (o que é raro), a dor não passa até que a ferida cicatrize. Pode durar oito semanas. Heli Bathija gere a região africana do departamento de investigação e saúde reprodutiva da OMS:

**Som de fala de Heli durante 6 segundos**

**Heli:** Um relato que nos chega repetidamente é o da forma como as raparigas são agarradas com violência pelos membros da própria família. Muitas vezes não lhes explicam o que vai acontecer. Ficam com memórias muito más para o resto das suas vidas...ouvimos histórias muito comoventes...e terríveis.

**Som de fala de Heli durante 9 segundos**

**Narradora:** Elise Johansen acrescenta.

**Som de fala de Elise Johansen durante 4 segundos**

**Elise Johansen:** No momento de serem mutiladas elas têm muito medo de morrer. E algumas de fato morrem. Mas também sofrem mais tarde. Muitas das mulheres com quem falei disseram que tinham de defender as mães e dizer “eu é que pedi e quis isto para mim” porque é muito difícil pensar que os próprios pais lhes fizeram mal.

**Som de fala de Elise Johansen durante 7 segundos**

**Narradora:** Para além de causar infecções urinárias e quistos grandes, a mutilação genital, em especial do tipo 3, altera a rotina da mulher. O pequeno orifício deixado na vagina não é suficiente para deixar passar o sangue menstrual, que acaba por se acumular na vagina com muitas bactérias. A cientista Heli Bathija mostrou-me um livro, escrito pelo doutor Moustapha Touré, no Mali, que descreve o sofrimento de meninas infibuladas com apenas alguns meses de vida.

#### **Som de fala de Heli durante 6 segundos**

**Heli:** Uma das complicações mais comuns é a dor ao urinar ou mesmo a incapacidade de urinar. Outra é a anemia (uma doença do sangue que provoca fraqueza). Esta menina que vemos aqui foi cortada três vezes em apenas um mês porque a primeira e a segunda não conseguiram cortar bem, e quando finalmente a levaram para o hospital, ela não tinha fome e estava letárgica, a situação já era muito grave.

#### **Som de fala de Heli durante 5 segundos**

**Narradora:** Para as que sobrevivem e se tornam mulheres, a vida sexual é tudo menos normal, como explica Islene Araújo de Carvalho.

**Islene:** Depende da modalidade porque eles podem costurar a vagina e deixar só um pedacinho que permite a entrada do pênis ou que permite a entrada do pênis com dificuldade, só o suficiente para a fertilização, então dependendo da modalidade, tem que descoser na hora da relação sexual, ou eles deixam e aí na hora do parto tem de ser feito também.

**Narradora:** Será que os homens também passam por tal agressividade? A mutilação genital feminina não deve ser confundida com a circuncisão masculina.

#### **Som de fala de Elise Johansen por 5 segundos**

**Elise:** Há semelhanças na forma como as pessoas veem as duas práticas. Cortamos os homens e cortamos as mulheres. Mas se olharmos para o

procedimento médico, há diferenças cruciais. Na circuncisão, tira-se a pele. Na maioria dos casos de FGM, é o clitóris que se tira, o que equivale a cortar a cabeça do pênis.

### **Som de fala de Elise Johansen por 4 segundos**

**Narradora:** Muitos homens, quando se apercebem desta comparação, deixam de defender a mutilação genital feminina.

### **Música durante 2 segundos (vai a BG)**

**Narradora:** Por isso pedem para não cortar.

### **Música durante 5 segundos (vai a BG)**

**Islene:** Ninguém tira um fígado, ninguém tira um pâncreas sem ter consequências. A gente precisa do fígado, do pâncreas, de um dedo. Ninguém se retira nenhuma parte do corpo sadio. Então quando você retira um clitóris, um pequeno lábio ou o órgão genital, aquele órgão tinha uma função e aquela função tá perdida. No caso é a função sexual, além da função reprodutora. Ela vai ter uma limitação sim, talvez não consiga ter orgasmo, não consiga ter libido. E tem o próprio trauma psicológico. Ela vai ter medo de ter relações sexuais, não vai nem pensar nisso! Né, é uma coisa assim bastante traumática.

### **Música durante três segundos**

**(Letra: “No more bleeding.../ Sem mais sangramentos...”)**

#### **4.5.2. ANÁLISE DA REPORTAGEM**

O *feature* tem 9 minutos e 59 segundos, dedicando 29 segundos à cabeça (introdução do tema), 25 segundos à paisagem sonora (cerca de 2%), 2 minutos e 18 segundos ao BG (cerca de 22%), e aproximadamente 30 segundos à música (3%). Portanto, há exploração quase que total da linguagem radiofônica, utilizando

três de seus quatro elementos – a exceção é o silêncio. No entanto, pode-se afirmar que a música – nesse caso – acaba por desempenhar a mesma função que o silêncio.

Contrastando com os *features* anteriores, essa reportagem não pode ser dividida em dois momentos principais, a saber, cabeça e *feature*. Desde a introdução estão presentes elementos do *feature*, e a apresentação inicial do tema é feita com menor densidade de informações oficiais. A autora prefere explorar uma estatística, que continuará a ocorrer durante a escuta do programa – o fato de que, durante quase 10 minutos, 60 meninas serão mutiladas –, e fazer um resumo bastante breve.

No restante do *feature*, após os 29 segundos da cabeça, ela apresenta a questão autoral mais explicitamente que os programas anteriores ao utilizar verbos conjugados na primeira pessoa do singular, como “decidi”, “conversei”, “falei”, “perguntei” e “mostrou-me” (quando o mais comum seria apenas ‘mostrou’).

O discurso deste *feature* recorre à função emotiva. Logo no início há evidências: “Enquanto estiver a ouvir este programa, 60 meninas serão mutiladas. Muitas morrerão. As outras não esquecerão”, e “Nem todas as crianças do mundo têm razões para brincar e sorrir. Estima-se que entre 100 a 140 milhões de raparigas e mulheres no mundo inteiro, maioritariamente em África, estejam a sofrer as consequências da mutilação genital feminina”.

Percebe-se que recorrer à função emotiva é uma estratégia que visa a humanização do tema e a cooptação da atenção do ouvinte. Talvez isso ocorra por no *feature* só estarem presentes vozes oficiais, o que também pode se justificar por ser a primeira reportagem de uma série. No todo foram consultadas três personagens; todos oficiais.

Portanto, por não haver vozes não oficiais, passíveis de descrições e da emissão de opiniões, a autora acaba utilizando a questão autoral para criar laços de aproximação com o ouvinte. As estratégias que a repórter utiliza trazem o ouvinte para próximo do tema.

Apesar do tema despertar um pouco de repulsa em quem ouve, a autora consegue acender uma luz de esperança para alguma mudança social no momento em que mostra que pessoas defendem a suspensão dessa tradição, inclusive cantando; ou seja, existem projetos que lutam contra essa prática da mutilação.

E, novamente, nota-se que o padrão da DW é nunca fazer críticas diretas, mas deixar as informações e as situações falarem por elas mesmas. Ao fim e ao cabo, apesar de não fazer uma crítica direta, o *feature* parece objetivar não só apresentar a realidade, mas também conseguir nossa adesão à causa de defesa dos direitos das mulheres.

Sobre a oralidade radiofônica, pode-se dizer que o texto do *feature* respeita a simplicidade, a concisão e a coerência, por meio de frases curtas; a linguagem coloquial e a organização quase sempre de ordem direta.

Ao contrário das reportagens analisadas anteriormente, essa foi feita pelo serviço em português da Deutsche Welle, como nos conta o diretor do serviço radiofônico em português da DW, Johannes Beck, por e-mail. É fundamental observar que, para este *feature*, a repórter se deslocou até Genebra e ficou quatro dias na produção. Assim, este trabalho está em harmonia com os cânones do jornalismo de desenvolvimento, da mesma maneira que defendem especialistas do gênero, como Labrador (1995), Wates (2010) e Degen<sup>19</sup>, por exemplo.

#### 4.6. A MODALIDADE PELA DEUTSCHE WELLE

Portanto, a partir das inferências feitas por meio da análise, é possível vislumbrar a tabela que segue. Os *features* estão numerados de acordo com a ordem de aparecimento na análise.

	<b><i>Feature 1</i></b>	<b><i>Feature 2</i></b>	<b><i>Feature 3</i></b>	<b><i>Feature 4</i></b>
<b>Linguagem textual</b>	Simple e coloquial	Simple e coloquial	Simple e coloquial	Simple e coloquial
<b>Paisagem sonora</b>	22''	Não presente	1'6''	25''
<b>Silêncio</b>	Não presente	Não presente	19''	Não presente
<b>Música</b>	Não presente	Não presente	Não presente	30''
<b>Humanização</b>	Modelo individual	Modelo individual	Modelo individual	Modelo geral (do macro

<sup>19</sup> Baseado em informações proferidas pelo freelancer australiano e consultor da *Deutsche Welle* Guy Degen, na conferência intitulada "Developing World", que aconteceu em 23 de março de 2010, em Bruxelas, Bélgica, sob coordenação da Comissão Europeia e do Centro Europeu de Jornalismo.

	( <i>feature</i> )	( <i>feature</i> )	( <i>feature</i> )	para o micro)
<b>Nº de personagens oficiais</b>	Nenhum	Dois	Dois	Três
<b>Nº de personagens não oficiais</b>	Quatro	Três	Cinco	Nenhum
<b>Questão autoral</b>	Indireta, presente nas descrições	Indireta, presente nas descrições	Indireta, presente nas descrições	Direta, presente nas descrições e no uso de verbos na primeira pessoa do singular
<b>Duração total</b>	10'14''	9'	10'12''	9'59''
<b>Tempo de produção</b>	---	---	---	4 dias

Em vista desses resultados, ainda que não seja possível traçar um padrão conciso e fechado da maneira que é praticado o jornalismo de desenvolvimento no serviço em português da DW, é possível delinear algumas regras gerais, presentes em quase todos os quatro exemplos analisados.

Os programas beiram os 10 minutos – em média, 9 minutos e 71 segundos – e primam por uma linguagem textual simples. No tocante à linguagem geral, faz-se raramente uso de todas as possibilidades, geralmente deixando de lado a música e o silêncio. Nesse caso, considerando música e silêncio, quando um deles está presente, o outro elemento fica ausente. Portanto, embora o caso da Deutsche Welle em português seja de fato exemplar, fazer um melhor uso da linguagem – principalmente da paisagem sonora – seria interessante e ideal.

Em três dos quatro *features* analisados, é usual o formato individual, também chamado de *feature*, por Wates (2010), que valoriza perspectivas bastante pessoais e humanizadas. A questão autoral, portanto, é presente e fica visível principalmente

nas narrativas e descrições dos repórteres, que são as bases para a humanização das histórias.

Além disso, nota-se que os *features* tendem a começar com descrições de uma das personagens principais e do local onde ela está. Percebe-se também que é dada uma importância valorativa maior aos personagens não oficiais, que parecem indicar com maior certeza como a realidade dos problemas socioeconômicos é de fato.

Todos os *features* submetidos à análise seguem, quase plenamente, as recomendações dos cânones do jornalismo de desenvolvimento contemporâneo. Além de fazerem o repórter ir ao local e passar um tempo maior que o usual para a produção, como ocorre no *feature* 'Mutilação Genital Feminina - parte 1: Os diferentes tipos', as reportagens de desenvolvimento da DW não se caracterizam pela utilização do *lead*, ou de qualquer outra técnica convencional do fazer do jornalismo. Mais: os *features* mostram que houve uma ampla apuração e investigação em torno dos tópicos tratados e das políticas públicas analisadas.

Juntamente com isso, deve-se ressaltar a tendência – também presente em todos os programas analisados – de disponibilizar os *features* de maneira multimídia em seus websites, como lembra Schacht (2011). São disponibilizados não apenas os programas, como também um resumo do *feature* e fotos dos lugares e dos personagens referidos nele.

Diante disso, verifica-se que a afirmação do jornalista Guy Degen – de que a prática da DW é um dos melhores exemplos do fazer de jornalismo de desenvolvimento – casa com a realidade. Porque é notório no caso da DW que a modalidade é praticada visando à cobertura da situação socioeconômica de outros países. Ou seja, não só pode mediar temas em nações em desenvolvimento, como também pode ajudar a direcionar as políticas e os subsídios dos países desenvolvidos aos países em desenvolvimento.

Portanto, àqueles que desejarem pôr em prática a modalidade, vale ter como ponto de referência os exemplos radiofônicos da Deutsche Welle.



## 5 O JORNALISMO DE DESENVOLVIMENTO NO BRASIL

Já fizemos um pequeno histórico dessa modalidade jornalística, já exploramos seus aspectos teóricos e já pudemos perceber como ela é posta em prática pela Deutsche Welle. Mas, nesse cenário global no qual se insere a modalidade, cabe uma pergunta: e o Brasil?

No que concerne ao rádio, um dos poucos programas encontrados, que coloca o jornalismo de desenvolvimento em ação, é o ‘Viva a Vida’, da Pastoral da Criança. Vale salientar que o jornalismo produzido por eles não é feito com esse nome. Mas, como destaca Labrador (1995), o jornalismo de desenvolvimento não precisa ser necessariamente chamado de jornalismo de desenvolvimento para ser jornalismo de desenvolvimento.

A fim de ilustrar um exemplo bem sucedido no país – neste caso de um jornalismo de desenvolvimento nacional, e não internacional, como na prática da Deutsche Welle – e de instigar novas pesquisas, far-se-á uma breve análise do programa, a partir de um olhar que pretende desvendar parte da produção da modalidade no Brasil.

A análise é baseada na escuta dos programas e em uma entrevista feita com Ivo Prati, um dos responsáveis pela comunicação interna da Pastoral da Criança, no dia 03 de novembro de 2011.

Prati é formado em Letras Clássicas (Português e Inglês), Filosofia, Teologia e Artes Dramáticas, no Brasil, e em Comunicação Social, na Itália. Ele trabalha na Pastoral há mais de 15 anos e acompanha de perto todo o processo de execução do programa.

### 5.1. PROGRAMA ‘VIVA A VIDA’

São feitos quatro programas, com duração de 15 minutos, todo o mês. No total, segundo ele, mais de 3 mil emissoras (entre AM e FM) transmitem gratuitamente os programas, que focam em tópicos de desenvolvimento, como saúde, nutrição, educação, direitos, organização comunitária, entre outros. O objetivo é informar, educar e prevenir, como conta Prati, em entrevista ao autor deste trabalho, para que a comunidade participe na solução de seus próprios problemas.

Devido ao respeito às diferenças regionais, o programa é gravado em dois locais: Curitiba (Paraná) e Teresina (Piauí). Nesta, são gravados os programas para as regiões Norte e Nordeste; naquela, são gravados para Sul, Sudeste e Centro-Oeste. As equipes da sede da Pastoral em Curitiba, e da Rádio Pioneira do Piauí, responsáveis pelos programas, giram em torno de 20 pessoas.

A distribuição é feita por CDs, que contém dois formatos de áudio, para que as rádios escolham o que mais lhes convier. A saber, mp3 e wma. Além disso, constam nos CDs todos os componentes do programa: músicas, vinhetas, locuções, entrevistas, spots etc. De acordo com Prati, isso é feito para que, caso alguma rádio considere 15 minutos de duração muito tempo, seja possível montar um outro programa, sobre o mesmo tema, só que mais curto.

‘Viva a Vida’ consegue manter um canal permanente de ‘informação alegre’, como a própria Pastoral da Criança ressalta, há 21 anos, já que iniciou seus trabalhos em 1990. Quando inquirido sobre o motivo dessa informação alegre, Prati diz que, como muitas comunidades atingidas pelo programa vivem na pobreza, notícias ruins devem ser evitadas.

Os temas a serem abordados nos programas são todos definidos em reuniões anuais, conhecidas como Assembleias Nacionais. A partir disso, a equipe de comunicação produz *briefings*, que, por sua vez, são enviados para técnicos de diversas áreas, da própria Pastoral. Os técnicos produzem as pautas e mandam-nas para os responsáveis pela comunicação. Assim, começa, enfim, o processo de produção dos programas, que dura cerca de um mês. Este é outro ponto que vai ao encontro do que o jornalismo de desenvolvimento defende.

E Prati explica que os temas são definidos a partir de anseios urgentes das próprias populações locais, representadas nessas reuniões anuais por coordenadoras diocesanas. Ou seja, a população pauta o programa. Mães, famílias, líderes comunitários, agentes de saúde, entre outros grupos, são o público alvo do programa. Por isso a linguagem textual utilizada – clara, coloquial e simples – se aproxima da linguagem desse universo de pessoas.

O programa se sustenta sobre a estética das rádios AM populares brasileiras e utiliza de dramatizações, que se aproximam das rádio novelas; músicas, depoimentos, reportagens e entrevistas. Mas, como são apenas 15 minutos, quando há entrevista, os responsáveis não inserem reportagens, e vice-versa. Apesar da posição de vanguarda de ‘Viva a Vida’, contudo, devemos ressaltar que não há uso

pleno de todas as potencialidades do rádio. Eles não se utilizam de paisagem sonora e silêncio, por exemplo.

De acordo com o responsável entrevistado por este trabalho, o programa tem muito para melhorar. Prati penaliza a falta de interação direta com o ouvinte, pois os programas não são ao vivo e perdem um pouco do imediatismo do rádio. Há resposta por parte do público que pode se comunicar com eles através de e-mails, mas é uma comunicação mais difícil do que se fosse ao vivo.

O programa ajuda a solucionar problemas locais e acaba por adquirir voz de autoridade, segundo relatos que circulam nas reuniões anuais. Prati cita o exemplo de que, em algumas cidades do Nordeste, quando uma mulher estava para parir, os hospitais não permitiam acompanhante. Mas, como a Pastoral divulgou em um de seus programas, poder ter um acompanhante é legal. Por isso, muitas pessoas utilizaram o argumento da Pastoral e acabaram mudando a regra ilegal desses hospitais.

Quando se examina o cenário de mídia no Brasil, portanto, é impróprio ignorar a prática de 21 anos do programa da Pastoral da Criança, o qual faz jornalismo de desenvolvimento sem rotulá-lo dessa forma. Vale ressaltar que o que destaca a experiência da pastoral não é tanto a maneira como o conteúdo é apresentado, mas sim o processo de comunicação com as comunidades, em especial o sistema de pautar. A partir de agora, conhecer a modalidade pode ajudar aqueles que fazem o programa a melhorá-lo.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como lançamos no início deste trabalho, a partir de Bessalok (2006), será ainda possível pensar num veículo que tenha como suas premissas “elevar o nível de consciência, estimular a reflexão e converter cada homem em um agente ativo da transformação do seu meio natural, econômico e social”, como defendia Mario Kaplún (1978, p. 21) para o rádio?

Acredito que com o jornalismo de desenvolvimento, isso ainda é possível. O ‘ainda’ se deve ao fato de que, embora a maioria do jornalismo praticado no rádio brasileiro levante as bandeiras anunciadas por Kaplún, é fato que o jornalismo radiofônico do nosso país ainda faz pouco para estimular a reflexão profunda e a tomada de consciência. A raridade de programas – como os analisados neste trabalho – nas rádios brasileiras confirma a regra.

A mesma situação problemática – só que nas Filipinas – era observada já em 1967, quando o jornalismo de desenvolvimento foi cunhado. Esse foi justamente o motivo para o qual foi concebido: servir de saída para a depressão em que o jornalismo se encontrava, como o guincho de uma corda que puxa para cima um balde no fim do poço.

A necessidade de um rádio acústico – com diferentes formatos –, que nos passe informações de qualidade com profundidade, é iminente. Alguns exemplos abordados neste trabalho pululam, como os de Clark (2008) e Dijkstra (2010), que nos mostram como esse estilo vai além do desejável: é possível.

A contribuição direta da modalidade no campo prático é visível quando analisada a seguinte situação. Se desejamos saber qual é o atual estado da seca no nordeste brasileiro ou sobre a silenciosa guerra civil no Congo (causas e consequências), por exemplo, não podemos recorrer às nossas principais emissoras. Daí a necessidade de lançar mão das rádios e dos periódicos estrangeiros.

Isso não é somente embaraçoso para o jornalismo brasileiro que pretende ser generalista (falar sobre todas as coisas), como impossibilita a apreensão de informações para os que não dominam outros idiomas, sendo força-motriz de mais um monopólio social – por si só excludente.

Nessa questão específica, certamente há o fator ‘interesse’ em jogo, como destacado na pesquisa. Muitas rádios acreditam que o ouvinte não quer ouvir sobre

aqueles temas supracitados e, quando julgam que sim, não sabem exatamente como fazer para que os ouvintes as ouçam. Quando acham alternativas de atrair a atenção, chamam de ‘especial’, rádio documentário, entre outros. O jornalismo de desenvolvimento vem a embalsamar esses rótulos, transformando-os em rotina.

Como já ressaltamos diversas vezes, essa situação advém de uma supervalorização do fator ‘tempo’ na escolha de pautas, em detrimento da ‘importância’ de certas discussões e da qualidade de profundidade. Alguns jornalistas em todo o mundo já perceberam essa realidade, e pretendem retornar ao jornalismo de qualidade. Vale a pena rever o que o então chefe de redação do jornal *Zeit* durante os anos de 1992 e 1997, Robert Leicht, sentenciava:

A explosão da quantidade e da multiplicidade ameaça soterrar a qualidade da informação. A intensa concorrência pela audiência e credibilidade favorece o pensamento superficial, o fascínio emocional, em lugar do peso da reflexão avaliadora. Também a imprensa escrita há tempos procura adequar-se nesse perfil cada vez mais gritante, mais rápido, menor e mais fútil (apud STAUDE, 1994, p.6).

E resgato mais um caso que Staude (1994) nos conta. Durante uma entrevista, Noam Chomsky foi questionado se poderia explicar em um minutinho o que ocorria no Timor Leste e expor sua opinião sobre a situação. Ele disse um curto e simples: ‘Não, não posso’. E a entrevista acabou.

Esse exemplo mostra muito claramente como o elemento tempo foi determinante na entrevista, ao invés da importância do tema, da possibilidade de ouvintes ou telespectadores em desejar saber sobre o caso, e da necessidade de tempo para explanar sobre um assunto tão complexo e repleto de matizes.

Portanto, o jornalismo de desenvolvimento – ou até alguns de seus elementos<sup>20</sup> – pode sim constituir um dos primeiros degraus na difícil subida para a construção um rádio menos bizantino (rígido e tradicional) e mais reflexivo, além de resgatar o papel do jornalismo e dos próprios jornalistas.

É essencial pormenorizar que o papel do jornalismo, segundo a visão do jornalismo de desenvolvimento, é ajudar a desencadear mudanças, a partir de discussões, mas jamais ser força-motriz única de uma transformação socioeconômica. Em uma metáfora, o jornalismo seria como a ferramenta de um

---

<sup>20</sup> Rodrigo Manzano (2000) afirma que a implantação de alguns elementos da modalidade já pode ser considerado um ganho para o jornalismo e para a sociedade.

encanador (sociedade), o qual é o verdadeiro ator das transformações. Mas essa ferramenta pode ser bem ou mal utilizada, vale o lembrete importante.

No entanto, não se deve fazer um sinônimo perfeito entre o jornalismo de desenvolvimento e qualidade. No rádio brasileiro, existem *hard news* reportadas com qualidade, mas mesmo assim ainda parecem faltar temas fundamentais, profundidade, formatos diferentes, linguagem radiofônica acústica, humanização e corporificação das relações humanas.

Para os mais reticentes, os exemplos analisados da Deutsche Welle revelam uma possibilidade real de pôr em prática o jornalismo de desenvolvimento a partir de alternativas menos audazes – se assim pode-se dizer –, como a duração breve de aproximadamente dez minutos e apurações *in loco* mais curtas.

Ao examinar o jornalismo de desenvolvimento e o *feature*, podemos enxergar como as características fundantes são próximas. Afora, é interessante utilizar o *feature* para fazer jornalismo de desenvolvimento porque ele “descreve exemplos para [...] chegar a constatações universais” (STAUDE, 1994, p.20). Ou seja, para conseguir a humanização e a corporificação das relações que o jornalismo de desenvolvimento pretende, faz-se fundamental fazer uso do formato *feature*, como defendem Wates (2010) e Degen.

Por isso fica a dica de o jornalismo de desenvolvimento no rádio tomar corpo no formato de *feature*. A principal diferença entre eles é que o jornalismo de desenvolvimento tem uma agenda de temas mais limitada – o que não é necessariamente ruim –, versando apenas sobre temas socioeconômicos, enquanto que o *feature* não tem amarras, perpassando do real ao ficcional.

O primeiro contato com o jornalismo de desenvolvimento aconteceu quando tive a oportunidade de fazer um curso de pequena duração pelo *European Journalism Centre*, em Bruxelas, no ano de 2010. Ao retornar, encontrei apenas uma referência – não muito didática – sobre o assunto, em português. Era o livro traduzido do alemão Michael Kunczik. As outras menções eram sempre referências ultrarrápidas e simplificadas. Então surgiu a dúvida: afinal, o que é jornalismo de desenvolvimento? Daí nasceu a necessidade deste trabalho.

Ele não só permitiu que conhecêssemos a modalidade e uma boa prática dela, feita pela emissora alemã Deutsche Welle, como acabou se transformando em um inveterado lembrete do compromisso diário que devemos ter com a qualidade, segundo minha avaliação.

Mas ainda restam lacunas a serem preenchidas. Deve ser estudado o exemplo online do jornal britânico *The Guardian*, que voltou a perder circulação depois de ter adotado o formato berlinense em 2005. Desde então o jornal investiu pesadamente para tornar seu conteúdo na rede atraente. Seu objetivo, a longo prazo, era usar a internet para se firmar como a voz liberal do mundo, segundo Molina (2007). E o jornal conseguiu. Ainda segundo o autor, em 2007, havia mais de 15 milhões de usuários diferentes on-line, número maior do que qualquer outro jornal britânico. O site ([www.guardian.co.uk](http://www.guardian.co.uk)), desde então, segundo Molina, é considerado o melhor jornal eletrônico do mundo. E deve receber a atenção por ter uma seção inteira só sobre desenvolvimento, reunindo fotos, textos, vídeos e até arquivos de áudio.

Outra questão, que ainda resta para ser respondida com outras pesquisas, é quais seriam as diferenças entre jornalismo de desenvolvimento, *civic journalism* e comunicação popular? E onde se encaixa, na história, a diferença com o jornalismo literário, por exemplo? Tendo em vista o cenário brasileiro, o jornalismo de desenvolvimento – ou alguns de seus elementos – é posto em prática? Se sim, em quais veículos? E de que maneira é posto em ação? Essas são questões para outros curiosos de plantão.

Nossos ouvidos agradecem.

## 7 REFERÊNCIAS

AGGARWALA, Narinder. **What is Development News?** In Journal of Communication, Vol. 29, No. 2, 181-2, 1979.

AMBROSIO, Sonia A. **A “guerra contra o terror”**: mídia e terrorismo na Indonésia, na Malásia e em Cingapura. In LOGOS 28: Globalização e comunicação internacional. Ano 15, 1º semestre 2008, p.60-72.

ARD RADIO. **Eine Definition**: Was ist eigentlich ein Feature?. Disponível em: <<http://tinyurl.com/clcmly7>>. Acessado em: 22 de abril de 2011.

BAGDIKIAN, B. **The Politics of American Newspapers**. In: Columbia Journalism Review, 10, 1972.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BALSEBRE, Armand. **El lenguaje radiofónico**. Madrid: Cátedra, 2000.

BAUER, Martin W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

BBC WORLD SERVICE. **BBC World Service**. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/worldservice/schedules/frequencies/>>. Acesso em: 19/08/2011.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**: A aventura da modernidade. São Paulo: Schwarcz, 1986.

BESPALHOK, Flávia Lúcia Bazan. **A Prática da Reportagem Radiofônica na Emissora Continental do Rio de Janeiro**. 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP, Bauru, 2006.



BETTERMANN, Erik. **Fostering Global Exchange**: Germany's International Broadcaster. Bonn: Peipers-DruckZentrum KölnWEST, 2010.

CALABRESE, A. **The MacBride Report**: Its Value to a New Generation. In: Quaderns del CAC: Issus 21, 2005.

CARTA, Gianni. **Velho Novo Jornalismo**. São Paulo: Códex, 2003.

SCHACHT, R. **Entre o jornalismo e a arte**: o feature radiofônico. Londrina, 2003.

SCHACHT, R. **O feature radiofônico alemão**: tendências e transformações. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011. Recife. Anais. CD-ROM.

CLARK, J. We can make them listen to us. Manchester: **The Guardian**, 2008. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/journalismcompetition/listen>>. Acessado em: 05 de março de 2011.

CECIL-COCKWELL, M.; FRYER-BIGGS, Z. **Handbook for Student Journalists**: A Guide for Reporting about the world, from around the world. New York: 2009.

DEUTSCHE WELLE. **Deutsche Welle Act**. Bonn: Deutsche Welle, 2005.

DEUTSCHE WELLE; EUROPEAN JOURNALISM CENTRE. **East4South**. Disponível em: <<http://tinyurl.com/3tw6dq9>>. Acessado em: 21 de março de 2010.

DEUTSCHE WELLE. **Deutsche Welle**. Disponível em: <<http://www.dw-world.de/dw/article/0,,2568382,00.html>>. Acessado em: 23 de outubro de 2011.

DIJKSTRA, W.; EUROPEAN JOURNALISM CENTRE. **Developing World**. Disponível em: <<http://tinyurl.com/42ucw2s>>. Acessado em: 05 de junho de 2011.

DIJKSTRA, W.; EUROPEAN JOURNALISM CENTRE. **Developing World**. Disponível em: <<http://tinyurl.com/4y9md4p>>. Acessado em: 05 de junho de 2011.

DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

ELLIOTT, C. **Defining Development News Values: An Examination of Press Releases from New China News Agency**. In: MCINTYRE, B. T. *Mass Media in the Asian Pacific*. Clevedon: Short Run Press, 1998.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra DC Luzzato, 2000.

FLEURY, J. **Development journalism or just good journalism**. In: British Broadcasting Corporation World Service, 2004. Disponível em: <<http://tinyurl.com/3t382x9>>. Acessado em: 13 de março de 2011.

FONSECA, 2005. Wilson C. da. **Análise de conteúdo**. In: DUARTE, J.; BARROS, A. *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

FRANKEL, C. **The Relationship of Theory to Practice**. In: STEIN, H. (ed.). *Social Theory and Social Invention*. San Francisco, California, 1968.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GARRISON, Bruce. **Professional Feature Writing**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Assoc Inc., 2004.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GONTIJO, S. **O livro de ouro da Comunicação**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GROSSENBACHER, René. **Journalismus in Entwicklungsländern**. Wien: Böhlau, 1988.

GROSSMANN, Eliana. **O serviço brasileiro da Deutsche Welle**. São Paulo: Universidade Paulista, 2007.

HAAS, T. **Public Journalism's Historical Roots In Development Journalism: Farm Radio Forums for Rural Development**. In: International Journal of Communication 19.1: 5-12, 2009.

HEEKS, R. **The ICT4D 2.0 Manifesto: Where Next for ICTs and International Development?** Manchester: Development Informatics Group, 2009.

KAPLÚN, Mário. **Produccion de programas de radio: el guion, la realizacion**. Quito: Ciespal, 1978.

KOS, Wolfgang. **Das Radio-Feature: ein Werkstattbuch**. Konstanz: UVK Medien, 1997.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo: Norte e Sul**. São Paulo: Edusp, 1997.

LABRADOR, Virgílio S. **Marginal notes on development journalism and writing development stories**. In Workshop on Editorial Management for Women Journalists: Singapore, May 24-31, 1995. Singapore: Asian Media Information and Communication Centre.

LOCKSLEY, G. **The Media and Development: What's the Story?** Washington, World Bank Paper 158, 2009.

LOO, Eric. **Best Practices of Journalism in Asia**. Konrad-Adenauer-Stiftung, Singapore, 2009.

MACBRIDE, Sean. **Many Voices, One World**. New York: UNESCO, 1980.

MACFARLANE, John. Is it time for slow news movement? **The Walrus**, Toronto, set. 2011. Editorial, p. 2.

MANZANO, Rodrigo. **Ouvindo-repórter**: por um radiojornalismo acústico. TCC. Universidade Estadual de Londrina, 2000.

MARCONDES FILHO, C. **O Capital da Notícia**: Jornalismo como Produção Social da Segunda Natureza. São Paulo, Ática, 1986.

MCPHAIL, T.L. **Development Communication**: Reframing the Role of The Media. Malaysia, Blackwell Publishing, 2009.

MEDITSCH, Eduardo. **A Nova Era Do Rádio**: O Discurso Do Radiojornalismo Enquanto Produto Intelectual Eletrônico. 1997. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-discurso-radiojornalismo.html>>. Acesso em: 14 de Outubro de 2011.

MENDONÇA JORGE, T. **A notícia e os valores-notícia**: O papel do jornalista e dos filtros ideológicos no dia-a-dia da imprensa. UNlrevista, Vol. 1, nº 3, 2006.

MENEZES, J.E. de O. **Cultura do ouvir**: das pinturas rupestres aos audiocasts. Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011.

MESQUITA, Mário. **O Quarto Equívoco**: O poder dos media na sociedade contemporânea. Coimbra: Minerva Coimbra, 2003.

MEY, Jacob L. **As Vozes da Sociedade**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

MOLINA, Matías M. **Os Melhores Jornais do Mundo**: Uma visão da imprensa internacional. São Paulo: Editora Globo, 2007.

MWAFFISI, Samwilu. **Development Journalism**: How prepared are Tanzanian Journalists? In Africa Media Review. Vol. 5, No.2, p.85-93, 1991.

ODHIAMBO, Lewis O. **Development Journalism in Africa: Capitulation of the Fourth Estate?** In Africa Media Review. Vol. 5, No.2, p.17-29, 1991.

OGAN, Christine L. **Coverage of Development News in Developed and Developing Countries.** In Journalism Quarterly, Vol. 64. No. 1, pp. 80-7, 1987.

OLUJOBI, G. **The Africa You Need to Know.** In: USC Center on Public Diplomacy, University of Southern California, California, 2006. Disponível em: <<http://tinyurl.com/3edp59h>>. Acessado em: 18 de março de 2011.

PROTHERO, S. **God Is Not One: The Eight Rival Religions That Run the World – and Why Their Differences Matter.** New York, HarperOne, 2010.

QUEBRAL, Nora C. **Development Communication: Where Does It Stand Today?.** In Media Asia, Vol. 2, No. 4, pp. 197-202, 1975.

REIN, Wolfgang; ZINDEL, Udo. **Das Radio-Feature: ein Werkstattbuch.** Konstanz: UVK Medien, 1997.

SAXER, Ulrich; GROSSENBACHER, Rene. **Medien und Entwicklungsprozess: Eine empirische Studie im westafrikanischen Benin.** Köln: Böhlau, 1987.

SCHRAMM, W.; ATWOOD, E. **Circulation of News in the Third World.** Hong Kong, 1981.

SENDER FREIES BERLIN. **Dreissig Jahre Feature im SFB.** Publicação comemorativa aos 30 anos de feature. Berlin, 1984.

SIEBERT, F.; PETERSON, T.; SCHRAMM, W. **Four Theories of the Press.** Urbana: University of Illinois Press, 1956.

STAUDE, Linda. **Montagekunst par excellence: Versuch einer Dramaturgie des Hörfunk-Features.** Trabalho de Conclusão de Curso, 1994.

STEENSEN, Steen. **What is feature journalism?** Karstad: 19th Nordic Conference for Media and Communication Research, 2009.

TSCHOCHNER, Michael. **O programa: rádio, internet e televisão.** Deutsche Welle: Bonn, 2009.

UNITED NATIONS. **Human Development Report 2000.** New York, United Nations, 2000.

VELHO, G. **Individualismo e Cultura.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

WATES, Oliver. **Central Europe Journalist's Guide to Reporting Development.** Prague: European Journalism Centre, 2010.

WIMMER, Jeffrey; WOLF, Susanne; **Development journalism out of date?** Elektronische Publikationen der Universität München. Kommunikations- und Medienforschung. Münchener Beiträge zur Kommunikationswissenschaft Nr. 3, Mai 2005.

WOOD, A.; BARNES, J. **Making Poverty the Story:** Time to Involve the Media in Poverty Reduction. London: Panos London, 2007.

ZACHARY, G.P. **Global Media and the Development Story:** An Introduction. IFPRI, Washington, 2007.

ZHAO, J. (2006). **Communication and Rural Development in China:** A Historical Review. Journal of Development Communication, 17(1), 13-27.

ZINDEL, Udo. **Dramaturgischer Brückenbau.** Feature-Workshop, revista *Cut*, mar. 2000.

## **8 ANEXOS**

### **ANEXO A – CDs**

#### **CD 1 – *Feature* exemplo da ARD**

**(Os senhores da guerra de Mogadíscio)**

#### **CD 2 – *Features* da Deutsche Welle**

(Objetivos de Desenvolvimento do Milênio: escolaridade para todos na Índia)

(Objetivos de Desenvolvimento do Milênio: escolaridade para todos na Colômbia)

(Os homens do lixo de Manila: “Quem fica doente, morre”)

(Mutilação Genital Feminina - parte 1: Os diferentes tipos)

#### **CD 3 – Três programas de rádio da Pastoral da Criança**







